

REVISTA

DA

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

NUMERO 14

Setembro de 1932

ATACAJU

SERGIPE



1932

Impressão: Off. Gr.
44475-7

REVISTA

DA

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

SUMÁRIO

Garcia Moreno	RESPOSTA	3
Pelle Bezerra	Discurso de posse	17
José Augusto da Rocha Lima	Discurso (Saudeção)	37
Padre Filadelfo Oliveira	Jubilau Aureo Sacerdotal	51
" " "	Juramento Sacerdotal	55
Frei Vilar	Oração Sacerdotal	57
Antonio Henrique	Bodes de Ouro	50
Freire Ribeiro	Discurso	61
Padre Filadelfo Oliveira	O Clero no Brasil	65
Gervasio Prata	Estilo das Letras	69
Enoch Santiago	Gumersindo Bessa	73
Zozimo Lima	Meu Filho	89
Benedito Cardoso	Discurso	93
Severino Uchôa	Discurso	107
A. Pesse do Acadêmico Benedito Cardoso	Reportagem	125
J. Freire Ribeiro	Poema do Silencio da Noite	129
José da Silva Ribeiro Filho	Discurso	133
Monsenhor Carlos Costa	Discurso	155
Luiz Pereira de Melo	Rui, o Jornalista	163
José Augusto R. Lima	Uma cidade Bi-Milanes	179
" " " "	Discurso	185
Epifanio Doria	Efemerides Sergipanas	191
" " "	correspondente	195
J. Pires Wynne	Cayacan	203
Gervasio Prata	Os Riachos da Miaba	213
Epifanio Doria	Quadro Acadêmico	217

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

Presidente — Dr. Marcos Ferreira de Jesus

Vice-Presidente — Dr. Enoch Santiago

Secretário Geral — Zózimo Lima

1.º Secretário — Dr. Severino Uchôa

2.º Secretário — Freire Ribeiro

Tesoureiro — João Evangelista Cajneiro

Bibliotecário — Dr. Luiz Pereira de Melo

RESPOSTA

—
GARCIA MORENO

Senhor FELTE BEZERRA:

Ao concluir o esquema mental que haveria de seguir para traçar, nesta hora, o perfil de vossa vida, tive diante do espírito muito mais do que o quadro de uma brilhante biografia humana: percebi que gizára a história de uma vocação. De uma legítima vocação, no sentido que lhe confere o conceito lapidar de ANDRÉ CHAMSON: "une parcelle de fatalité incarnée dans le coeur d'un homme". A luta vitoriosa de uma vontade poderosa contra a conspiração da realidade adversa. A história de um homem lançado na confusão de múltiplos caminhos, chamado a perliustrar verêdas e atalhas numerosos, mas que acerta, definitivamente, com a estrada real, chã e limpa, de seu autêntico destino. É facil imaginar o drama íntimo daquele meúdo adolescente de 1924, ainda sem buço, de olhos vivos e rosto avermelhado de espinha, talvez com as suas primeiras calças compridas, sentindo que o último preparatório prestado, aos 15 anos de idade, no velho Ateneu Sergipense, marcava o fim de sua carreira de estudos.

Conclusão triste e dolorosa para quem crescera entre livros, enxergando na erudição do pai excepcional e na fama do tio célebre, o programa melhor de sua vida. Em vez de transpor, como sempre sonhára, os pórticos da Escola Superior, fóra de Sergipe, penetrou, desiludido, na rua de Capela, a casa do professor de escrituração mercantil. Transformou folhas de papel pautado em costaneiras, conta-correntes e balanços, fazendo-se guarda-livros. O rapazola, cuja inteligência estivera sempre voltada para os anfiteatros académicos, cedeu às exigências prosaicas da existência e foi para uma carteira de escriturário do "Banco de Sergipe". E' bem possível que a vida de rapaz que se inaugurára, com o dinheiro dos ordenados e a convivência dos companheiros mais velhos, enchesse de alegria e gostosura os dias do mancebo, e lhe dêsse o sentimento ilusório de ajustamento e tranquilidade. Possível ainda que os recursos psicológicos de defesa da personalidade tivessem usado os falsos pretextos da racionalização para justificar que um escriturário de banco, bem vestido e de bolsa folgada, vale muito mais do que o estudante pobre de roupas surradas e parecia mesada. Quem o visse mais tarde, num dos melhores escritórios comerciais da província, chefe da contabilidade, reto, idôneo, eficiente, cercado de louvores e consideração dos meios mercurianos, acreditá-lo-ia feito para tais misteres, abrindo uma excepção da linha tradicional da família de professores.

Crença que o tempo demonstraria falsa. Duas forças distintas movem os homens no exercício de suas atividades: a aptidão e a vocação. A primeira importa na habilidade de inteligência, num frio ajuste intelectual ou manual do indivíduo a seu trabalho, que pode ser de excelente qualidade. A vocação é o ajustamento total do homem à sua obra. Não é só trabalhar. É trabalhar com amor. É sentir na criação, que lhe sai do cérebro e das mãos, a marca inconfundível do sentimento, as tonalidades específicas do mundo afetivo. O homem que conta apenas, com a aptidão, nas coisas que realiza é o fazedor das obras impessoais, como aquelas que nascem das máquinas de fabricação em série. Só a vocação cria obras vivas, transmitindo-lhes, num misterioso mecanismo de hereditariedade *sui generis*, os traços identificadores da personalidade. A vocação é uma voz que clama dentro de nós. Vem das profundezas do ser e alimenta-se de uma força fatal. É um deus interior que nos governa ou que nos castiga. Quando a adversidade e a desorientação, a sugestão alheia e o interesse imediato nos ensurdecem para os seus clamores, ai de nós, pobrezinhos de nós!... Marcharemos como uns tontos, como quem esqueceu o roteiro de seu caminho. O trabalho perde sua característica essencial de fonte de alegria para transformar-se nas penas diárias de um castigo. Afastado de suas tendências reais e profundas, o homem sofre duas vezes: sofre pelo que faz e sofre, sobretudo, pelo que não faz. Foi para não sofrer *pelo que não faz* que o americano moderno criou o *hobby*, o trabalho sem o sentido do ganha-pão, a atividade recreativa que canaliza e atualiza as forças potenciais da vocação. O *hobby* é uma fuga e é uma compensação. Os homens, realmente felizes e vitoriosos, são aqueles que fazem, na vida, o papel para que nasceram. A distorsão das tendências inatas é a origem certa de muito sofrimento individual e, frequentemente, de graves lesões sociais. Nas expressões proverbiais "cada macaco no seu galho" e "cada um com o seu pão-deiro" há toda uma filosofia de sábia orientação profissional. Uma verdade tão cristalina como a que se desprende da teoria estruturalística de SPRANGER.

A vossa capacidade, Senhor FELTE BEZERRA, revelada nos mistérios do comércio decorria da aptidão de homem inteligente, de grande força assimiladora. O conformismo, porém, era só de aparência. Sob a rotina dos lançamentos, abaixo das preocupações diárias dos débitos e dos créditos, fervilhavam os vossos pensamentos fieis à vocação. O quietismo, contudo, vos fazia retardar a decisão definidora. A má compensação de vossos esforços, de um lado, e a influência do clima de renovação e de rutura com as velhas fórmulas, que a revolução de 30

Crença que o tempo demonstraria falsa. Duas forças distintas movem os homens no exercício de suas atividades: a aptidão e a vocação. A primeira importa na habilidade de inteligência, num frio ajuste intelectual ou manual do indivíduo a seu trabalho, que pode ser de excelente qualidade. A vocação é o ajustamento total do homem à sua obra. Não é só trabalhar. É trabalhar com amor. É sentir na criação, que lhe sai do cérebro e das mãos, a marca inconfundível do sentimento, as tonalidades específicas do mundo afetivo. O homem que conta, apenas, com a aptidão, nas coisas que realiza é o fazedor das obras impessoais, como aquelas que nascem das máquinas de fabricação em série. Só a vocação cria obras vivas, transmitindo-lhes, num misterioso mecanismo de hereditariedade *sui generis*, os traços identificadores da personalidade. A vocação é uma voz que clama dentro de nós. Vem das profundezas do ser e alimenta-se de uma força fatal. É um deus interior que nos governa ou que nos castiga. Quando a adversidade e a desorientação, a sugestão alheia e o interesse imediato nos ensurdecem para os seus clamores, ai de nós, pobrezinhos de nós!... Marcharemos como uns tontos, como quem esqueceu o roteiro de seu caminho. O trabalho perde sua característica essencial de fonte de alegria para transformar-se nas penas diárias de um castigo. Afastado de suas tendências reais e profundas, o homem sofre duas vezes: sofre pelo que faz e sofre, sobretudo, pelo que não faz. Foi para não sofrer pelo que não faz que o americano moderno criou o *hobby*, o trabalho sem o sentido do ganha-pão, a atividade recreativa que canaliza e atualiza as forças potencias da vocação. O *hobby* é uma fuga e é uma compensação. Os homens, realmente felizes e vitoriosos, são aqueles que fazem, na vida, o papel para que nasceram. A distorsão das tendências inatas é a origem certa de muito sofrimento individual e, frequentemente, de graves lesões sociais. Nas expressões proverbiais "cada macaco no seu galho" e "cada um com o seu pão-deiro" há toda uma filosofia de sábia orientação profissional. Uma verdade tão cristalina como a que se desprende da teoria estruturalística de SPRANGER.

A vossa capacidade, Senhor FELTE BEZERRA, revelada nos mistérios do comércio decorria da aptidão do homem inteligente, de grande força assimiladora. O conformismo, porém, era só de aparência. Sob a rotina dos lançamentos, abaixo das preocupações diárias dos débitos e dos créditos, fervilhavam os vossos pensamentos fieis à vocação. O quietismo, contudo, vos fazia retardar a decisão definidora. A má compensação de vossos esforços, de um lado, e a influência do clima de renovação e de rutura com as velhas fórmulas, que a revolução de 30

trouxe ao país, do outro, despertaram os vossos pendores apenas adormecidos, convocando-vos para uma vida nova. Havia já, nos vossos estudos, um longo hiato, exatamente o período em que vos tornarieis médicos aos 21 anos de idade, si o primeiro sonho de ingressardes na Faculdade não tivesse sido o supremo malogro de vossa adolescência. Ainda desta vez, as restrições econômicas iriam opor-se à realização completa dos vossos desejos. Em lugar do curso médico, longo e caro, a carreira odontológica foi o meio termo conciliador entre a velha aspiração de estudos biológicos e as possibilidades materiais limitadas. O trato anterior das coisas do comércio, si vos fez esquecer muito da vossa química, da vossa física e da vossa história natural, deixara intacto e vivo o núcleo de vossa primorosa formação humanística, condição que vos permitiu a restauração fácil de conhecimentos que, ainda no vestibulo da Faculdade, vos assinalaram o primeiro de vossa turma.

Posso dizer que foi na Bahia que vos conheci. Primeiro, nos encontros fortuitos da Escola de Medicina. Depois, mais intimamente, na vida comum das pensões. Na casa de ALEXANDRE FREIFER com SILVA RIBEIRO FILHO, PIRES WYNNÉ, JOSÉ DE FARO e ALFREDO MONTES, até o dia em que um barulhento e ingênuo foot-ball, no sofá da pensão, feriu a sensibilidade sergipana de dona SINHA, mobilizou as fúrias sírio-libanesas do sr. FREIFER e nos veio a todos o convite irrecorrível de desocupação. Marchámos, então, da travessa dos Afritos para a rua do Bispo, rumo á velha pensão Glória, onde os pratos que não constavam do cardápio eram extraordinários, conforme prescrevia observação destacada da gerência e os que constavam eram ordinariíssimos, segundo a emenda verdadeira de Adolfo Góes. Aquela época, (triste é dizê-lo, Senhora FELTE BEZERRA, lá se vão quase 19 anos) a pensão Glória abrigava a maior colônia estudantil sergipana. Casa curiosa, a pensão Glória. Era a sede oficial do nossismo de PEDRO RÊGO e tinha, além dos tenores de banheiro de todas as pensões do mundo, a exclusividade de possuir em MARQUES GUIMARAES um eloquentíssimo speaker de banheiro, a falar delirantemente, durante a revolução de 32, para o "operariado de São Paulo". Como vêdes, MARQUES treinava...

A vossa vida acadêmica foi um curriculum todo riscado de distinções. Todavia ereis, no curso, de certa maneira, um decepcionado. Fostes para aprender e dominar uma especialidade e ouvistes, muitas vezes, dissertações ócas, palavrosas, numa lingua que podia ser "estomatológica" mas que não era, de forma alguma, vernácula. Ainda guardo comigo, tão vivo com se fosse de ontem, um dos vossos comentários cheio de "cólera sagrada",

a respeito da ignorância quasi traumatizante de um dos vossos colegas de turma, a quem tocava a vez, na banca de estudos, de traduzir um capítulo de Anatomia de Testut. O texto começava assim : "Les dents chez l'homme..." Os dentes na casa do homem... foi a tradução que nos vos consentiu retornar jamais ao grupo de estudos. A vossa irritação mal percebeu que a lingua francesa nada tem a ver com o gênio inventivo. E' bem possível que o vosso colega, traduttore, traditore, tenha inventado um pozinho qualquer, infalível na cura da piórrea. Ha ignorâncias geniais, Senhor FELTE BEZERRA. Fostes, inegavelmente, um estudante notável. As vossas provas escritas, vasadas já, no estilo claro e metódico que seria uma das grandes virtudes da vossa futura ação docente, marcaram época e continham, quase sempre, a melhor ciência do dia, ciência de causar inveja às velharias de certas cátedras. A afeição singular que vos dispensava a figura respeitavel do Prof. MARIO PEIXOTO nasceu da admiração do mestre aos dotes incomuns do discipulo. Muito mais do que o brilho das provas escolares conquistou verdadeira consagração para o vosso nome de estudante excepcional a conferência que, no ano derradeiro do curso, proferistes na semana odontológica celebrada no Liceu de Artes e Ofícios de Salvador. Lembro-me de que quase todos os sergipanos da pensão Glória fomos ouvir a vossa palavra sobre o "Primeiro Dentinho". A surpresa maior para os odontologistas do auditorio fôra a larguesa científica da conferência que se não prendeu ao âmbito exclusivo da especialidade dentaria. Discutia hipóteses e firmava conclusões no terreno mais largo da patologia infantil, destruindo toda uma série dos tabús que sempre obscureceram o tema.

Poucos pisaram, como vós, o chão movediço e incerto da vida profissional, trazendo dos bancos da Faculdade tantos recursos para triunfar. Começastes vida clinica. Chegámos juntos e fincámos ao mesmo tempo, nas areias de Aracaju, nossas tendas de trabalho. Os mesmos temores, e talvez as mesmas ambições, multiplicaram e desenvolveram os nossos laços de amizade. A vossa odontologia e a minha medicina nada tinham de revolucionárias. Não apregoavam métodos milagreiros de cura nem trombeteavam chamamentos mendazes de charlatão. Haviam de esperar, obscuras e ignoradas, que o tempo lhes fosse carreando, sem pressa e sem generosidade, a clientela de prova, a que sonda os méritos do profissional e quase sempre traça o seu bom ou mau destino. Não creio, Senhor FELTE BEZERRA, apesar de terdes subido a ponto alto na

prática odontológica, que o lucro maior da vossa passagem pela escola superior houvesse sido a conquista da profissão liberal. Penso, antes, que o decisivo, o fundamental que ela promoveu em vossa vida foi o gosto renovado pelos estudos, o interesse crescente de intelectualização, de aprimoramento cultural, reconduzindo-vos ao caminho exato da vocação. O contacto com o meio universitário reavivou e dinamizou as verdadeiras tendências do vosso espirito, abrindo e alargando a estrada definitiva dos vossos passos, aquela via retilinea e ascensional para o magistério ilustre e para a pesquisa científica. Haviéis de iniciar as vossas atividades docentes pelo ensino da lingua inglesa, cujo conhecimento, bebido da palavra sábia de ALCEBIADES PAIS, aprimorastes, nos lazeres dos estudos da ciência, ao contacto de LOURIVAL BOMFIM e NELSON ROCHA, na agua furtada, quase romântica, em que moravamos, nos cimos da Pensão Glória. Chegaríeis, pouco depois, á vossa cátedra de Geografia, em designação interina para suceder a MAGALHÃES CARNEIRO, que se ia para a vida remançosa da jubilação. Acompanhei muito de perto o vosso continuo e sistemático trabalho na conquista, palmo a palmo, do extenso território da complexa disciplina. Quando chegastes ao concurso, ereis já o mestre de quem ninguem duvidava, admirado da juventude, firmado no conceito de vossos pares. Todos sentiam que o exemplo de ABDIAS BEZERRA, de proficiência, assiduidade, senso admirável de justiça e compreensão penetrante da mocidade, não desapareceriam com o velho mestre, desdobrado no filho, digno de comparar-se ao pai, malgrado a verdura dos anos. Com demonstrações sobejas e diárias de eficiências didática admirável, todavia, vos tocava a obrigação legal do concurso. A tese que escrevestes, sem a ajuda dos recursos de abundante bibliografia especializada, recebeu mais louvores do que critica. O que dela vos mandou dizer a autoridade de AROLDO DE AZEVEDO traduziu reconhecimento formal de vossos méritos de grande sabedor da Geografia. Todas as vossas provas de concurso foram brilhantes e limpas. A vossa dignidade não vos havia de permitir nunca que mendigasseis, de véspera, aos examinadores os pontos de arguição, tal aqui já se fez, com voz embargada de simulada emoção, como é da técnica peditória dos falsos mendigos.

No Colégio de Sergipe, não sois, nos dias que correm, tão somente um mestre primoroso, cujas aulas se erguem á altura de invejável modelo de clareza didática e atração irresistível para o espirito da juventude. Representais, ainda, a permanência de uma tradição que se vai tornando ameaçada, pelas improvisações fáceis, pela incultura, pelo desamor ao ofício,

por essa coisa exdrúxula que é a mentalidade moderníssima dos empreiteiros do ensino. Tendes o velho ranço de ABDIAS e de FORTES. FORTES e ABDIAS, duas figuras absolutamente singulares de professor secundário, pelos quais a admiração dos discípulos tinha a fidelidade de um culto permanente. Crescessem os discípulos em cultura, conhecessem ao nível mais alto das escolas superiores homens de inegável sabedoria, e retornassem à província obscura, bachareis, engenheiros, médicos, oficiais do exército, diplomados nisso ou naquilo, chegariam todos penetrados da mesma velha devoção por ABDIAS e FORTES, que continuavam a ser ouvidos, como se falassem de suas cátedras, donos da mesma autoridade, mestres admiráveis de doutores, como antes tinham sido respeitáveis professores de estudantes. Pertencendo a espécie quasi extinta dos Fortes e dos Abdias, não vos chamarei, num evidente mau gosto de expressão, *fossil vivo*, porque vos cabe o título excepcional de fiador das melhores tradições do ensino secundário, nestas terras queridíssimas de Sergipe del Rey.

Do alto de vossa cátedra, enxergariets um interesse maior do que as lições rotineiras, ao sabor dos programas oficiais. A curiosidade científica, latente na estrutura de vossa personalidade, seria mobilizada para um setor mais vasto de realizações, de pesquisas históricas e sociais. Estudioso seduzido pela universalidade da ciência, vos revelastes, no melhor de vossos escritos, o homem preso à sua paisagem, diretamente solicitado pelos problemas de sua região, pelas questões mais sugestivas de sua terra e de sua gente. A simples enumeração de vossas publicações demonstra que a nossa sociologia, a nossa história e a nossa geografia têm sido os ângulos principais de vossas pesquisas, numa prova incontestável de que sois um legítimo homem de ciência, investigador de fatos e realidades com um soberbo senso de objetividade. Os vossos ensaios vivem a ilustrar revistas culturais da província e andam em parceria com trabalhos de especialistas famosos do Brasil, nos periódicos dos centros mais importantes do país. "Sergipe e o ciclo do couro", "Sergipe no quadro histórico-social do Brasil", "As origens do Rio Real", "Um xangô de Aracaju", "Origens de Sergipe", "Expansão territorial Sergipense", "A margem da História Política de Sergipe Colonial", "Rio Itapicurú" — "Rio Real", "O Xangô", "Aspetos de Sergipe Atual — O Homem — A Terra", constituem uma parcela preciosa de vossas atividades pesquisadoras, no afan sempre fecundo de esclarecer e retificar pontos de nossa realidade passada e presente. Fora da preocupação dominante do regional, que é a espinha dorsal dos vossos labores intelectuais, a mesma limpidez de estilo e abundan-

cia de erudição refletem-se em "A antiguidade do homem no Brasil", "Folk-lore", "A doutrina possibilista em geografia humana", "Unidade Etnica", "Fronteiras", "Rio Branco — o vulto — a obra", "Discursos de paraninfo" e "Falas na Congregação." Autor de tão numerosa prole espiritual, como certos pais que não escondem a preferência afetiva por determinado filho que melhor lhes copia os traços fisionômicos, a fórmula temperamental e as qualidades de inteligência, já me confessastes que "Falas na Congregação" encerra os vossos escritos prediletos, julgados na sua feição literária.

Não sei se é, realmente, a forma das "Falas" o que mais vos prende a conquista a predileção. Todos os discursos que o opúsculo compagina falam do professor e de seu officio. Um deles são palavras endereçadas a jovem docente que chega ao seio de vossa congregação. Debuxando a figura moral do professor, traçais no discurso de recepção a MANOEL RIBEIRO, numa legitima projeção de sentimentos, o vosso próprio retrato de mestre: "...são dotes pessoais, são tendências inatas, que fazem a vocação do professor e sem eles não seria possível resistir aos sacrifícios que o nosso sacerdócio nos impõe. Aqui, somos mestres, somos juizes e somos modelos.

Mal sabemos qual das funções a mais nobre e a que nos exige maiores responsabilidades. Na cátedra, estamos sempre lembrados de que nossos ensinamentos serão absorvidos com sofreguidão pela juventude que nos é entregue. Ela copia nossos gestos e atitudes, e isso nos obriga a um comportamento impar, na sociedade em que vivemos. E aí não fica o nosso papel; vamos além, adiantamo-nos ao tempo, porque, ao influxo de nossas idéias e pensamentos, imprimimos nos cérebros em formação os sentimentos que irão balizar as atividades dos moços que permanecem aos nossos cuidados, durante a fase mais crítica de sua vida mental. E' nesse instante crucial para a juventude, em que seus olhos deslumbrados contemplan a vida e encaram a diversidade de problemas; quando, em sua alma inquieta, se estabelecem enormes conflitos, que imprescindível e mais útil é a nossa benfeitoria interferência no regular impulsos, no conduzir raciocínios, no habilitá-la para a compreensão de fenômenos que a nossa experiência interpreta. Surgem, então, as inclinações, os gostos caprichosos, as modalidades disparas de inteligência, ainda amorfas, que temos de estilizar em formulas consentâneas com os reclamos do mundo hodierno." Longe de mim discordar do julgamento auto-crítico com que dais privilégio ao vosso escrito. Perdoai-me, contudo, encontre na vossa preferência um móvel subterrâneo de ingênuo narcisismo. O que vêdes e o de que gostais é do vosso re-

trato moral de professor espelhado no brilho de vossas palavras.

Chego, agora, Senhor FELTE BEZERRA, ao trabalho culminante do vosso espirito. A' vossa obra prima, a que vos poderia levar, não ao quadro modesto da Academia provinciana, mas à poltrona consagradora de uma sociedade nacional de Antropologia. "Etnias Sergipanas" surgiu para a cultura de Sergipe com aqueles impetus congênitos da perenidade, com aquela mesma força de permanência, apontadas por Roquete Pinto de referência a "Casa Grande e Senzala", no âmbito mais largo das letras nacionais. Podemos dizer, também, que o vosso livro nasceu clássico. Tão clássico na literatura sergipana quanto a "Historia" de Felisbello Freire. E' a um tempo, precisidade e necessidade de bibliografia regional. Quem, de agora por diante, intente penetrar a nossa formação de grupo histórico e humano, fará consulta obrigatória ao vosso "Etnias", certo de que encontrará, de par com os informes seguros da pesquisa paciente e honesta, um roteiro imenso de sugestões, um mapa nítido de filões inexplorados, nas numerosas verdades entreabertas, nos rumos delineados de assuntos virgens. Trancado nas quatro paredes da província, sem nunca terdes bebido, nos cursos especializados, a técnica propedéutica da pesquisa e do tratamento científico do material coletado, fizestes um livro que é uma obra milagrosa de autodidatismo, um fruto amadurecido de pendores autênticos e singulares para as ciências sociais.

Semelhante virtude de vosso livro, proclamou-a, com o peso de sua autoridade de professor universitário de Antropologia e pesquisador de renome mundial, o eminente Sr. Emilio Willems, quando escreveu no pórtico de "Etnias": "As ciências sociais aplicadas a problemas administrativos, políticos, econômicos, sanitários e outros, somente podem vingar se existem pesquisadores treinados e um conjunto de conhecimentos sólidos acumulados mediante meticolosos trabalhos de campo. Objetar-se-á que os pesquisadores treinados são raros entre nós e fracos os estímulos que o meio lhes pode comunicar. Essa objeção é legítima, mais alguma coisa pode ser feito assim mesmo. Prova disso temos no presente trabalho de Felte Bezerra, estudioso dos assuntos antropológicos, que não se contenta, como tantos outros, em satisfazer sua curiosidade com a mera leitura e compilação do pensamento alheio. Procurou, num esforço pessoal e provavelmente sem encontrar muita compreensão, achar alguma relação entre os conhecimentos substanciais da antropologia moderna que assimilara e a realidade de sua terra, o Estado de Sergipe. Nasceu assim este livro.

trabalho honesto e inteligente, que nos apresenta um quadro bastante vivo das etnias sergipanas, sua composição, distribuição, história e prováveis origens. Certamente, se possuíssemos de cada Estado pelo menos um estudo semelhante a este, a dolorosa ignorância a respeito dos fatos mais elementares da vida atual das populações regionais do Brasil, ficaria reduzida a uma fração alentadora."

Antes de ser uma voz isolada, que só por si já seria uma consagração, a palavra do Prof. Willems harmoniza-se a outros julgamentos de sábios sociólogos e famosos antropologistas do Brasil e do estrangeiro, a respeito do vosso livro. ROGER BASTIDE, representante da cultura eterna da França, a serviço da inteligência brasileira na Universidade de São Paulo, ao terminar "la lecture de votre excellent livre", confessou sua admiração de pesquisador experimentado: "quand on a l'expérience de difficultés que l'on rencontre à faire des enquêtes dans certaines zones, ou milieux sociaux, on ne peut qu'admirer ce que vous avez réussi à faire à Sergipe". Louvando as tendências regionais de vossa cultura, conclue o mestre gaulês: "Je suis persuadé que la meilleure de toutes les cultures est celle qui prend sa source dans la terre nourricière". O livro que escrevestes sobre a formação étnica de Sergipe aprofundou um tema eminentemente regional mas tem uma alta significação para toda a cultura brasileira especializada no assunto. Não nasceu com o destino obscuro de permanecer perenemente virgem nas estantes dos amigos provincianos. Veio com fins mais amplos e, sem dúvida, mais nobres. DONALD PIERSON, mestre da antropologia, universalmente admirado, disse do vosso livro palavras que valem um diploma de competência: "valiosa contribuição feita aos estudiosos do país, que têm um interesse verdadeiro pelas realidades brasileiras. Fiquei, diz o professor americano, igualmente impressionado com os seus conhecimentos sobre a atual ciência social, e os instrumentos de pesquisa que usamos. Considero sua competência nessa valiosa obra. As atitudes que mostra pareceu refletir um espírito de cunho altamente científico, quanto ao "approach à própria realidade, à fidedignidade da observação e à muito importante honestidade intelectual".

Houve quem vos mandasse dizer que companhias terá o vosso "Etnias" na marcha dentro do tempo. Foi o Prof. Oracy Nogueira, diretor da Revista SOCIOLOGIA, de São Paulo: "trabalho, sem dúvida de valor que, de agora em diante, não poderá deixar de figurar nas bibliotecas dos interessados em tais assuntos, ao lado dos livros de ARTUR RAMOS, DONALD

PIERSON e outros, cujas contribuições, neste campo, já se tornaram consagradas”.

Luiz da Câmara Cascudo, preso como vós às coisas de sua provincia, etnólogo de gênio, mestre no Brasil e no mundo de sua especialidade, naquela linguagem cordialissima e borbulhante de ciclotimico, traçou de “Etnias Sergipanas” um perfil maravilhoso: “A nossa bibliografia na espécie recebe essa moedinha de ouro, tão legitima de verificação e honestidade meticolosa como no raro horizonte da linguagem fácil, clara, saborosa de graça, de humor, de entusiasmo discreto. Livro de provincia, “Etnias Sergipanas” é um orgulho para todos os estudantes do campo”.

E para ser completa, Senhor FELTE BEZERRA, a consagração do vosso magnifico trabalho, não vos faltaram os elogios dos nomes mais famosos da Antropologia do Brasil, nos campos biológicos e cultural: *Roquete Pinto* e *Gilberto Freyre*. O sábio autor de *Rondonia* definiu n’um traço: “notável ensaio pela segurança com que trata o assunto e pelo brilho da exposição”. Gilberto não escreveu sobre o vosso livro. Nem sempre, porém, o silêncio é uma conspiração. Agora, quando vem a lume a 2.^a edição de “Nordeste”, Gilberto Freyre ampara pontos de vista em citações colhidas de “Etnias”. Vale a pena porque é uma distinção para a cultura sergipana, abrir a página 157 de “Nordeste”. Lá está: o “pesquisador Felte Bezerra, autor de “Etnias Sergipanas”, observa que “a designação de cigano, entre nós, tem mais um sentido cultural do que étnico, traduz vida nômade e sustentada por trocas e barganhas. E a propósito lembra que no “Livro das Denunciações do Santo Officio”, D. Marcos Teixeira, está citada uma Joana Ribeiro, a cigana moradora em Sergipe del Rei que é apontada como israelita. O que, termina Gilberto, talvez explique também a extensão, antes cultural do que étnica, da designação de “gringo”, no Nordeste e a outras regiões do Brasil”.

O último capítulo do vosso livro, consagrado ao estudo do contacto e relações de raça, em Sergipe, é uma fonte murmurante e fresca de sugestões, principalmente quando aflorais a questão importantissima da marginalidade psicológica do mestiço. Si mostrais que não existe, entre nós, aquele quadro doloroso e desumano dos híbridos da Africa do Sul, dos *colored men* do Norte América, dos *half-castes* da India, apontais, todavia, um sem número de fórmula comportamental de mesclados, onde se pôde apalpar a ferida viva do sentimento de inferioridade. De-fato, o anseio de branquidade é no mestiço mais do que uma aspiração de status, de melhoria de posição social. E’ qualquer coisa como um desejo profun-

díssimo de serenidade consigo mesmo, de tranquilidade íntima, de eliminação de um estigma doloroso. E' menos, Senhor FELTE BEZERRA, um impulso ascencional do socius do que um assoberbante élan do homem em si mesmo. Assim há de ser sempre, em-quanto o mundo do mestiço girar em torno da uma cultura branca. Já reparastes, sem dúvida, que, na simbólica universal, o branco é o puro, o sem mácula, o perfeito. No grande inconciente coletivo dos mestiços, o branco é o supremo ideal de purificação. Branca é a hostia. Branca é a bandeira da paz. Brancas são as almas sem pecado. Branco é, enfim, o anagógico, o bom, o superior. Negro é o ódio, é o mau, o catagógico, o inferior. Pouco importam os postulados científicos da igualdade racial, que iluminam a consciência do homem mas não descem ao subsolo de suas vivências milenares. Nunca estará tranquilo, intimamente tranquilo num mundo que o branco modelou à sua imagem e semelhança, num mundo que o branco branquiou, o chamado homem de côr. É uma fatalidade de psicologia profunda. Dizia-me, certa feita um negro retinto: "os brancos é que fazem tudo, até o sentido das palavras". Exemplificava: "boi preto é boi preto; mas cavalo branco é cavalo russo".

Nem sempre, Senhor FELTE BEZERRA, é possível avaliar a vivência de inferioridade do mestiço pela sintomatologia externa das compensações: o pó de arroz, a máquina de esticar cabelo, o sapato de alto preço, o pernosticismo do mulato, o dengo traíçoeiro da mulata, e que vos referís. Diz Olive Shreiner, tratando da marginalidade aguda do híbrido sul-africano, que, na maior parte dos casos, "se fosse possível ao mestiço arrancar, com pinças candentes, até o último bocado de sua carne de preto, fá-lo-ia". Aqui nem sempre é assim. Mas, às vezes, é assim. Devem andar por aí, com semelhante tortura, muitas almas mestiças. Vos sabeis que, a partir da contribuição genial de Segismundo Freud, os sintomas das doenças mentais subiram à categoria de uma linguagem cifrada, mas de sentido inteligível. No homem que delira, vem à superfície a magna superaquecida de seus complexos e vivências. Diria, buscando na vossa geografia uma imagem, os delírios são os vulcões da alma. Denunciam que sob a aparente solidez de crôsta, há o mundo infernal da piroesfera. Sabeis, de outro lado, que a psicopatologia é um velho e utilíssimo processo de investigação da psicologia normal. Permiti, pois, que vos conte a história de um caso em que a doença periferizou aquela vivência profunda, a que se reporta Shreiner, de arrancar à pinça o último bocado de carne negra.

É a história de uma esquizofrênica, mestiça de pai branco europeu e mãe mulata nordestina. A moça inclinou-se, sem ser correspondida, para um jovem mestiço de cabelos cimotricos. Viveu, longamente, seu doce amor platônico. Um dia o mestiço, de bom status, casa com u'a moça branca e rica. Vêdo os termos da equação : u'a mulata apaixonada por mestiço de boa aparência ; u'a moça branca que aparece e esmaga, irremediavelmente, os sonhos de amor da mestiça. Podeis avaliar o conflito. Quando a doença se exacerba, o ódio da mestiça contra a progenitora, de fenótipo negroide, é qualquer coisa de trágico. Além do ódio racial, várias tentativas da paciente de abertura das próprias veias para eliminar o sangue negro.

Há, sem dúvida, independente do status, na trama psicológica do homem de cor, uma força inconciente a que se poderia dar o nome de leucotropismo, como nos próprios brancos dos povos mestiços, uma tendência para a hiperleucodermia. Nesta tendência, talvez, se aprofundem as raízes das afirmações, meio lendárias, da abundância de sangue holandês nos brancos de Sergipe, que vós colocastes nos termos verdadeiros. E' essa fuga para o branco que ROGER BASTIDE sublinha na obra de Tobias Barreto e na poesia de Cruz e Souza. A filosofia germânica foi para o mulato o mergulho na branquidade lourodolicocéfala. O simbolismo do negro, uma transfusão de sangue nórdico na sua circulação africana. Na poesia de Cruz e Souza, aponta o sociólogo francês, há a nostalgia do branco, a obsessão do branco, uma arianização psicológica de evasão. Basta um exemplo :

"Alta, a frescura da magnólia fresca
a cor nupcial da flor de laranjeira
Doces tons d'ouro de mulher tudesca

"O' Formas alvas, brancas Formas claras
De luares, de neves, de neblina !...

Senhor FELTE BEZERRA,

A cadeira que vindes ocupar nesta Academia criou-se sob inspiração do espírito estelar de Sílvio Romero.

Não sei de outra em que vos sentissemos melhor, dentro das preferências de vossos estudos. Se é possível gizar-se uma genealogia espiritual, sois com certeza um neto de Sílvio. Entre a obra ciclópica do polígrafo sergipano e as vossas realizações intelectuais, há uma nítida convergência de interesses, por onde se pode perceber traço legítimo de parentesco.

O problema de nossas etnias e o culto de nossas tradições populares, campos em que *Silvio Romero* deixou as pegadas de gigante, encontram no vosso zêlo de estudioso paciente, honesto e talentoso, uma continuidade vigilante, digna, sob todos os aspetos, da memoria imperecível do mestre. Trazendo-vos para o seu seio, a Academia Sergipana de Letras realinha-se de suas repetidas crises de mau gosto, de seus incompreensíveis caprichos de mulher. Chegando no pleno viço da maturidade que se inicia, imune já, às seduções da gloriosas provincianas, conduziis para esta casa as luzes de um nome nacional. Aqui, como nos outros cantos da cultura sergipana, a vossa figura terá o relevo orográfico de um expoente. A Academia Sergipana de Letras vos agradece e vos saúda, Senhor *Felto Bezerra*.

D I S C U R S O

**que proferiu o Acadêmico Felte Bezerra
no dia de sua posse na Academia Ser-
gipana de Letras**

Ha homens que têm vida longa e jamais envelhecem. Disputam uma eterna mocidade, em que intransigentemente se collocam, sem fazer conta das rugas, das cãs, do desgaste fisiológico. São almas privilegiadas, que se sobrepõem ao próprio desfiar da existência, não apenas para contemplá-la, mas, realmente, no vivo interesse de a desfrutar.

JOSÉ DE MAGALHÃES CARNEIRO foi um desses espíritos interessantes, sempre cheio do mesmo ardor e vibratilidade dos vinte anos. Encantava que o olhassem, sexagenário, entrar em controvérsias literárias, concorrer à página de um diário para trabalho seu, preocupado com o valor do que, a seu julgar, seria incontestavelmente u'a maneira nova de encarar fatos e fenómenos. Essa, talvez, a faceta mais singular de sua personalidade, atributo marcante, que tão bem o caracterizava, ao torná-lo um homem distinguível na atmosfera em que atuasse.

Abandonada, de cedo, a carreira liberal em que se diplomara, enveredou por uma outra, estafante, exaustiva, porém noore por certo, e laborou em nosso magistério por lustros a fio, numa disciplina cujo teor científico simbolizou, por feliz coincidência, os amplos adejos que seu espírito sonhador sempre intentou realizar. No mundo dos astros, ele conversava com os estudantes, fascinado pela magnitude do universo, empolgado pela imensidão das nebulosas, embevecido pelos sistemas físicos de corpos celestes e as bolas de fogo de que Zenon e os pitagóricos ja nos falavam, com tanta aproximação da verdade. Absorvia-se no esclarecimento e investigação dos pormenores, na análise espectral da luz cometária, ou na observação do que concebia como perda de matéria do nosso planeta, pela exploração do homem no subsolo, à cata dos combustíveis e voláteis. Irrequieto e fremente, a voz troante de Stentor, era de vê-lo em meio às mais acesas discussões científicas ou literárias, no esforço por dominar os campos em que se batia, prenhe da convicção de suas razões e argumentos, que sempre conceituou irrespondíveis, para qualquer de seus contendores. Admirou a granjeza do cosmos e nele procurou mergulhar, pensando na ordem de largas medidas, na pesquisa e encontro do miraculoso, na perfeição das maravilhas do firmamento.

Ao lado disso, era um fanático da arte cênica. Para ele, em depoimento que testemunhamos, o palco era a expressão mais requintada da manifestação estética do espírito humano.

Assim se deleitava em referir as tragédias gregas, a dramaticidade medieval, muda e simbólica, o teatro romântico dos últimos tempos ou o realista dos nossos dias. Que prazer imenso lhe havia no coração, ao contacto de almas artistas, gente da ribalta! Em tais ambientes, mantinha aquele sorriso constante, misto de gozo e ironia, e modulava os recursos da verve de que dispunha, numa como demorada higiene mental, de que tanto carecia, em descanso às efervescências da imaginação ardente. Eis o duplice aspecto de seu viver original.

Na literatura de MAGALHÃES CARNEIRO ha temas que se repetem, na indicação evidente de objetos preferidos pelas tendências do escritor. O que se percebe à leitura de sua conferência "Deus e o Homem" é uma tentativa, um esforço, que para o autor se afigura quasi inaudito, no aproximar sentimentos de fé e de razão. Dentro de análise antes solta e descontínua, do que lógica e consequente, nela se encontram alguns conceitos inconclusos, num entrelaçamento de fatos naturais e sociais que, segundo parece, o conferencista almeja pôr em paralelismo. Sua convicção, ali expressa, de haver descoberto duas famosas leis, o conduz, na exposição do assunto, a um extremado desejo de fugir ao desalento, porque ficassem sem resposta os apêlos em que invocava opiniões e juízos autorizados. A circunstância, para êle, era essencial. Possuia, deste ângulo, o complexo provinciano. A validade dos nossos escritos só existiria com o beneplácito da Metrópole; daí a restrição imposta àqueles que ainda não haviam logrado um prefaciador dos grandes centros; era unicamente o que afirmava o valor pessoal; era a consagração. À margem o mérito dos postulados que então defende, reconhecamos-lhe ardente sinceridade ao desdobrá-los, na angustiada esperança de os vêr aceitos irrestritamente, como decorrência de uma sobrenatural inspiração.

Os problemas de origem são, por igual, de suas cogitações. Ensaia vagas idéias sôbre o povoamento da Terra pelo homem, numa interpretação simbolista do Eden, e mergulha na pecaminosa ação que resultou no paraíso perdido. Procura penetrar a filosofia helênica e esboça dados psicológicos sôbre as reações e o comportamento. É quanto põe à bôca de personagem da novela "Galdino Cupido", pintada em ambiente de nossa vida sertaneja. Nessa obra demonstra o pendor à ficção, já estreada nos contos fantasistas que se enfiçam no seu "Crepusculo-Mentis", onde ha mostras da fôrça imaginativa do produtor, que desponta, sedento de afirmação literária, embebido nos sonhos e arroubos da mocidade. Não estivesse ele estimulado e amparado na elogiosa abertura que lhe concede Manuel

dos Passos, mais que bastante a um beletista que se iniciava na radiante idade dos vinte e cinco anos.

Era-lhe, também, ao que tudo indica, motivo insistente dos vãos da imaginação, os amores defesos ou trágicos. Influenciava exterior de leitura inconscientemente absorvida, ou tudo psicanalistas? Dêmos a eles o lugar, na sondagem da alma humana. Cabe-nos, tão somente, apontar o sombrio argumento de algumas novelas. Ha em "Roberto" uma família infelicitada por prole maldita, de filhos doentes e estigmatizados, em que o único que parecera sobreviver ileso à catástrofe se entrega ao suicidio. As raízes se enterram num incesto de dois irmãos... Já em "Silvia Gioreli" existe, mais brandamente, um amor reprovável, porque ilícito, dos que nos lembram celulóides de Charles Boyer; mas a história não culmina em conclusão explícita, quanto à consumação do pecado...

Na conferência "Ouro na Terra" MAGALHÃES CARNEIRO se dedica ao estudo regional. Analisa a vida aventureira dos últimos tempos de Belchior Dias Moreira, o primeiro heroe do ciclo sergipense das minas. O esclarecimento da história do neto de Caramuru se arrima em documentação encontrada nos comêços do segundo quartel do século XVIII. Imprescindível atualizar a argumentação do autor. A circunstância envolta à qual aqui veio parar, com fazendas e criatórios às margens do Real, constituem peremptório impedimento à aceitação de que o descendente dos Garcia D'Avila fosse um homem obscuro e pobre, somente enriquecido mercê da exploração das famosas minas, antes de suas invocações à côrte de Madrid. É que Frei Vicente do Salvador ja o inclui entre as pessoas ilustres que acompanharam Cristovam de Barros à conquista de Sergipe, no grupo daqueles portadores de "virtudes heróicas", que era o mais valioso apanágio dos homens do tempo. Ao final, MAGALHÃES CARNEIRO opta por que as pepitas auríferas se abriguem nas entranhas da Miaba. Seria hipótese não fóra de plausibilidade. Felisbello Freire acena com a possibilidade d'esses nossos tesouros, a que está ligado o "do Jaboação". Desgraçadamente, porém, ao que se sabe, foram baldados os esforços luso-flamengos, numa expedição mista, onde estiveram presentes Glimmer, Calabar e Francisco Dias d'Avila, que se consumiram, malogradamente, na procura dos minérios. Teimaram ainda uns e outros, na insistência dos achados jamais vistos, quer pelos neerlandeses capitaneados por Andréas, quer pelo grupo que esteve sob ordens do enviado da corôa, D. Rodrigo Castelo Branco. Sem sombra de dúvida, é indis-

cutível que ficámos inscritos no páreo da corrida às riquezas dos metais preciosos.

Parece-nos, contudo, que o trabalho mais produtivo e corajoso de MAGALHÃES CARNEIRO está em "Um Critico Literario e Sua Critica", análise à memória que Prado Sampaio escreveu para figurar à exposição ibero-americana de Sevilha. As objeções impostas são aceitáveis e legítimas. No pensamento do crítico sergipano a nossa literatura somente teria atlorado no século XIX. Nega que a atividade jesuítica entre nós tenha sido mais do que simplesmente de catequese, pa, a diante quasi contradizer-se, ao apontar os conventos e os cursos de humanidades dos inacianos em São Cristovam. Evidentemente, seria impossível escurecer o empenho das missões loiolistas, tal a maneira com que timbraram sua ação instrutiva em nossas plagas. De outro lado, ao citar nossos poetas, de diversas escolas, Prado Sampaio os reúne, em um mesmo grupo, raisturadamente. MAGALHÃES CARNEIRO também lhe contesta o modo de aquilatar a função do jornalista e a eloquência de oradores e lhe censura o haver calado o padre Leonardo Dantas e Costa Filho. E o comentarista prossegue no frisar outros equívocos. Do que bebera, como natural, em Sílvio Honoro, MAGALHÃES CARNEIRO estava inteirado do exagero e deformação inculcados ao sentido dos degredados, que a corôa portuguesa expatriava com destino à colônia sul-americana, visto que os roubos e homicídios mais hediondos se puniam com as masmorras de Lisbôa, enquanto para as faltas políticas e religiosas infligia-se o tremendo castigo imposto aos "condenados por crimes infamantes". O engano de Prado Sampaio tinha, aliás, valiosos endossos, tal o do historiador maranhense Cândido Mendes, a quem Rui tecia os maiores encômios de probidade intelectual e autoridade de investigador honesto, como realmente o era. Ao final, um derradeiro cochilo do pensador sergipano, ao baralhar o *cacumbí*, traço folclórico de raiz nitidamente africana, já subejamente examinado pelos estudiosos da especie, com o *lambe-sujo*, que MAGALHÃES traduz como luta entre as raças negras e ameríndias, com vitória para a última. Na realidade, o *lambe-sujo* é típica manifestação, através do folguedo popular, da revivescência dos ataques malucos chefiados pelos nossos famigerados capitães do mato aos quilombos negros, consubstanciados na epopéa de Palmares. Debalde o procuramos, mesmo com desfigurações, em alguma outra parte do Brasil. É peculiar à terra sergipense.

As derradeiras publicações de MAGALHÃES CARNEIRO se fixam nos estudos sociais, onde assinala as origens do medo, suas relações com errôneos processos de educação doméstica,

concluindo por influência negativa na preparação de autênticos condutores, apoiado nos preceitos de Sir J. Jones. Aprecia o fenómeno das projeções dos pais nos filhos e como nortea-las ou aproveitá-las. Claramente, o bom êxito estará no processo a ser aplicado. Junto a isso, desenvolveu interessante conferência sobre as superstições e as crendices, num estudo mais propriamente descritivo do que de interpretação.

Assim trabalhou MAGALHÃES CARNEIRO, no âmbito literário. Tantas vezes em choque no mundo das idéias, nas alterações em que se empenhou, desassomburada e impetuosamente, ia-lhe, parece, uma ilimitada confiança no próprio destino, eternamente convencido do ganho de causa. São sinas que trazemos, de que se não foge nunca, quando escrito que as teremos de suportar. Ele foi, a seu modo, um lutador confiante nos modestos limites provincianos, de temperamento escaldante e atividade irrefreável, que o conduziram, por fim, àquella especie de preâmbulo da morte, com o cérebro obumbrado nas teias fantasmagóricas que a moderna psiquiatria tenta desvendar, onde não mais impera o raciocínio, que se ausenta do espirito enfermo e, quasi sempre, irremediavelmente destruído. Viveu na angústia de se assenhorear de graves segredos da natureza, para concluir envolvido nas sombras da razão, o que lhe foi como uma armadilha, em desafio à obstinação de um recalcitrante investigador dos misteriosos desígnios...

Se os nossos olhos cerrados volvessem a contemplar um século atrás, poderiam divisar muitas amostras de pujança intellectual, que agora distam de nós sua primeira centúria. Vale recordar alguns pronunciamentos do espirito humano, em seu polimorfismo e múltipla atividade. Naquele longínquo 1851, Foucault erguia, no Panteon de Paris, o pêndulo enorme, para a experiência que o havia de immortalizar, na irrefutável prova da rotação da Terra. Foi um traço de ciência. Por igual, se enriquecia a esfera literária, porque John Stuart Mill publicava *The Enfranchisement of Women*, que provocou farto comentário, enquanto Charles Kingsley discutia sobre as formas da nova poesia, ou Disraeli cantava as glórias de seu povo "eleito". Assim florescia o mundo do intellecto, que evolve e se modifica constantemente, em forma e em fundo, na superficie como no amago, ao sabor das eclosões cerebrinas da natureza humana, ao embate das paixões, à sede do saber, ao despertar de nova consciência coletiva, ao eterno desejo e dinamismo incontido, que constituem apanágio da nossa alma e da nossa intelligência,

como um intento imutável, como um destino que nos foi infligido.

Toda essa vibração era normal e conseqüente no mundo europeu, necessariamente amadurecido em sua civilização, onde o recurso das idéias recebia a mais valiosa instigação, onde um sópro eterno sustentava, viva e cheia, a luz da sabedoria humana.

Neutras paragens, contudo, terras nebulosas se vinham de formar, na amalgamação dos sangues e das gentes, na absorção da grandeza que, por herança, lhe outorgava o Velho Continente. Participante dos modernos territórios, não de todo fixados em sua constituição orgânica, ainda de pouca estabilidade, o Brasil vicejava no seio das nações americanas, de solo recente e virgem que, entanto, já desenvolviam caminho ascensional em busca do progresso e das grandes aspirações da humanidade.

Muitos lusitanos do Norte, como tantos outros seus compatriotas metropolitanos, se tinham fixado em nossas plagas e já se prolongavam através das sucessivas gerações. A copiosa descendência, agora senhora de uma pátria nova, se esforçava por robustecer-lhe os alicerces e estendê-la em desmesurada amplitude, derramando-se a trabalhar e frutificar, nas incontáveis atividades que afirmariam a jovem Nação. Alguém, oriundo daquela germinação, com atributos predestinados, deveria despontar...

Nascera SILVIO ROMERO em meio a uma centúria cujo término, quaisquer que sejam os títulos com que a galardoem, marcou sua característica pela agitação e pronunciamiento de escolas teóricas do pensamento universal. Ele foi uma centelha luminosa da inteligência pátria, apoiado em sedimentado cultivo das letras, adiantando-se a sua época em deducções científicas, enquanto que inelutavelmente preso às malhas dos raciocínios do seu tempo. Não havia fugir à contingência. Espírito privilegiado em meio ao intelectualismo dos contemporâneos, foi sempre uma afirmação categórica e uma força insopitável dos edificios que a sua pena ímpar construiu, de tal maneira ativa e eclética, que não permite a quem seja esgotar-se no estudo de sua obra, sem que a tenha devassado e compreendido em todas as formas, e côres, e planos.

Não vos trazemos aqui, na realidade, u'a mensagem de belas letras, certo porque para tanto nos falecem os recursos. Amparamo-nos, pesar disso, no próprio aviso do insigne crítico patricio, quando endossa o conceito germânico da largueza de campo da literatura, capaz de abrigar quaisquer manifestações

de entendimento humano, até mesmo labores de pesquisas sociais, em que timidamente nos arriscamos.

Se é o próprio SILVIO quem esquematiza sua tarefa de cultura em três distinguíveis etapas, preferimos olhar o magno pensador sergipano através da fase final, de equilibrada serenidade, na penetrante análise dos fenômenos sociais, que o amadurecimento do espirito lhe condicionou, despido, que já se encontrava, dos arrojos otimistas do frescor dos anos, ou da estação depressiva em que se debateu, compensada na reação férrea de seu idealístico patriotismo. Então, não o compreenderam, talvez. Ele ansiava que lhe reconhecessem o mérito das idéias, mais como implantação de novos métodos no tratamento das cousas brasileiras, do que na valorização do autor. Jamais, entanto, que tal acontecesse a câmbio de cortesias e encomios. Dai o desajustamento, a agressividade, que explodiam na fase pessimista de seus primeiros trabalhos. Investia contra a validade das rodas de sociedade ou de família, na afirmação dos que surgiam no cenário intelectual. Por isso as reservas e restrições, algumas vezes evidenciadas. Mas sempre o fez com rigorosa honestidade de julgamento, sem calar o aplauso no instante oportuno.

Se aponta que Castro Alves, na introdução da "Luz", imita Hugo, mostra que ali ha soberba eloquência, embora não exatamente genuína poesia. Nem por isso nega as qualidades e o estro do autor de "Espumas Flutuantes".

Quando aprecia José de Alencar, talvez sentisse certa europeização mental num índio como Peri. Ressalta, contudo, a importância da obra do cearense, ao se decidir, diversamente de muitos, pela segunda fase de suas produções. Dá-lhe posição única nas criações dos tipos de jovens heroínas, em seus romances, somente comparáveis às de George Sand, a quem mesmo, assim supera.

Seu estudo sobre Machado de Assis é mais demorado. Começa por defender-lhe a "apregoada antinomia" de que o acusam. Considera-o sobretudo um sincrético, simultaneamente clássico, romântico e realista. Revela como o cunho de nacionalismo do escritor está menos essencialmente no tema do que na maneira de cuidá-lo, isto é, no espirito dele; e desce até a particularidades de observação, como a do predomínio do sentido da visão, sobre os demais, nas obras que escrevera. Atinge, a nosso julgar, o ponto mais alto da critica ao fundador da Academia Brasileira de Letras, quando perscruta-lhe o senso de humor. Em Machado, o *humour* era caprichoso, convencional, um tanto forçado. Ele não era um Dickens, não era um Carlyle, nem um Thomaz Hood, nem um Heine. E SILVIO

ROMERO indica as diferenças de tonalidades, que podem substituir um verdadeiro humorista por um melancólico, como Chateaubriand e Lamartine; por um pessimista como Hartmann, Poe, Beaudelaire, Schopenhuaer; por um cético como Musset, Beaudelaire, Schopenhuaer; por um cético como Musset. Tais os matizes que sua argúcia alcança e distingue, na caracterização do escritor fluminense.

O pessimismo e recalçamento de SILVIO terão, por certo, longínquas origens, na inadaptação à vida de família, ausente de cujo convívio se encontrara até os cinco anos, passando, de então em diante, por algum tempo, como um estranho, sujeito às hostilidades dos irmãos mais velhos, muito do feitiço da memnício. Sua forte recordação daquela quadra, segundo depoimento a que alude João do Rio, ter-lhe-ia criado um estilo de vida, consoante o pensamento adleriano, com flagrantes repercussões na época adulta. Agora deparava as prerrogativas dos grupelhos, impermeáveis à palavra provinciana, o caminho vedado aos que insistiam na penetração céu aberto, viseira suspensa, sem as lantejoulas das introduções graciosas nem o passaporte de nobreza. . .

Surgiu nas letras sob a forte e indisfarçável influência de Tobias Barreto, que lhe inoculou toda a ardência combativa e lhe preparou o espírito para as grandes atitudes de reação e de protesto. Os dois filósofos conterrâneos se expressaram numa idêntica linguagem candente, desassomburada e, bastas vezes, desabusadamente incisiva. Havia, contudo, alguns contrastes de pensamento entre ambos, sendo Tobias um liberal incompreensivelmente inclinado ao monarquismo, que não reconhecia fóros de ciência na sociologia ou na psicologia, que desprezava os estudos das nossas tradições, preocupado sempre com a crítica literária estrangeira. Enquanto isso, SILVIO ROMERO foi um republicano, acorde com o sentido científico dos fatos sociais, profundo estudioso da etnologia e do folclore nacional. Rejeitava o estrangeirismo, sem descambar para o nacionalismo desequilibrado, pois condenava o apregoamento das pretensões de nossa excelsa intelectualidade entre os povos do mundo. Possuía, assim, "um nativismo sem eiva de xenofobia", como acentua Clovis Beviláqua.

A erudição do eminente escritor brasileiro familiarizou-o com todos os pensadores de então e, na rápida absorção das novas filosofias, ao contacto das obras de Conte, Darwin, Stuart Mill, Littré, Hipólito Taine, Buckle, Eduardo Hartmann, deslocou-se do positivismo ao materialismo de um Büchener, indo até o transformismo haeckeliano, para, finalmente, atingir o evolucionismo amplo de Spencer, no que se antecipava aos coévos, por lhes andar à frente no conhecimento das recentes

doutrinas sopradas do mundo europeu. Da filosofia debruçou-se no direito, para considerar incompletas definições como a de Rudolf Von Ihering, que não firmava "o momento da liberdade humana", como assinala, ainda uma vez, o conspícuo Clevis.

A rápida apreensão de idéias e o enriquecimento de cultura invulgar e precoce, fustigada por temperamento de polemista, tão do sabor da época, compeliram-no a penetrar a liça das refregas intelectuais, em um momento em que, tudo indica, a Faculdade do Recife se ressentia de melhores mestres, como parece que deixa escapar em "A Filosofia no Brasil". Talvez a circunstância responda por sua impressão de mediocridade do povo brasileiro, a certa altura, e explique atitudes intolerantes como a do incidente do concurso de doutoramento. Que não era, todavia, um espírito dissolvente é fácil comprová-lo, no observar como encarava a ação dos nossos políticos maiores. De José Bonifácio disse que deveria ser louvado "pela energia no comprimir os excessos liberalizantes e dispersivos, de um lado, e as pretensões absolutas recolonizadoras, de outro". Admirava em Feijó "não suas ingênuas aventuras de constituição civil do clero brasileiro, extinção do celibato clerical, ameaças de desligar a igreja do Brasil da de Roma", mas o pulso forte que deteve a anarquia como ministro da justiça. Por igual, opinou quanto a Clemente Pereira, que dominara as revoltas de São Paulo e Minas.

São indicações convincentes de que não era uma alma votada à reação indiscriminada e sistemática, mas preso às linhas mestras dos princípios de justiça, de ordem pública, de respeito à autoridade. São facetas que lhe exigem um estudo mais acurado, em bem da sua exata imagem cívica.

A posição filosófica de SILVIO está inteiramente entrosada com a época em que viveu. Não ha outra maneira de estudar um homem, que não o situar-lhe no seu tempo próprio, envolvido das idéias do momento, que seria impossivel não impressionassem u'a mentalidade pujante e hercúlea. Julgar alguém, ou analisar-lhe o comportamento, sem o cuidado de um recuo ao pensamento do instante em que atuou, é o erro comum onde se afogam os estudos biográficos de perfis humanos, quando é hábito enquadrar-se o vulto passado no tempo presente. Não temos o direito nem a liberdade de inculcar a espíritos transactos a adoção de reflexões atuais, sem incorreremos no gravíssimo perigo de um desrespeito, que quasi será uma injúria póstuma. Afigura-se-nos doloso atribuir atos e posturas aos que não participaram do viver hodierno, ao criar-lhes em torno falsos significados, sem a consideração de que, fenô-

menos então inéditos ou inexistentes, poderiam gerar-lhes outras atitudes.

Não é para desprezar o depoimento filial de Nelson Romero, no pôr a descoberto o cunho de humanidade e de fervor que estariam contidos no coração do grande polemista. Ele nos revela um SILVIO afável e carinhoso, moderado e compreensivo, como sobretudo o foi nos últimos tempos, desde que na plenitude do magistério, seu grande e derradeiro anelo. "Este livro é um livro de amor", é como abre a História da Literatura. Expressiva declaração de cordura. Nem por isso, todavia, perdeu a justeza das ações por méro fanatismo de ideal. Prova-o a conduta na questão abolicionista. Sua formula de — emancipação autônômica e popular — não era insensata, nem deformadora, nem infundada, nem desconexa. Ao oposto, foi a que evidentemente aqui se praticou, vez que nem o *immediatismo*, tão pouco o sistema do prazo menos ainda o *stato quo* seriam normas adotáveis. Foi, por conseguinte, um abolicionista conciente e refletido, no divisar os aspectos que exigiam, indispensavelmente analisados e discutidos, para solução razoável e almejada. Cabível que a circunstância esclareça porque substimara a lei da Princesa Regente que, logo enxergara os acontecimentos, sancionou um fato consumado, que desde muito se vinha processando.

A obra poética de SILVIO não lhe teria sido, ao menos de início, da mais favorável produção. Não foi em boa hora que versejou em "Cantos do Fim do Século", como o esculápio formula a prescrição médica, dentro de preceitos que antes aprendera e de cujos princípios operou. O estro não lhe despontara o verso, que somente viera depois que ele previamente havia traçado o modêlo do que, a seu vêr, deveria produzir a poesia da época. Neste sentido seria perfeita a observação de seu biógrafo Samuel de Oliveira. Sem embargo, em seus cânticos não faltaria a idéia pessoal, com o sinete de sua personalidade, é Clovis Bevilacqua quem o diz. A poesia ele a entendia espontânea e borbulhante, não dogmática, não sistematizada. Poesia emocional, como a música. Assim que, muito ao depois, nos "Últimos Harpejos", ela reponta mais natural, mais impregnada da beleza singela das recordações ou do entusiasmo palpitante. Então pensaria: — primeiro a idéia, livre e saltitante; depois a modelagem estética.

Oportuno que nos detenhamos, por ligeiro que seja, na percuciente análise sobre o evolver do romantismo entre nós. Ele o põe em justos termos, como representativo de toda a literatura de um século, o XIX. Mostrara sua ligação com o *clássicismo*, a que o prendem naturais liames de antecedência, quan-

do explica : "Deviam reparar que a literatura se rege pela lei da evolução, é uma verdadeira organização de filogénese de idéas". Esclarece os curtos ângulos de visão dos que o estudaram, não apreciarem tão somente um exiguo aspecto de sua grande e multiforme extensão. O romantismo não teria sido apenas "uma reação religiosa contra a filosofia do século XVIII". Tão pouco seria u'a marcha a ré no movimento literário, de recuo ao medieval, como opposição ao renascimento. Nem, mais descabidamente, contra o ceticismo. Esgotados tais recursos, veio uma tradução independente, logo deturpadamente generalizada em amplo sentido, ao alcance de qualquer mão. E' que deram o sentimentalismo como o mais perfeito timbre romântico. Uma especie de projeção da melancolia, criada na passividade mazoquista de um Jacques Rousseau. E então, os fânicos exemplos se desviavam para o desmedido exagêro. Assim seria um Werther, na imaginação singular de Goethe. Mas também os tipos reais e existentes, do elegante Musset, ou, melhor ainda, do pálido Chopin, cuja música passou a ser mediocrementemente concebida como lamúrias e lamentos, sem qualquer feição estética ou sensibilidade artística. O romantismo, porém, longe disso, ensina-nos SILVIO, "teve também muitos espiritos equilibrados e expansivos a comunicarem entusiasmo e alegria", porque, à monótona tristeza de um Franz Schubert se antepunha a vivaz alacridade de um Felix Mendelsshon.

Outro caminho se entreabre para o encontro do sentido do romantismo ; seria o idealismo fantasioso, criado no verso do poeta, na pauta do músico, nas individualidades do romancista. Não ha, lembra SILVIO, melhores amostras, do que as personagens hugonianas. Em verdade, são marcos de imaginativa um Quasimodo em Nossa Senhora de Paris, um Cimourdin no Noventa e Três, um Gwynplaine no Homem Que Ri, um Javert n'Os Miseráveis, um Giliatt nos Trabalhadores do Mar. Sem embargo, ainda no romantismo se formaram pontes do fictício para o verídico, como se encontra em Honoré de Balsac, para quem o objetivo era imprimir nos tipos criados os espécimens humanos da vida, em sua onimodalidade de caracteres.

Vitor Hugo, de sua vez, entendeu diferentemente o movimento. O romantismo não era uma filosofia, senão uma autorizada liberdade no selecionamento dos temas, postas de lado as regras de praxe, à guisa de protocolo, em que se cozia o classicismo. Essa liberalidade, para os germanos, seria mais extensa. Entre os prosélitos da *Jovem Alemanha* destinava-se a lutar pela liberdade tanto religiosa, como social, quanto politica, segundo preconizado na tentativa de esboço doutrinário feita por Frederico Schlegel. Entre os seguidores da escola

não se incluem, porém, um Herder ou um Schiller, mas sim um Heine ou um Boerne

Positivamente, uma corrida à explicação do movimento literário; tudo nos leva a acreditar que, naquele momento histórico, compreender o romantismo era u'a moda, como hoje o é o pretendido entendimento da psicanálise, em ridícula vulgarização.

É o ensejo, agora, de SILVIO ROMERO se pronunciar. Em seu julgamento, a literatura, que era universal, com um modelo único a ser obedecido, tomou feição multiforme, baseada nas raízes das tradições, indoles e viver de cada povo. Em suas felizes expressões, foram "o relativismo literário" e "a nativização", seus traços mais acentuados. Vai além, na percuente investigação: Goethe e Victor Hugo foram símbolos, informa o Mestre, da ontogênese da literatura de seus países.

Com essas premissas, o polígrafo sergipano conclue por gisar a via do romantismo no Brasil, inspirado nos arquétipos europeus mas, — e aí é que está a superior virtude do movimento —, sob padrões nacionais, consoante os nossos reclamos e os nossos motivos. E SILVIO risca os paralelos: Lamartine — Domingos de Magalhães; Chateaubriand, e Cooper — Gonçalves Dias; Byron e Musset — Alvares de Azevedo; Hugo — Tobias e Castro Alves. O erudito sergipano tentou, ele próprio, uma reforma "inspirada na ciência e na filosofia do dia". Até que se chegou aos parnasianos, os cultores da forma, de Luis Delfino a Raimundo Correia, a Alberto de Oliveira, até Bilac.

Não haverá melhor e mais penetrante estudo à obra de Buckle, no exhibir os erros onde incidiu o filósofo britânico, no que tange aos enganosos postulados em que firmou seu infeliz anátema contra o nosso país. O crítico sergipano destróe-lhe uma a uma as peças da argumentação, por vezes pretenciosa, naquele ponto de vista, soberbo e convencido, de que o mundo consistia na Europa civilizada e no resto. Não é de hoje essa idéia de orgulho do "Nós e a noite", com que se criam as fantasias das gentes escolhidas. Buckle, que bendiz a base física das antigas civilizações, na apologia ao calor e à umidade, como à secura, às bacias fluviais e aos bons ares, com os magníficos exemplos da India ou do Mexico, da Mesopotâmia ou do Perú, ou Egito, tem conosco contradições grotescas, ao enunciar que, no Brasil, tão viçosos fatores eram destruídos por diabólicos ventos aliseos, em suas desastrosas consequências de copiosas chuvas, num raciocínio inegavelmente engenhoso, mas falso. E seguem-se outros profundos vícios de generalização, de que ainda não se viu despida de

todo nem a própria geografia escolar : tudo é floresta inexpugnável e matas asfixiantes ; os rios são soberbamente volumosos, os maciços de enorme altitude, no redondo equívoco do Barão de Eschwege. O historiador inglês cantou-nos a exuberância da natureza, afundado na "arquegrandeza" das paisagens pintadas por um Rocha Pita, um dos pioneiros do nosso mefianismo, — para, a seguir, invalidar-nos os elementos, no vaticínio anulador de nossa potencialidade. É aí que interfere o justo equilíbrio de SILVIO : nem o lirismo dos louvores indiscriminados, nem o oposto das proclamações de nosso descrédito. "Plantando nela tudo dará", mas é preciso assistir à terra e ajudá-la em sua fertilidade, porque o comportamento estático de displicência nada pode produzir.

O equilibrado exame a que submete a obra de Von Martius, desperta-nos a impressão de que ela melhor assentaria como uma apreciação, *a posteriori*, da nossa história. O notável crítico patricio reivindica para os nacionais aquilo que se consagrou como fomentado pelo naturalista bávaro, pois, se bem um grande botânico, nosso amor ao estrangeirismo emprestou-lhe superiores qualidades de historiador, etnologista e filósofo.

Atraído pelo arianismo lapougeano e gobinista, então em pleno apogeu, com seus explanadores e adeptos, Otto Amon ou Chamberlin, ou Nietzsche, ou Madson Grant, SILVIO ROMERO, em que pese à falsidade da tese, reconhece que o cientista alemão não se aprofundou no conhecimento de nossas fontes étnicas, pela superficialidade com que estuda o português e inadvertida impressão de menor heterogeneidade entre os nossos indígenas. Convence, numa argumentação excepcionalmente lógica, quasi axiomática, a existência, para nós, de uma unidade geográfica, em que se apoiam a de tradição e de mentalidade, arrimadas na lingua e no folclore, de sensíveis semelhanças por toda a terra brasileira. Assim combate as referências do ilustrado naturalista, que poderiam gerar entre nós o separatismo, como decorrência do que SILVIO chamou a 'progenie de Martius'.

E prossegue : Aqueles blocos a que aludiu o escritor da "Flora Basiliensis", qualquer os enxergaria, na mais periférica observação ; não foi descortínio seu. De Alagoas ao Ceará, como de Sergipe a Ilhéus, de Paraná ao Mato Grosso, do Maranhão aos confins amazônicos, estão os grupos nascidos nas capitâneas de nossa vida colonial, sem que constitua forte razão nem base plausível para a idéia de descontinuidade do território. É a verdade, sob cabal contraprova da guerra holandesa.

Estes e outros aspectos atribuídos ao que seria a genial

intuição do autor de "Viagem no Brasil", torna-lo-iam o manancial onde se iriam abeberar nossos historiadores. É o que o crítico repele tenazmente. Jamais foram moldes para um erudito como Varnhagen e um homem de educação científica como Joaquim Caetano. Inquestionavelmente, a "História Geral do Brasil", "Os Holandeses no Brasil", "O Oiapoc e o Amazonas" e as "Questões Americanas" são repositórios históricos e geográficos insuperáveis, que por si sós atestam, à sociedade, as credenciais de seus insignes autores. A obra de Caetano encerra investigações exaustivas sobre minúcias e curiosidades, como as origens dos vocábulos *Antilhas* e *Brasil*, em que se consomem dois cheios volumes. Segundo bem assinala o pensador sergipano, a circunstância o consagra natural continuador de Humboldt, quando escrevera "A História da Geografia do Novo Continente".

É assim que, doutra parte, estuda Frei Jaboatão, com seu "Novo Orbe Serafico", ou Pedro Taques, com sua "Nobiliarquía Paulistana", ou Ayres de Casal em sua "Corografia Brasileira". Enseja-se, ai, que rectifique e esclareça as falhas do critério seguido pelo provincial lusitano, quando descreve nossas províncias, para intercalar, num afeto ao torrão natal, a declaração de que Sergipe del Rey se confunde inteiramente com a capitania doada ao malogrado Francisco Pereira Coutinho, exceção da área destinada à velha Cidade do Salvador. A idéja se filiaram nossos melhores defensores da questão, a cuja frente está a figura plácida, mas firme e impoluta, de Ivo do Prado.

SILVIO é um precursor. Sua análise do meio em que atuaram os fatores com que explica a história da literatura nacional é um quadro indefectível, geográfico, científico e complexo, onde o relêvo, o solo, a cobertura vegetal e as feições climáticas são indigitadas com indeclinável fixação de côr e de importância. Em verdade, os recursos do ambiente físico ou natural, de si mesmos, não conseguem estabelecer idénticas condições de vida em duas paisagens análogas, porque entram em jôgo os trunfos culturais do grupo, que norTEAM, de modo diverso, o mecanismo das relações e evolução humana, conforme exemplificou Jean Gottmann. Lembremo-nos que a fisiografia da terra nada mais é além do conjunto das ciências naturais que a regem, em seu avanço, ao lado da técnica, sobre as ciências biológicas, que condições fortúitas de experimentação ou observação impossibilitam, muitas vezes, de andar a passos largos. As telas naturais condicionam as paisagens humanizadas ou, ainda melhor, os quadros vivos. O estudo do meio físico deve vir em função do sêr humano.

Mas SILVIO ROMERO não fica apenas neste meio físico, exterior; adianta-se aos fundamentos da moderna geografia humana e vai até as influências internas, da primitiva inspiração de Claude Bernard. Desce aos seus efeitos biológicos na psique do homem brasileiro, para destringer a explosão dos sentimentos ditada pela esfera mental e espiritual, que permitiu a sucessão dos períodos clássico, romântico e das reações, com que compoz nossa evolução literária.

Onde, todavia, o crítico sergipano mais se expande, numa investigação eficiente e lúcida, munido do material ao seu alcance na época e dos raciocínios ao gosto das tendências do tempo, é no profundo e minucioso estudo, que faz, dos efeitos da raça. Numa preciência de espantar, sua genial intuição já distinguia o obsoleto das preocupações descritivas dos grupos étnicos afro-indígenas, nos ramos e tribus e greis e clans, e a prevalência, de indispensável necessidade, do conhecimento das culturas daqueles povos, afim de que se apreciasse o quanto deles se transfundiu na alma nacional. É, assim, o reconhecimento de suas contribuições culturais, onde, a seu vêr, o ângulo espiritual, que ele chamara "complexo de crenças e idéias", sobrepujava a observação das feições materiais. E ele apanhou em gigantesco olhar o inteiro da questão, quando revela no mestiço essas heranças, que tão bem se apresentam nas manifestações de intelectualismo, de graça e, até, de especial humor satírico, nas produções literárias.

O filósofo sergipano aceita a origem poligenista do homem, para se decidir pelo autoctonismo dos nossos ameríndios, compreensivelmente impressionado pelos achados de Lund. Agarrou-se, de certo modo, ao conceito antropológico de raças distintas, onde critica o recúo de Taine e de Renan. Em que pese a essas revogadas concepções, situa muito bem o problema geral e particularmente brasileiro da mestiçagem, na consideração, bem actualizada em nossos dias, de miscigenação e aculturação. O tema tem sido cansativamente apreciado nos derradeiros anos, sob prisma estritamente científico, com a comprovação dos trabalhos de campo. Não mais se insiste nas qualidades de degenerescência ou esterilidade, por híbrida, do homem cruzado. A biologia dos dias que correm, por mãos de genética, já liquidou as divergências e ajustou as controvérsias, ao apontar o caminho certo das perquirições que enriquecem nosso conhecimento sobre os problemas de herança. É admirável que SILVIO ROMERO penetrasse tão fundo nessa ordem de conjecturas, desprovido, a seu tempo, dos dados que a ciência agora oferece, como margem de segurança na indagação dos atributos de uma população fortemente misturada. Abeira-se da

questão da infecundidade, da exaltação de uns e depreciação de outros, sobre o juízo dos tipos mestiços, onde ha conceitos que, decorrido mais de um cinquentenário, permanecem vivos e atuais.

Ele se insurge contra a evidência do indianismo, na busca das origens do povo brasileiro, enquanto ressaltava, corajosamente, a participação do *homo afer*. Demonstra e persuade, no entanto, que uma apologia exclusiva, quer do negro, quer do incola, constitue falso nacionalismo, porque, ao lado daquelas raizes, existe uma, por certo, mais profunda, a lusitana, que igualmente explora desde a sua essência. Após esquadrinhamento tão minucioso e atento, estabelece as inferências da atuação do binómio meio-raça, na caracterização da alma brasileira.

Magnificas deduções, ainda hoje válidas, sobre a formação do nosso povo. Postas em realce as quotas afro-indigenas, não foge SILVIO, entanto, ao reconhecimento do imenso legado cultural que nos deixou o português. Mais uma vez sua aguda previsão farça a ameaça de dois brasís mentais, por efeito da influência imigratória. Se toda ela retida em nossos estados meridionais, poderia pôr em risco a unidade étnica e cultural da Nação e, conseguintemente, sua unidade politica. O problema é ainda o mesmo nos dias presentes. Afim de não comprometermos a unidade nacional, compulsoriamente assentada na étnica, é inteligente e aconselhável disseminar os alienigenas por todos os quadrantes do país, para impedir a disparidade mental entre o Norte e o Sul. Recebido não em quantidade, mas em qualidade, contribuirá o recenvindo, com o seu labor, para a prosperidade brasileira e, concomitantemente, exercerá certa função educativa, pelo ensino de métodos modernos de trabalho, em troca de que seja cuidadosamente envolvido e assimilado pelo rincão onde se venha a encravar.

Uma exaustiva pesquisa da população nacional, com fundamento na ciência antropológica, arrastaria, é bem de vér, o notável crítico, ao estudo do nosso folclore. As fontes lá estão, na imensa fartura dos contos e dos cantos, colhidos principalmente nas reminiscências infantis, nas atividades ludicas e nas histórias encantadoramente desfiadas pela mãe-preta Antônia. Estes os impulsos iniciais, firmados a cada passo no auscultar a alma do povo, o que o guiava irrefreavelmente no desbravamento da ciência popular. O "*Niebelungen*", de Emilio de Laveley, ter-lhe-á fornecido esquema de pesquisas; mas, incontestavelmente, SILVIO ROMERO foi o grande desbravador do folclore pátrio. Em seu pensamento, a interpretação do verso popular seria elemento bastante na reconstrução de

indubitavelmente um gigante de nossa cultura e um abridor de caminhos, que iluminava com o brilhantismo excelso de sua erudição, a largueza de argumentos, a lógica exuberante, a convicção potente do raciocínio seguro. Carater forte, temperamental, irrequieto, de idéias personalíssimas e de visão aguçada. SILVIO ROMERO foi, em síntese, uma voz impávida e um espírito luminar, a serviço de ideal patriótico, no âmbito literário.

Senhores Membros da Academia Sergipana de Letras :

Dentre vós ha um grupo a que somos mais chegados, que insistentemente, quasi compulsoriamente, nos induziu a que accitássemos o convite para a nossa candidatura. Não nos socorreram as honestas objeções a eles enunciadas, no desajuste da lembrança. Nem o desaprumo das formas, nem a pouca familiaridade com a literatura *stritu sensu* foram, entre outros, argumentos seguros com que procuramos nos furtar á empresa. De nada nos valeu a sinceridade dos motivos expostos, que a estima e simpatia de grandes amizades se recusaram a reconhecer. Não mais nos cabia, assim, discordar, na compreensão de que a anuência não exprime em nós a consideração de merecimento a título honorífico ; antes, de mais uma responsabilidade a crescer ás outras, que ja nos pesam sobremaneira. Dentro deste prisma, aqui vimos para laborar convosco, diuturnamente, como singelo artista que se compraz com as dignificantes companhias, que lhe vão proporcionar, ao de menos, a impressão de vivo fulgor por lhe emprestarem os revérberos de suas altas mentes.

Permití, contudo, que confessemos um arrepio de conforto, pelas circunstâncias em que esta Casa sufragou a nossa entrada. Não somente com o parecer honroso, saído de um dos nomes luminares contemporâneos, mestre de ontem, colega de agora, porém, mestre de sempre ; não apenas pela unanimidade do desejo expresso e de valiosas opiniões que assim se externaram ; ainda também porque altos sentidos, afastados ou desgarrados do Sodalício, acorreram ao voto, numa inconcussa prova do apreço com que nos distinguem. É como podemos experimentar a alegria de um lisonjeiro julgamento, que antes de nos envaidecer, nos condena a esforço ainda maior, para não traírmos a fé e a esperança que revelaram com o gesto carinhoso.

Assim entendemos a participação em vossa Sociedade, porque não comungamos, mesmo de um Anatole, aquela visão mumificadora de que as Academias devem servir de redoma á estagnação ou ao declínio intelectual. Longe disso, estamos em que, no convívio encontraremos ensejos a novos estímulos,

na elaboração do quanto cada qual possa extrair de si mesmo, pelos motivos e temas que a permuta de idéias, em constância, nos venha despertar. Este, não outro, o interesse a prevalecer na existência de senáculos da espécie, sem que nos vejamos em píncaros altaneiros, como pobres narcisos. Bem ao oposto, tenhamos sempre na lembrança a aguda distinção de Nabuco, quando advertira que "somos quarenta", pela praxe e a tradição, nunca porém, "os quarenta", ingenuamente únicos e escolhidos. . .

O aviso nos leva à reflexão tácita de que muitos existem, lá fóra, que honrariam os nossos quadros e aos quais vos convido a trazerdes para aqui, pois ser-nos-ão excelsos companheiros. Um pouco de freio no coração, porque antes de tudo, por dever implícito, sejamos bons defensores da assembléia, no sentido de a enaltecermos sempre e mais. O selecionamento de nossos sucessores, feito pelos que ficam, é que nos garantirá a perenidade, e devemos ser ciosos no requerer méritos reais e verdadeiros, pois a Academia não deve servir para credenciar alguém, mas rigoroso balanço de atributos seja feito entre os que se proponham a preencher os claros.

Senhores Acadêmicos :

Ja não vos deito às mãos os sonhos repletos dos trinta anos, dessa segunda mocidade, que marca a grande etapa de afirmação pessoal. Acercio-me de vós em período mais avançado, em que a maturidade deve seguir uma linha de equilíbrio e moderação, que o bom senso traçará. Nem por isso, embora, de mim se afastou a aspiração insaciável do saber e do conhecimento humano, dentro do alcance intransponível que fixou o Criador Supremo de todas as cousas. Ja se foram as fases sorridentes do ímpeto incontido, da arrogância quasi inconciente do verdor da idade, onde tudo parece mais perto e mais tangível. Mas ainda ha muito espaço, de aqui por diante, para as delícias da harmonia e da estética, a beleza da contemplação mental das variegadas formas de idéias, que os cérebros privilegiados criam ou improvisam, como expressões veiculadoras do nosso pensamento infinito.

Pouco poderei dar de mim, que a fonte é pobre, mas terei o supremo conforto e a terna alegria de me aquecer à chama ardente das altas luzes com que me alumiareis o caminho da intelligência, produzidas ao manejo dos buris com que vós todos, artistas do fraseado límpido e castiço, me prodigalizais, a partir deste instante, em dádiva generosa, no honroso favor com que me incluís entre os vossos.

Prof. José Augusto da R. Lima

D I S C U R S O

**Proferido na Academia Sergipana de
Letras, por ocasião da posse do novo
Acadêmico João Evangelista Cajueiro**

Ilmo. Sr. Prefeito da Capital e Representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Tribunal de Justiça, Exmos. Srs. Secretários de Estado, Ilmo. Sr. Presidente da Academia Sergipana de Letras, Srs. Acadêmicos, Exmas. Senhoras e Senhores.

Estamos recebendo um alagoano na Academia Sergipana de Letras. Meu espirito voltou-se para o passado, viu em Alagoas o cenário de suas primeiras impressões, sentiu a atração da saudade, quis fugir ao assunto e não o conseguiu .

Sou sergipano, filho do município de Gararu, terra a que até hoje não pude fazer bem algum, terra historicamente esquecida na distribuição dos benefícios coletivos, mas terra que muito amo e quisera felicitar, se em minhas mãos estivera realizar tudo aquilo que sonho.

Se pelo nascimento e pela linha da família materna tudo me prende a Sergipe, pelo lado da família paterna fortes vínculos prendem-me ao Estado, de Alagoas. Demais, quem vive à margem do S. Francisco não pode resistir ao rio : tem os olhos sempre fitos nas águas e nas margens opostas. Levei minha infancia, olhando para Alagoas. Lá fiz minhas primeiras viagens, percorrendo as estradas de Pão de Açúcar e Santana do Ipanema. Fora da terra natal, as primeiras alegrias do coração encontrei-as no sertão alagoano. Ainda hoje perduram amizades, vindas daqueles tempos longínquos, sentimentos de gratidão imperecível que zeloso guardo no relicário do coração. Ainda hoje relembro o grande espirito de Manuel Rodrigues da Rocha, talvez depois de Delmiro

Gouveia o maior pioneiro dos sertões alagoanos, homem de ação e ao mesmo tempo um coração encantado pela beleza da arte e pela grandeza da civilização. Toda esta devoção conservo-a em minha alma como um patrimônio de ordem moral, que não trocaria por nenhuma vantagem material do mundo.

Como vêdes, senhores, não falo de Alagoas como um viajante comum ou um turista envaidecido que se deu ao luxo de percorrer terras, mas qual um romeiro ou peregrino que se recorda e fala da Terra Santa...

Passando mais tarde a residir com os meus, após o grande golpe da orfandade, em Penedo, então vasto empório do baixo S. Francisco, aí encontrei meu primeiro mestre, Higino Belo, no famoso Colégio 11 de Janeiro. Bons camaradas aí tive e dos sergipanos que lá estudavam, recordo com estima Oscar Nascimento, Eronides de Carvalho e Antão Correia.

Perdoai-me, se, num discurso acadêmico, esquecendo o solene da praxe, vou descendo a minúcias da vida privada, acentuando traços do passado que tão indelêvelmente se me gravaram na alma.

Por volta de 1908, Penedo era sem dúvida uma cidade de intenso movimento comercial e social. Quando lá desembarquei numa quinta-feira de sol estival, deslumbrei-me com o casario alto, sobrados de dois andares, com os navios, barcaças e canoas que coalhavam o pôrto, com as igrejas, com o extenso convento, com as residências sumptuosas, a de Sizino Barreiros, por exemplo, sergipano opulento, havia algum tempo falecido.

O menino, vindo das pacatas vilas do sertão, experimentou uma emoção de surpresa e de encantamento. Aí vivi alguns anos. Aí se me revelou o mundo do espírito na poesia de Sabino Romariz, na música de Manuel Baixo, na vida espiritual de Moreno Brandão, na erudição do cônego Ribeiro e nas atividades educativas de Higino Belo.

Sergipano e como tal conhecido, nunca fui por isso desprezado, antes alvo constante de distinções que ainda

me consolam e naquele tempo me impeliam a avançar nos estudos e no saber.

Em 1945, voltei a rever Penedo, a cidade onde Maurício de Nassau sonhou levantar um padrao indestrutível que firmasse para sempre as linhas do império colonial batavo no sul do Novo Mundo. E senti algo parecido àquilo do soneto — **Reverendo a Casa Paterna**, do meigo Guimarães Junior.

Ao invés da cidade animada e viva, trepidante e festiva, que deixei no dealbar da mocidade, encontrei uma cidade esmaccida, talvez mais cuidada e asseada, mas triste, sem movimento, como se uma ancilose lhe houvesse entravado os membros e uma precoce velhice lhe tivera engelhado as faces. E doeu-me aquêlê torpor e pensei até, desconfiado, que a causa da diferença observada fossem meus olhos vendo o mundo, não mais com o prisma maravilhoso dos primeiros anos, mas com as lentes realistas da idade madura, sem iris de fantasia, sem a policromia dos devaneios. Mas confesso que desejei ver engrandecida aquela terra de tradição, aquêlê monumento do passado nacional.

Senhores, confesso que não há exagêro de afeto nesta minha linguagem. Depois de meu Sergipe natal, não há pedaço do Brasil, mais ligado ao meu coração do que Alagoas. Foi por isso que, prazenteiro, aceitei a incumbência de receber um alagoano neste cenáculo, de o saudar em nome dos intelectuais de Sergipe. Entre sergipanos e alagoanos não há Pirineus nem Himalaias: há o S. Francisco rumoroso e imponente, que trouxe o destino de unir o Brasil e congregar os brasileiros. Quando fundamos a Academia Sergipana de Letras, fomos para logo prestando uma homenagem ao Estado vizinho, trazendo para o nosso meio a figura simpática de Júlio de Albuquerque, o burilador de **Alma das Catedrais**. Assim procedendo em relação aos irmãos dos outros Estados, respondíamos à generosidade com que patricios nossos foram acolhidos em corporações congêneres, como Maviel do Prado em Pernambuco e Cleômenes Campos em S. Paulo.

Mas, dirá talvez alguém, quem é este alagoano que entra assim triunfalmente os pórticos da mais honrosa companhia intelectual de Sergipe? que títulos nos apresenta? que sabe? que professa?

Nosso novo acadêmico ressentente-se duma falha grave nas justas da vida provinciana: é modesto e humilde. O cabotinismo conta-se como elemento de êxito no rincão da provincia, para tôdas as profissões. Não sou humorista, mas a exemplificação daria ensejo a boas páginas de humorismo. Temos visto entre nós homens de formação espiritual rara, de prodigiosa erudição, de saber onímódo, passarem desnotados e ignotos na turba, somente porque desprezaram as atitudes estuçadas que conduzem à popularidade. Haja vista a Manuel Candido dos Santos Pereira. Não foram seus alunos, discípulos e admiradores, talvez seu nome, digno duma auréola, aí permanecesse desconhecido e menosprezado.

O professor João Evangelista Cajueiro, chegado a Sergipe, pôs-se a trabalhar sem pensar em auras populares, confiado na justiça do escol sergipano, formado de paladinos que não dilaceram os fracos, mas sabem defendê-los. Indefeso em meio estranho, sem brasões de família no local em que passou a viver, entregou-se à nossa hospitalidade. Talvez que êle fuja demasiado à evidência, pois estou, segundo as Escrituras, que o candieiro não se fêz para se meter debaixo do alqueire, mas deve de brilhar em lugar eminente para guiar os passos a quem precisa de luz.

Nascido em Penédo, filho legítimo de Manuel Antônio Cajueiro e Maria José Cruz Cajueiro, o professor João Evangelista fêz o curso primário na cidade natal. Coursou o Seminário Metropolitano de Maceió, tendo sido classificado em primeiro lugar nos exames de Latim, Grego e Português, ao fazer os estudos de humanidades naquele estabelecimento de ensino eclasiástico. Releva notar que, em Grego e Geometria, alcançou distinção. Deixando o Seminário e concluindo o curso secundário, lecionou Português no antigo Colégio 7 de Se-

embro, dirigido pelo professor João Valeriano de Oliveira. Tendo o monsenhor Odilon Lôbo fundado em Penedo o Colégio Anchieta, foi o jovem professor, ainda com dezessete anos de idade, convidado para censor do educandário, onde foi professor de Português, Matemática e Desenho. Com o mesmo sacerdote fundou em Penedo o jornal "**O Apóstolo**" de que foi gerente. Colaborou nas gazetas "**O Lutador**" e "**A Semana**", bem como na revista "**Penedo**", do conhecido poeta e jornalista Otton do Carmo Filho. Convidado a entrar no magistério oficial, submeteu-se, na Diretoria da Educação de Alagoas, a provas de habilitação, sendo aprovado com o grau máximo. Foi então designado diretor do Instituto Gabino Besouro, estabelecimento de ensino industrial e de formação do professorado rural, primeiro desse gênero no Estado de Alagoas. Na interventoria do capitão Tasso Tinoco foi nomeado, por merecimento, catedrático desse Instituto e cumulativamente seu diretor. Regeu as cadeiras de Matemática, Geografia Geral e do Brasil no Colégio Imaculada Conceição, de Penedo; e além dessas ocupou as cátedras de Português e Latim, quando esse educandário foi transformado em ginásio sob inspeção federal. O governador Osman Loureiro nomeou-o posteriormente professor de Português da Escola Normal Rural de Penedo. Foi depois designado para ler Matemática na mesma Escola, da qual foi alfim diretor por nomeação do coronel Ismar de Góis Monteiro, cargo que serviu até se transferir para a capital sergipana. Publicou crônicas e comentários em jornais e revistas, especialmente em "**O Apóstolo**", onde saíram a lume os seus "**Problemas do Vernáculo**", o "**Ementário da Nova Ortografia**" e "**Breve Exposição da Pronúncia Clássica do Latim**". Escreveu os opúsculos "**Como Ensinar Frações Ordinárias**" e "**Os Fatôres Ideológico e Afetivo na Sintaxe Portuguêsa**". Finalmente, em concurso para uma das cátedras de Português do Colégio Estadual de Sergipe, apresentou a tese intitulada "**Mário Barreto e a Renovação da Filologia Portuguêsa no Brasil**", sendo-lhe

conferida na defesa desta tese a nota dez (10) por todos os examinadores.

Eis aí a resposta à questão hipoteticamente formulada. Eis o acadêmico que entre palmas e flores penetra vitorioso o recinto da Acadêmia Sergipana de Letras.

Se eu opinar sobre a competência do professor Cajueiro, ninguém poderá increpar-me de apedauta. Quantos se preocupam com a história da evolução intelectual de Sergipe, nesta metade do século XX, sabem que, desde minha mocidade, sou um devoto estudioso das letras filológicas. Em boa justiça, ninguém poderá negar-me o direito de opinar e ajuizar nesta matéria, nem arrogar-se o direito de apoucar ou amesquinhar o meu julgamento. Quando quem julga ignora aquilo que está julgando, não pode haver pior juiz. Já o velho Terêncio, nos **Adelphos**, v. 99, asseverava que não havia nada mais injusto do que um ignorante: **Homine imperito nunquam quidquam injustius**. E as Escrituras sacras adverte-nos que cada um é sábio na sua arte: **Unusquisque sapiens in arte sua**.

A história está cheia de exemplos que confirmam estas verdades. Mas nenhum fato é mais impressionante nem elucidativo do que o processo de Galileu. Sábios teólogos e respeitáveis filósofos quiseram julgar em Astronomia com o Livro de Josué e as obras de Aristóteles, escritas havia quase dois milênios. E o que ficou para exemplo aos vindouros foi a cincada mais solene de que há notícia na história: Galileu condenado a afirmar, sob ameaça de penas bem conhecidas, que era o sol que se movia em torno da terra; a doutrina de Copérnico inquinada de herética, perigosa, escandalosa; comprometida a autoridade espiritual do chefe da cristandade ocidental... e tudo isso por que? Porque os teólogos sabiam Teologia e os filósofos sabiam Filosofia, mas se meteram a julgar o que sabiam. Não sei se foi esse ou outro fato análogo que levou um poeta alemão a dizer que o décimo-primeiro mandamento deveria ser assim exarado: **Não juígues aquilo de que não entendes**.

Dedicado que sempre tenho sido às questões filoló-

gicas, li e apreciei os trabalhos do professor Cajueiro, concernentes à lingua portugueza, e posso dizer que todos êles me produziram a melhor impressão e me fizeram aquilatar bem alto os méritos do autor.

O opúsculo sôbre o fator afetivo na linguagem merece atenta leitura. Pena é que circunstancias inevitáveis impedissem maior desenvolvimento à tese, que deve ser um dia retomada e concluída. Até há bem pouco, imperava despoticamente em sintaxe a Lógica: Quase não se concebia sintaxe sob outro aspecto. Nem Rui Barbosa conseguiu libertar-se dessa obsessão, motivo por que incorreu em vários erros evidentes na sua famosa **Réplica**. Lembrem-nos que à análise das relações sintáticas se tem chamado lógica, como se a expressão humana não pudesse desprender-se dos quadros rígidos das regras do pensamento. O professor Cajueiro, no seu útil opúsculo, põe em relêvo o papel dos afetos ou das reações psicológicas na trama da linguagem. Para exemplificar, poderia citar-vos o verso 372 do **Britannicus**, de Racine, onde se nos depara esta frase dirigida por Nero a um dos seus ministros: "**Et vous, qu'on se retire.**" É uma ordem de retirada após uma entrevista. Começa por uma expressão pessoal **vous**, e passa imediatamente a uma impessoal — **on**: "**Et vous qu'on se retire.**" O imperador quis amenizar a ordem, passando do pronome pessoal **vous** para o pronome indefinido **on**. Poderíamos aduzir exemplo semelhante de Voltaire, em **Mérope**, algures. E isso é sintaxe afetiva, que o rigor lógico não pode explicar.

João Ribeiro, no seu conhecido livro **Lingua Nacional**, tenta explicar nosso brasileirismo — **me diga** e **quejandos**, dizendo que a intenção de suavizar o pedido reclama na linguagem viva do povo esta próclise malsinada pelos gramáticos. Mas, diz nosso filólogo, quando querem exprimir uma intimação, uma ordem imperativa, os brasileiros, sejam êles quais forem, colocam os pronomes rigorosamente à lusitana: **Passe-me os cobres**...

Podríamos alongar-nos sôbre a sintaxe afetiva e

ideológica que o professor Cajueiro apontou no seu apêndice e que, certo, teria desenvolvido, se não fora a dificuldade de impressão e a premência de tempo.

Vulgarizando esses conhecimentos, contribuistes, professor Cajueiro, para libertar entre estudiosos a sintaxe dos preconceitos da logicidade exclusiva, pois, além dos fatores que sublinhastes, ainda a fonética e a estética influem poderosamente nos fenômenos sintáticos. Como disse atrás, foi por não atentar nisso talvez que Rui Barbosa enveredou por sendas nial seguras, no afã de explicar certas dificuldades da lingua portugüesa. Os limites deste discurso não me permitem provar esta assertiva, mas bastam duas passagens para vos convencer desta verdade.

Argumentando contra a vernaculidade da locução interrogativa **o que ?**, Rui insistia em que não era possível arranjar entre as categorias gramaticais uma gavetinha para a partícula malfadada. Estais vendo a preocupação da lógica... Efetivamente este **o** não é artigo, nem pronome, nem coisa alguma sob o aspecto da logicidade.

Mas Said Ali, em trabalho memorável, provou à saciedade a importancia fonética desta partícula, considerando-a ponto de apoio ou de sustentação da interrogativa seguinte.

A preocupação lógica levou o inclito baiano a não se afastar da regra de Soares Barbosa no tocante ao uso do infinito pessoal. Ora, além da clareza (ponto de vista lógico), existem, influindo sobre-posses na sintaxe do infinito, dois outros fatores: a harmonia (ponto de vista estético) e a ênfase (ponto de vista afetivo ou psicológico).

Quando Camões versejou:

“Folgarás de veres a policia

Portugüesa na paz e na milicia”,

quis enfatizar e a expressão lucrou em beleza e harmonia. Rui, preso aos liames da lógica, poderosos no seu tempo, não percebeu os outros fatores, capazes de influir na solução do problema sintático. Ele chegou até mes-

mo ao ponto de confundir identidade de sentido com identidade de sintaxe, como no caso da regência dos verbos **indenizar e ressarcir**.

Se um gigante como o autor da **Réplica** ciscava nestes assuntos, por não estar apercebido da insuficiência do critério lógico em questões de linguagem, imaginemos o comum dos mortais aonde não iria chegar nesta classe de estudos !

Prestastes, pois, bom serviço, professor João Evangelista Cajueiro, editando vosso opúsculo em que salientais o valor dos fatores ideológico e afetivo na aferição dos fatos sintáticos.

Depois, concorrestes à cátedra de Português do Colégio Estadual de Sergipe com vossa tese : "**Mário Barreto e a Renovação da Filologia Portuguêsa no Brasil**". Conhecíamos o esboço histórico que sobre o assunto escrevera Maximino Maciel na **Gramática Descritiva**. Depois, Antenor Nascentes atualizou o tentame de Maximino Maciel, juntando-lhe observações próprias. Enriqueceste a bibliografia relativa à história da filologia no Brasil com a vossa tese brilhante. Ai nos mostrais a contribuição sergipana, representada em Maciel, João Ribeiro, Laudelino Freire e Brício Cardoso.

Sopesando êsses trabalhos, é que penetrais êste santuário das letras. E o fazeis tímidamente. Dizia já Anatole France : "A diferença entre o ignorante e o sábio é que êste anda tateando, medrosa e cautelosamente, as paredes dum quarto escuro, enquanto aquêle, despreocupadamente, feliz e sem temor, caminha pelo meio da escuridão".

Sabeis, Sr. Professor, que em Francês a palavra **clerc** não significa somente clérigo, mas também **letrado, sábio**. Daí, por exemplo, o título do livro de Julien Benda, **La Trahison des Clercs**, que deveria ser lido e profundamente meditado por todos os que vivem mais para o espírito. Confesso que, só após a leitura desta maravilha, foi que compreendi aquilo de Horácio : **Odi profanum vulgus et arceo**. E' claro que o vulgo profano, coitado !

vive mais e muito para a matéria e para as coisas concretas. O homem de letras tem algo de sacerdócio. **Musarum sacerdos** é ainda expressão horaciana, d'este homem finamente espiritual e tão espiritual que em suas **Cartas e Correspondências** o cardeal Newman afirma que a leitura de Horácio faz um bem enorme a quem tem fé.

Julien Benda, naquele livro admirável, prova irrefutavelmente como nos tempos modernos os **clérigos** traíram, desde os verdadeiros **clérigos** do altar até os homens denominados intelectuais vulgarmente. Traíram, servindo as paixões egoísticas; traíram, praticando um realismo profano; traíram, confundindo as noções do bem e do mal; traíram, prostituindo a inteligência e a pena a serviço dos partidos e dos interesses das várias nacionalidades. Urge que os clérigos deixem aos animais os processos violentos ou capciosos da luta pela vida; urge que amem de novo o bem, a beleza e sobretudo a verdade; que sejam capazes de sofrer ou de morrer por êles, como o fizeram Sócrates, Galileu ou Savonarola. Surjam almas de paladinos em pró da beleza das artes, d'este ideal que a Grécia nos legou, juntamente com o culto da verdade, tão fortemente ligado à moral de seus filósofos que fazia Aristóteles dizer na **Ética** a Nicômaco: "Se tanto Plato como a verdade são meus amigos, é um dever de consciência o dar preferência à verdade".

O mundo piora dia a dia, porque os intelectuais estão falhando e descendo a misturar-se com o vulgo profano... Levantemos nosso espírito; abandonemos as puerilidades das competições pequeninas; recolhamos e enriqueçamos a herança do humanismo, fomentando o amor e a paz universais, a mais olorosa flor do cristianismo; defendendo a liberdade, essa contribuição magnífica da filosofia do século XVIII, clima único e único céu sob o qual pode frutificar o espírito; e pugnando para que reine a justiça social e possam todos bendizer o destino e não haja ensejo para que nenhum poeta do mundo chore sobre homem...

“Sem ar, sem pão, sem luz, sem fé, sem Deus, sem lar...”

Impertérritos, sigamos nossa rota. E, se heuver quem nos contradigae ou apedreje, façamos como alguém que muito intimamente conheço e que, tendo de tomar uma resolução grave na vida e perguntando a si próprio o que diriam, encontrou casualmente num livro antigo estas palavras do sapientíssimo bispo de Hipona: **“Digam de Agostinho tudo o que quiserem. Eu sou o que sou: nem maior com os louvores nem menor com os vitupérios”**: **“Dicant de Augustino quidquid voluerint. Sum id quod sum: nec maior in laude nec minor in vituperio”**.

Perdoai-me, senhores, se estou fazendo parenética, mas em hora solene de recepção de um intelectual no recinto da mais nobre companhia espiritual de Sergipe, não é mal que levantemos os olhos às estrélas, bem longe dos lodaçais terrenos.

Esta é hora de paz, de exultação e exaltação; hora de conagraçamento e de fraternidade; hora de anseios por um Sergipe cada vez mais elevado e quintessenciado no plano espiritual.

Professor João Evangelista Cajuciro, permaneci entre nós com as luzes do vosso saber. Fazei porque a Academia Sergipana de Letras alcance o seu objetivo: a grandeza intelectual do nosso povo. Sêde sergipano pelo coração, como o coração dos sergipanos vos acolheu desde vossa chegada e vos conclamou para este cenáculo de luz.

Sêde benvindo!

Jubileu Áureo Sacerdotal do Acadêmico Padre Filadelfo Jonatas de Oliveira — 21-12-1901 — Recife — Cincoenta anos depois — 21-12-1951 — Laranjeiras.

**Padre Filadelfo Oliveira
Da Academia Sergipana de Letras**

**Exmo Revmo D. Fernando Gomes,
Exmos Senhores e colegas meus,
Laranjeirenses e paroquianos meus :**

Recordar é viver. Recordar é sofrer. Viver recordando é sofrer pelo pouco que se fez, podendo muito mais se ter feito ou pelo muito que se fez e que não se devia fazer. Ao completar os meus cincoenta anos de sacerdotio, recordo com pezar que muito mais devia ter feito e que muito fiz que não devia ter feito. Consola-me entretanto a consciencia que cumpri minha missão na terra dada por Deus. Há cincoenta anos ouvi uma voz divina que me dizia : Tu es sacerdos in æternum. Desde então por toda parte ouvia o eco repetir : Tu es sacerdos in æternum. Ao romper da aurora ou ao crepusculo do dia, a brisa, que passava repetia : Tu es sacerdos in æternum. Nas alegrias e nas tristezas sempre uma voz repetia : Tu es sacerdos in æternum. Juravit Dominus. Jurei ao Senhor que seria sacerdote eternamente. Toda mocidade, energia, atividade, tudo sacrifiquei por Deus, pela Patria, pela Familia. Um só momento não me afastei da

Vinha do Senhor, pregando, catequizando, batizando, casando, suavizando corações, balsamificando lábios corruissivos pelas dores e pelos sofrimentos, atravessando montanhas, colinas, vales, campinas, rios, levando ao pobre, ao moribundo se extorcendo nas vascas da agonia, o meigo Jesus na Hostia Branca bem perto do meu coração e a todos apontando para o céu, termo da vida terrena. Durante cinquenta anos batizei trinta mil crianças, anjos que no céu por mim esperam. Uni, pelos laços nupciais três gerações iluminadas pela fé, base de uma patria forte e cristã. Durante cinquenta anos recebi no calice do meu coração as lagrimas de dores e de alegrias porque a vida do sacerdote é de lagrimas. No batismo chora a criança, chora a mãe de alegria. No casamento chora a noiva diante de um esperançoso futuro. Na morte quando fogem a ciencia descrente, os amigos desiludidos, chega o sacerdote recebendo no calice do seu coração as lagrimas e gemidos, apontando para o céu, termo final da vida. Mais facil construir do que conservar. Conservei religiosamente e com mais fulgor esta Matriz, legado sagrado dos antepassados, primeiro templo consagrado ao Sagrado Coração de Jesus no mundo e que constitue verdadeiro monumento historico e artistico, verdadeira joia na pintura e na escultura, conservando acesa a lampada da fé, aquecendo corações, iluminando cerebros. Vivi para a Patria, Laranjeiras, berço adoravel onde nasci, cercado de colinas encimadas pela Cruz, contemplando imensos canaviais balouçados pelas meigas brisas, ouvindo o murmuro do Cotinguiba e os plangentes sons dos sinos do Bonfim recordando glorias passadas e saudades inesqueciveis. Contemplei Laranjeiras toda florida, rica e garbosa, movimentando setenta fabricas açucareiras, mantendo intercambio social entre as familias camponesas, que, unidas rezavam e unidas se amavam. A Religião, a Poesia e a Musica unidas e intrelaçadas cantavam hinos a Deus nas grandes festas religiosas e á Patria nas grandes demonstrações patrioticas. Arrancaram-lhe os fulgores do progresso e a pu-

junça do Comercio e da Industria, porem jamais arrancaram o facho da fé, que continúa aceso no coração do povo. Assisti ascensões e decaídas, lutei e venci sem servilismo e hipocrisia, nada pedindo e nada devendo. Hoje assistindo o declinio e o ocaso da patria adoravel em razão da corrente impetuosa do progresso que passa arrastando em avalanche as flores mimosas do seu passado, contemplo perpassando pela imaginação sombras de varões sublimados, herois cujos nomes ficaram gravados nas paginas da Historia e então fico como Jeremias chorando sobre Jerusalem, Mario soluçando sobre Carthago, Lucano lamentando as ruinas de Troya ou exclamando como Leonidas nas Termopilas : Aquí morro, pela Pátria.

Acompanhei os meus pais e familia na velhice até ao tumulo onde por mim esperam e sobre cujos restos mortais deposito flores e lagrimas de saudades. De inicio disse que recordar é viver. Vivo, pois, do passado da minha terra, das tradições do seu povo e da fé de Deus diante do qual curvo a fronte circundada de cans, como prateada corôa, símbolo das vitórias obtidas durante estes cincoenta anos de vida no Santuario do Senhor, entoando sem cessar o hino de ação de graças : —

Te Deum laudamus

JURAMENTO SACERDOTAL

Juravit Dominus
Tu es Sacerdos in æternum

Padre Filadelfo Oliveira

Aos vinte e um de Dezembro de mil novecentos e um os céus abriram-se e, sobre minha juvenil! fronte iluminada pelas ilusões e esperanças, vozes divinas cantaram :

Tu es Sacerdos in æternum.

O Pontífice revestido com longas roupagens litúrgicas, salmodiando, repetiu entre espirais de incenso :

Tu es Sacerdos in æternum.

Atravessei os mares balouçado pelas ondas que beijavam a praia ouvindo sempre pela voz do vento :

Tu es Sacerdos in æternum.

Ao romper da aurora ou ao crepúsculo do dia a brisa passando suave, assim dizia :

Tu es Sacerdos in æternum.

Nas longas vigílias contemplando as estrelas, elas diziam no seu tremular constante :

Tu es Sacerdos in æternum.

Quando o coração tremia perdendo seu ritmo, o cerebro dizia. Porque palpitas coração ?

Tu es Sacerdos in æternum.

Passados cincoenta anos com a cabeça branca mais parecendo vitoriosa corôa, ouço de um rumôr de crianças o hino :

Tu es Sacerdos in æternum.

Sim. Juravit Dominus. Jurei, Senhor :

ORAÇÃO SACERDOTAL

Frei Villar

Guardae, vos peço, divinal Jesus,
A quem chamastes para o santuário
Os vossos Padres, sal do mundo e luz
Cujo viver se esvae junto ao sacrário.

Livrae-os, Deus, das ilusões fatais,
Dos laços vis do mundo enganador,
Nas tentações do fero Satanaz
Ah ! protegei-os, divinal Pastor.

Na luta ingente contra os maus incréos,
Ei'os no mundo, oh Deus, Vossa Glória
Vinde abrandar os fortes escarcéos
E sustental-os firmes na vitoria !

Nas noites de tremenda solidão,
Quando sua alma estua, fortemente,
De amor, parecendo tudo em vão,
Ah ! confortai-os, Mestre, docemente.

Lembraí-vos, Deus, que tão somente em Vós,
O Sacerdote encontra proteção,
Humano e fraco, a natureza atroz
Traí-o, Jesus, em vil excrevidão.

BODAS DE OURO

Ao Vigário Filadelfo Jonatas de Oliveira, em o dia da passagem do seu Jubileu sacerdotal.

21-12-1901

21-12-1951

Mais um Natal, um ano mais vencido,
Um ano mais de luta eficiente,
Mais um degráu transposto heroicamente,
Um marco mais de Luz hoje atingido, . . .

Quantas vezes, o peito mal ferido,
Da maldade sofrendo a farpa ingente,
A bondade pregaste meigamente,
O perdão ministraste comovido l. . .

Escudado na fé, alma voltada
Para as serenas plagas in finitas,
Da bem trilhando sempre a santa estrada,

Assim, tem sido, ó Padre, o teu viver, . . .
Grande missão, bendita entre as benditas !
Glória a ti, sobre arauto do dever l. . .

ANTONIO HENRIQUES

DISCURSO

pelo academico J. Freire Ribeiro como representante da
Academia Sergipana de Letras no Jubileu Sacerdotal do
Padre Filadelfo Oliveira

Exmo. Revmo. Sr. Bispo, D. Fernando
Gomes :

Autoridades ecclesiasticas, civis e militares :

Laranjeirenses :

Cincoent' anos no Tempo !...

Meio seculo que se foi no caminho das Eras ! Grande rio de cinza e ouro, onde tristezas e alegrias se entrecocam evocando manhã que longe vai, e a saudade, — fiel operario das reconstruções afetivas — trazendo aos nossos olhos, do muito que se foi nos oceanos do tempo, a beleza das aguarelas que se transfiguram na via-lactea das emoções mais doridas !... Na cidade mais brasileira do Brasil, onde a Patria gatinhou subindo ladeiras, á procura dos seus alevantados destinos e aprendeu, índia côr-de-telha, o primeiro sinal da Cruz que desce-
ra dos astros; na cidade de Tomé de Souza, berço da nacionalidade, recebestes, Vigario Filadelfo, a tonsura clerical das mãos venerandas e sagradas de Don Jerônimo Tomé da Silva. Certo influiu poderosamente na vossa formação intellectual e religiosa, o encanto místico daquelas paragens onde o Verbo inegalavel de VIEIRA inda ressoa, conclamando-nos ao amor do Brasil e a Fé do Cristo, — VIEIRA, o eterno, o imenso, a luz aureal da Companhia, que, no trabalho gigantesco dos seus apóstolos, — bandeirantes da Cruz nas selvas do Novo Mundo, nos deu, do Oiapoque ao Chui, das zonas do Mar ás solidões do Oeste, a unidade inquebrantavel da Patria !...

Cincoent' anos flambelando nas bandeiras do Tempo !... O Seminario de Olinda poisando em suave eminencia como ousado ninho de gaiotas diante do mar, — o mar do Leão do Norte, o mar que se esfrola na Praia

dos Milagres em sorrisos de espumas no papiro das praias infinitas !... O bailar das palmeiras na passagem dos ventos que desfraldaram flâmulas da Holanda e pendões luzitanos no dealbar da nossa Historia, — historia, crismada nos Guararapes e nas Tabocas, no sangue dos bravos Pernambucanos !

Seminario de Olinda... Matinas e Laudes... Tocar de sinos pelas horas da tarde ! Alegrias no refeitório, meditações no Livro das horas ! Graças ao longe, voejando no azul e o jovem Filadelfo ao contemplar esses lenços da saudade do ceu, enviando o coração á Patria Laranjeirense !... A Catedral de Olinda... A luz dos altares, a imponencia da cerimonia e a magestade solene de Don Raimundo de Brito, sagrando o jovem levita hoje encanecido nos serviços de Deus : — Tu sacerdos in aeternum !...

12 de Janeiro de 1902 !

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Laranjeiras, é festa que se não compassa, alegria que se não sabe dizer ! Autoridades, Senhores de Engenho, figuras do antigo Imperio e da jovem Republica; pobres e ricos, — toda Laranjeiras enche o templo sagrado. Filadelfo Jonatas de Oliveira, canta a Primeira Missa !...

Foguetes espoucam no ar e os sinos, monges de bronze, transbordam o azul de alegrias sonoras que despartam a mansuetude verdejante dos Vales da Cotin-guiba !... Feliz e chorosa, na comoção mais sublime Maria Tertuliana de Jesus, abençoa o filho estremecido.

Começara no Tempo, a vida do Pastor a quem hoje homenageamos !...

Desdobra-se o jovem Padre nos trabalhos do Cristo!... No decimo sol de Setembro de 1905, inaugura-se o templo que é a Matriz de Laranjeiras, — Hoje a suntuosa Basilica em que nos encontramos. Onze padres occupam o altar. E' a missa solene celebrada pelo Vigario Filadelfo Jonatas de Oliveira a que não falta a presença do Presidente do Estado, Dr. Jozino Menezes. Ao Evangelho, o grande e saudoso luminar da Igreja, Conego Dr.

João de Matos Freire de Carvalho, pronuncia oração magnífica. Sobre tarde, em procissão memorável, Laranjeiras dá mostras da sua fé inquebrantável que, dia a dia, mais se fortalece e mais se renova. Dentro na noite o genio de Manoel Garangáu desabrocha rosas de prata e ouro sobre a cidade. A alma de Filadelfo tem as alegrias do sol sobre as praias de Olinda !...

Cincoent' anos no Tempo !...

E nesse transito a obra do Pastor avultando e merecendo os mais vivos aplausos. E hoje, a sua historia, que é a resplandecente Historia de Laranjeiras Catolica, vem-la soletrada na voz dos ventos que caminham os espaços, nos sinos de Laranjeiras, maviosos nas aleluias e tão chorosos quando a dor alanceia a cidade ! Sim, os sinos de Laranjeiras que, hoje repicando festivamente, celebram e exaltam o nome do nosso eminente homenageado ! Os sinos que durante esse cincoentenário choraram no passamento de José de Vasconcelos, filantropo a quem podemos chamar o Barão de Maroim de Laranjeiras; Albano do Prado Franco, Alcino dos Santos Silva, Ciro Barreto de Menezes, José Pinheiro dos Santos Silva, Evangelino de Faro, Antonio de Siqueira Horta, Ernesto Sobral, Pedro Diniz Gonçalves, D. Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança, mestra insigne que recebeu louvores do "neto de Marco Aurelio"; Santaninha e Esmeralda Ribeiro Guimarães, Ana dos Santos Silva; Marcolino Ezequiel de Jesus, Manoel Secundino, Epimaco de Azevedo, Manoel Cruz, Professor Bahiense, genio da nossa musica, Militão de Bragança, gloria da Medicina Brasileira; Liberio de Souza Monteiro, expoente das nossas letras juridicas; Gervasio de Sá Barreto, o mais elegante dos nossos periodistas; Heraclito Dinis Gonçalves que fez da Medicina um apostolado do coração, José do Prado Franco, condotieri do nosso desenvolvimento economico, e tambem os que alegraram a cidade como esses Antonio Aires Brandão, Olimpico e Simião Oliveira, Odilon, Ernesto e Armando Abreu, Moisés e Messias Correia, Agripino Café, o velho Henriques, dono dos caninhos

do mar, — poetas e seresteiros errantes na alegria a quem rendemos nossas homenagens e Filadelfo Jonatas de Oliveira, no seu sacerdócio, levou o conforto da Fé que transporta montanhas ! . . .

Casamentos e batizados . . . Novenas, tríduos, e a mão do Sacerdote, abençoando e unindo, unindo e abençoando !

* * *

Orador, Escritor e Historiador, Filadelfo Jonatas de Oliveira, fulge nas letras patricias. A história de Laranjeiras, que é a História de Sergipe, tem, nos seus livros monumento perene.

Grego, nas conquistas da Luz pela sabedoria, jamais desmereceu as tradições augustas desta Atenas Sergipana.

Quizeram, ilustre sacerdote, os nossos confrades da Academia fosse o meu pensamento o tradutor das nossas alegrias neste meio seculo da vossa gloria. Mas, com mais eloquencia, fala dos vossos meritos esta cidade veneravel a que Manoel dos Passos cognominou de "refugio de todas as grandezas".

Esta cidade que nasceu de uma flor e perfuma as tradições mais vivas da pequenina Patria Sergipana, cidade immortalizada por Carvalho Neto, em pagina memoravel.

Recebei, Sacerdote Ilustre os nossos louvores, as homenagens dos vossos irmãos zeladores das lampadas do Pensamento nos altares do Espirito, neste cincoentenario da vossa vida nos Divinos Officios.

Recebei, amigo e companheiro, o meu coração onde viveis tambem no quadro afetivo das saudades do meu outrora, — o coração do menino de ontem sob os ceus de Nossa Senhora do Socorro de Tomar da Cotinguiba, em cujo templo, ainda ressoam, os vossos sermões, na glorificação da Rainha dos Anjos !

Sim, recebei os aplausos da Academia Sergipana de Letras, que ora represento nesta solenidade.

Vosso nome, Vigario Filadelfo Jonatas de Oliveira, é um cantico de vitória no ceu infinito.

O clero no Brasil

Padre Filadelfo Oliveira

O Brasil, foi descoberto por Pedro Alvares Cabral, tremulando nos mastros das naus da sua venturosa frota, o pendão da Cruz. A posse da nova terra foi assinalada por uma missa em tóscó altar encimado por uma Cruz, sendo celebrante Frei Henrique Coimbra, auxiliado por oito companheiros religiosos. O primeiro mestre no Brasil foi o Padre Manoel da Nobrega, o guia e chefe desta edificação moral e social do Brasil, fundando a primeira escola, a qual foi depois o Colégio dos Jesuitas, onde o Padre José de Anchieta foi o primeiro poeta a cantar em versos as belezas das florestas, sendo chamado o Cantor das Selvas e as belezas da fé escrevendo nas praias sacros poemas em louvor a Virgem, diante da qual Catarina Paraguassú exclamou : Esta é, a Grã Senhora que eu vi em doce sonho. O padre Antonio Vieira foi o primeiro a cantar em clássicas e eloquentes prosas as grandezas da lingua lusitana e da fé cristã, sendo como outrora São Paulo tocado por um raio de luz diante do altar da Virgem das Maravilhas, em Baía. O primeiro batismo da fé e da civilização foi feito com o sangue dos primeiros mártires Dom Pedro Sardinha, dos seus cônegos e dos jesuitas Pedro Correia, João Souza e padre Alvaro, morto em combate com os Bandeirantes. Defensores dos índios e fundadores de São Paulo foram os padres José Anchieta e Manoel Piva. Os padres Gaspar Lourenço e João Saloio levantaram a cruz e a espada salvando Sergipe da Invasão Holandesa. O batismo da Pátria e da liberdade foi feito com o sangue dos patriotas frei Joaquim Miguelinho, frei Joaquim das Mercês, padres Bento A'vila, Inácio Cavalcante, Santos Maior, Jaguaribe, Tenorio e frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que foi fuzilado por não haver carrasco, que o executasse. Foram suas ultimas palavras : **Amigos : peço que não me deixeis padecer por mais tempo.** Então uma descarga de fuzilaria fez tombar aquele corpo, o qual futuramente seria o pedestal de sua glória. Frei

Sampaio foi quem redigiu a representação do tão célebre "Fico". Ouvindo o grito da Independência, estava o padre Belchior de Oliveira. Fundado o Império, encontramos no Senado o bispo Dom José Clemente, os padres Pinto Santos e José Custódio, na Camara Dom Romualdo Antonio de Seixas e padre Belchior de Oliveira e na Regência o padre Diogo Feijó, Ministro da Justiça e presidente do Gabinete, governando o País com justiça e pulso forte. No movimento abolicionista vemos assassinado o padre Lourenço Mendonça, preso o padre Antonio Vieira, como abolicionista exaltado e proclamado precursor de tão sublime ideal, e o padre Manoel Ribeiro Rocha publicando a sua celebre obra: *Etiope Resgatado*. Em marcha o movimento republicano, vemos o padre João Manoel no recinto da Camara dando vivas a Republica, provando assim que a democracia é também o regime dos brasileiros cristãos, bem representados no governo dos Estados por Dom Aquino Correia, Monsenhor Olimpio Campos, Deão Pereira Alves, os quais como anjos pacificadores salvaram da anarquia Mato Grosso, Sergipe e Pernambuco e no Congresso Nacional, pelos Monsenhores Alberto Gonçalves, Valfredo Leal, Leoncio Galvão, Olimpio Campos, Medeiros Neto, Arruda Camara, sendo este último agraciado por Pio XII com o titulo de Monsenhor, com as palavras seguintes: Fazemos votos para que a voz do denodado defensor das reivindicações catolicas no Parlamento Brasileiro constitua o eco através do Brasil para triumpho completo da causa de Deus e da Igreja. No setor educacional e moral vemos os jesuitas e salesianos verdadeiros atilas da fé, sem armas, canhões e sim com a cruz, penetrando e devastando virgens florestas levando o pão espiritual e conduzindo os selvagens para o banquete da fé e da civilização, formando assim um Brasil grande no seu território, profundo em suas florestas, imenso nas suas praias, forte em seus filhos, integrado na fé cristã, contemplando durante as noites o Cruzeiro do Sul, durante os dias o Cristo do

Coreovado, ouvindo as orquestras da Iguaçu e da Paulo Afonso, cantando o hino da fé e do patriotismo : **Quem não crê, brasileiro não é.** Assim tem sido a atuação do clero no Brasil Colônia, Império e Republica.

Assim é que se ensina o são patriotismo,
E' assim que se mostra por atos de civismo
A nobre Pátria amar.

Estilo das Letras

GERVASIO PRATA

Quando se escreve em estilo das letras deve-se ^{ter} em mira o escultor ao plasmar o seu pensamento na materia rude e informe sobre que trabalha.

Diz-se primeiro o que se quer dizer acompanhando o fluxo das ideias que o cerebro derrama no exprimir da palavra escrita.

Não preocupar-se em rebuscar a frase nem deter-se, parado, por causa de um termo menos proprio ou falta de outro que se saiba melhor, ou porque se não se esteja satisfeito da maneira como se disse pela possibilidade de existir outra mais do agrado e do feitio de quem escreve.

O assunto é de ser enunciado sem precipitação a mente orientada no sentido do que se pretende aluzir com sufficiente clareza, simplicidade e metodo.

E' a primeira frase, **in grosso**.

Uma vez escrito, experimenta-se a necessidade de pôr de lado o que se escreveu, esquecendo-o, passando-se, mais tarde, em outra oportunidade, a uma revisão atenta e por partes.

Com facilidade perceber-se-á, então, do quanto a construção carece, para satisfazer.

Trechos que pareciam imunes são eliminados, substituidos retificados. Expressões mais de gosto tomam o

lugar proprio. Os periodos são dispostos em continuidade logica, sem a qual a dissertação se ressentente entrecortada e pausada de hiatus.

Suprime-se quanto possa resultar em afetação, redundancia, obscuridade, fraquesa, exagero, desconveniencia.

Não é que tudo haja de ser escoimado em desgaste irremediavel. Conviria nessas condições, refazer a peça. Seria isto desmaturar da fonte a espontaneidade que lhe dá a força de existir, estímulo de produzir. Porque ninguém terá prazer daquilo que reclama esforços penosos do corpo ou do espirito, sem a intima alegria da naturalidade como faz as cousas.

Nós nos revemos e nos identificamos nas nossas palavras e nossos escritos quanto nos reconhecemos pela nossa voz e nosso rosto.

Cada um está no caso de saber até onde pode chegar. E' inutil pretender alem. Ai se encontra a razão porque em começo das letras quasi todos escrevem, tecem estrofes e treinam para orador. Só com o seguimento dos anos os anseios se dissipam, cada qual na medida que traz consigo. Em suma, a leitura retomada algumas vezes ditará os acertos finais e a composição terá chegado a seu fim, encerrando o ciclo da sua formação.

Restará, concludente, do escritor, aquilo que é positivamente seu, a sua obra.

E' o mesmo processo do estatuario no afanoso mister de dar marmore a feição da arte. Recebe ao natural o monolito vindo do seio da terra. Calcúla e traça mentalmente e por instrumentos os pontos e as linhas definidoras da concepção a realizar, segundo o termo escolhido.

De cinzel à mão vae desborcinando, aos poucos em fraguimentos e estilhas, que saltam tudo o que não é de poupar libertando e aliviando a massa do impenetravel cazulo, dentro do qual, como que dormia latente.

Ver sob o mais estranho dos indumento; ser cujo destino está nas mãos do Homem arrancá-la da treva para a luz, do nada para a existencia, do não ser para o ser. pre-

cioso achado que o homem faz seu, com os artificios do seu engenho, parcela do divino no mundo.

A golpes prudentes e constantes como quem escava relíquias intocáveis sob os segredos do chão, começam a despregar-se do arcabouço, que os retrem, formas e contornos, indentificando a marca do ser nascente. Tarefa de arqueólogo desoterrando das camadas do solo vestígios de eras passadas. Mais difícil ainda do que isto.

Assim pacientemente vai se insuflando a rocha do pensamento que a dilacera e toíha, molda e constrói, substituindo-se na sua pura pontenciabilidade material pela encarnação representada de um conceito ou de uma ideia.

E' a arte na sua integral ocupação, refletindo realidades da natureza, obstração da inteligência, emoções dos sentimentos.

De logo outros instrumentos surgem porém menos implacáveis que o buril, retocando, melhorando, aperfeiçoando, até que venha à criação o sopro verificador, que lhe dá a alma, e não é senão o equilíbrio, a naturalidade, a incessão da fidelidade.

E não fosse as correções, o apuro meticuloso, tendo como guia o subconciente, certo a arte não atingiria ao apogeu nos povos que amaram e amam a beleza das formas.

Casanova olhando os deuses e estatuas esculpidos pelos antigos gregos largou esta exclamação celebre: "As outras estatuas que tenho visto foram feitas de pedra, estas porém são de carne e osso".

O caso de Rodin é de ser lembrado como exemplo.

Recebera êle a visita que lhe foi Stejan Sweig, e, como era natural, houve de mostrar ao ilustre visitante a oficina em preenchia os dias.

Do olhar lançado, em improviso de re'ampago, logo descobriu, numa produção esposta, algo que lhe não parecia bem, passando imediatamente a remediar a falha. E tanto se entretive, absorto, no que se puzera a fazer que esqueceu completamente quem ali tão grande se encontrava presente. Sweig, não podendo mais esperar, retirou-se por sua con-

ta, sem ser notado. Depois foi procurado e recebeu desculpas.

O escritor, viu neste fato uma prova da abstração do genio.

Mas não deixa de ser uma comprovação tambem de que até os genios não ficam a salvo de retoques e polimentos em suas obras.

Que anos cousumiu Dante para dar como pronta a Divina Comédia, limando polindo, removendo migaihas!

Não há de ser este motivo, portanto, que alguém se virá privado da reputação que mereça por seus trabalhos, sabido que uma peça mais esmerada, não poderá conferir titulo de honra ou de gloria, se o autor não tiver habilidade na sua execução.

Jamais a fará em condições de mérito, se não for capaz disto.

ENOCH SANTIAGO

GUMERSINDO BESSA

Discurso pronunciado no
dia 8 de Dezembro de 1951,
em sessão solene
no Tribunal de
Justiça do Estado



1952
IMPRESA OFICIAL
ARACAJU

**Exmo. Sr. Dr. Secretário da Justiça, re-
presentante do Exmo. Sr. Governador do
Estado**

**Exmo. Sr. Desembargador Presidente e de-
mais Membros do Tribunal**

Exmas. Autoridades

Exma. Família Gumersindo Bessa

Meus Senhores

Minhas Senhoras

Lembro-me como se fôra hoje, como se fôra neste instante, porque o quadro permanece vivo aos meus olhos. Gumersindo de pé, na tribuna erguida ao lado da estátua de Fausto Cardoso, com um lenço muito alvo, limpava as lentes dos óculos, para ler o discurso da solemnidade, que era a inauguração do monumento erguido em memória do grande sergipano e o primeiro a figurar numa das praças da capital.

Gumersindo ia falar e por sôbre a multidão que enchia a praça uma ansiedade premia os corações. Tôda aquela massa humana tinha os olhos fitos no eminente juriconsulto que, sobranceiro, dominava o silêncio e a emoção generalizada, porque êle tinha fôrça moral e espiritual para conseguí-lo.

Era 7 de Setembro de 1912, seis anos após os acontecimentos de 1906, quando então, Sergipe revivia os lances dramáticos de 10 e de 28 de Agosto; do dia em que Fausto sublevára a Fôrça Pública, depondo as autoridades constituídas, e do dia em que êle, alvejado por uma bala infeliz, cai sacrificado e imolado, vítima do movimento que êle próprio desencadeára. Consumára-se assim uma tragédia cruenta, louca e desesperada, que iria entrar na História de Sergipe, com as luzes de uma epopéia, quando outra coisa não fôra, senão, em sua origem, um atentado à lei e à ordem pública. Mas, Fausto

estava glorificado. Os que lhe sacrificaram a vida, porque os idealistas podem ser apontados a dedo, carregavam agora a consciência, perpetuando na eternidade de bronze o gesto e a atitude corajosa com que elle investira contra a casa do govêrno, gritando que o palácio era dos sergipanos...

A imaginação exaltada da popuiça, aterrada e comungida pela tragédia que se consumára aos seus olhos, criou o herói e o tempo consagrou o seu culto, que está hoje perpetuado. Falamos e referimos a estes lances da história política de Sergipe, como se fôssemos historiadores, sem paixão e sem interêsse, buscando, apenas, narrar os acontecimentos na sua forma conscienciosa e autêntica, como é dever do historiador, subordinado à perífrase de Cicero: — "historia est testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis".

Então Gumersindo falou, evocando Michelet ao abrir a narrativa da tremenda éra do velho regime de Luiz XVI: — "Desde o instante em que se me poz aos hombros esta cruz, até o presente momento em que vos estou falando com toda a alma nos lábios, a mesma voz de cá de dentro está a segredar-me: — Quem és tu, para te creres digno de falar de Fausto Cardoso"?

Foi nesta oportunidade a minha melhor visão de Gumersindo Bessa que eu a conservo nas evocações dos meus anos vinte e um, e que agora me socorre para iniciar a pequena oração cívica da aposição do seu retrato na galeria histórica dos presidentes dêste Tribunal, perguntando a mim mesmo, de público, o que tantas vezes a mim mesmo tenho perguntado em recolhimento: — Quem sou eu para falar de Gumersindo Bessa? Embora Deus tenha limpado meu coração de vaidades, nele apenas deixou a de conhecer-me o menor desta casa illustre. E, não fôra a honra irrecusável da designação de que fui alvo, a nobreza do ambiente em que iria falar, que se reveste da suntuosidade de um templo e, sobretu-

do, a oportunidade de reviver aos presentes a inteligência, a sabedoria, a cultura e a probidade de Gumersindo, em todos os postos de sua vida pública e privada, certamente ter-me-ia exculpado do encargo e da honraria a que êle conduz, igual a um mérito a mais na minha vida.

Nesta casa da lei e da justiça há espíritos brilhantes que bem poderiam evocar e glorificar o grande sergipano. Começo o turno por V. Exa., Sr. Presidente, que estaria em posição altaneira para o panegírico, pela técnica da eloquência, que é a arte de persuadir, como a classificavam os antigos; pela amplificação dos argumentos, que é a característica do estilo oratório, preocupado em mover e comover os ouvintes, fazendo o encanto da oração. Além de V. Exa. outros estariam na plaina de fazê-lo, demonstrada na publicidade de memórias e crônicas judiciárias e de votos e acórdãos lavrados com precisão.

O Tribunal de Justiça de Sergipe, a que todos nos honramos de pertencer e eu sobretudo disso me orgulho, quiz homenagear o magistrado que Gumersindo o fôra, como primeiro presidente do primeiro Tribunal constituído no Estado, e que ainda hoje seria o primeiro, porque ninguem o superaria na cadeira mais alta desta casa, em mais de meio século de vida judicante. Como ainda não foi superado, nem igualado, nas lides forenses, nas boas letras, nas cogitações filosóficas e no jornalismo, que é a mais decadente das profissões da nossa terra, nos dias que correm, e que tão primoroso e elevado foi no seu tempo, com êle, Gumersindo Bessa, "quando a imprensa era uma tribuna de civismo e do seu mérito se avaliava pelas penas que a escreviam", conforme o julgamento exato de Carvalho Neto.

Falar de Gumersindo Bessa, depois do memorável discurso de Carvalho, inaugurando-lhe o retrato na sala do Fórum de Aracaju, honrada com o seu nome imortal, é encargo de si tão oneroso e difícil, como exaltar a personalidade de Martinho Garcez, o soberbo e exuberante tribuno e jurista, que Hernald Cardoso retratou, magis-

tralmente, no compêndio em que traçou a sua vida, um e outro trabalhos basilares para o estudo desenvolvido da biografia dos dois eminentes juristas. E ainda, a solenidade que estamos realizando, evoca dois acontecimentos assinalados. Primeiro a instalação do Poder Judiciário em Sergipe, e ainda, a homenagem a Gumersindo Bessa, que é o reconhecimento público, ou melhor a sagração do valor excepcional do jurisconsulto, do filósofo, do advogado, do jornalista, feita hoje pelos Juizes que lhe sobreviveram, que, a sua vez, o apontam aos juizes que hão de vir. Passado e presente trabalhando para o futuro, perpetuando o cidadão e o jurista que fôra um expoente, em sua época.

Meus Senhores :

Proclamada a República Federativa no Brasil, nos idos de 15 de Novembro de 1889, promulgada a Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891, esta assentou no seu artigo 63, o seguinte : — “Cada Estado reger-se-á pela Constituição e pelas leis que adotar, respeitados os princípios constitucionais da União”. Investiam-se des-se modo os Estados membros da Federação, que eram as antigas Províncias do Império, no poder de criar o seu organismo político, na órbita da União. Era a resultante política do novo regime instituído pelo golpe de Estado de Deodoro e que se transformava em governo legal, porque retinha os elementos de força para se impor aos cidadãos e ninguém os tivera para opor-lhe resistência. A fisionomia do Estado tomava sua feição definida, oriunda da transformação que se operara pela força. Agora seria a lei, e lei fundamental, que estatuinto os princípios gerais determinava a organização dos Estados, baseada nestes mesmos princípios. Não seria difícil àquela época, a fundamentação de um sistema político. O modelo francês e o americano poderiam servir de figurino como sucedeu à república com este ultimo. O próprio Gumersindo, isso o dissera em 1897, analisando a organi-

zação do Poder Judiciário no sistema republicano brasileiro : — “O Brasil, ao entrar no regime vigente, seguiu por seu mistagogo e paredro o povo da America Saxonia, etc.” De fato, saíra das linhas do direito público francês adotado pela constituição imperial, no resguardo de um Estado unitário.

Portanto, gizado o poder de organização dos Estados pelo artigo 63 da Constituição Federal, estabeleceu-se a divisão do poder político nos seus três ramos clássicos : — legislativo, executivo e judiciário. Era o estabelecimento de um governo liberal e democrático, na forma por que o sonharam os propagandistas e que os Estados deveriam igualmente constituir, pela homogeneidade da Constituição, que seria na União a vontade do povo ou a vontade da maioria e assim também nos Estados — membros constitutivos dessa mesma União. Puro sistema americano, tanto que Rui houvera dito : — “Nossa lampada de segurança será o direito americano, suas antecedências, suas decisões, seus mestres. A Constituição Brasileira é filha dêle”, etc.

Meses antes da promulgação, com o Decreto n. 874, de 11 de Outubro de 1890, o Governo Provisório instituirá a Justiça Federal, que vigorou até a Carta outorgada de 10 de Novembro de 1937. Restava aos Estados a organização da própria justiça.

Pairava sôbre tudo a inspiração de Rui preocupado em instituir-se um governo democrático, dessa democracia já conhecida pelo povo, impregnada do germe com que o cristianismo a exaltára, ensinando que todos são iguais perante a lei, como ficou assegurado no artigo 72, §2, da Constituição; assim como todos são iguais perante Deus, até mesmo os escravos, como adverte Rodolfo Laun, e como é socialmente compreendido.

Sergipe recebera a Republica no enlevamento da surpresa geral.

Não havia partido republicano organizado que pudesse tomar as responsabilidades do poder. Improvisa-

se um triunvirato e daí seguem as incertezas e os governos que se substituem devido as consequências dos mais imprevistos acontecimentos. Então, passado Felisbello Freire, Augusto César, Mesquita Dantas, Horta e Mendes de Moraes, toma as rédeas do governo Vicente de Oliveira Ribeiro, a 28 de Maio de 1891. Era ainda o período de organização, ou período constituinte, e por isso, a 8 de Junho seguinte promulga-se a Constituição do Estado e instala-se o Poder Judiciário, com um Tribunal de Apelação composto de cinco membros denominados ministros, que foram os ilustres juizes João Batista da Costa Carvalho, Candido de Oliveira Ribeiro, José de Barros Acioly de Menceses, João Gomes Barreto e Gumersindo de Araujo Bessa, cleito presidente, aos trinta e um anos de idade, esplendendo de inteligência, sabedoria, cultura e força moral, como assim viveu até o fim dos seus dias luminosos, sempre deslumbrantes, numa trajectória de sol, ao nascer, no pino, e na hora em que circundado dos seus últimos raios nas telas mais encantadas do poente, debuxadas pelo divino pintor da Natureza, que é Deus, transmonta e desaparece no vale do Paramopama, como disse Gumersindo na página comovedora do Domingo de Reminicere. Um nome aureolado já vindo assim de Recife e que por ser portador de tais dotes, fôra posteriormente convidado pelo conselheiro Carlos Antônio da França Carvalho, para lecionar Direito Criminal na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

A inquietação politica dos primeiros anos do novo regime fez com que este Tribunal vivesse apenas 12 dias, tragado que fôra pelos golpes de uma nova junta governativa, que assumindo o governo prescreveu a nulidade das leis e atos da administração Vicente Ribeiro, extinguindo, igualmente, o Tribunal que se instalára no seu período. Foi uma sega no campo politico administrativo. Ia encetar-se tudo novamente.

Dá a razão de dizer que iríamos assinalar dois acontecimentos distintos. Primeiro a elevação do excelso Gu-

mersindo Bessa à presidência do primeiro Tribunal instalado em Sergipe, embora de vida efêmera, porque fôra arrastado pela convulsão do momento, vindo a ressurgir ao depois, em consequência da nova Constituição de 18 de Maio de 1892 e da lei judiciária de setembro do mesmo ano; segundo a reinstalação do Poder Judiciário, agora sem Gumersindo entre os seus pares, sem o emérito jurisconsulto, que a êle não regressára, privando-se a justiça da segunda instancia de tão eminente pensador e jurisperito, que, ao receber a láurea de bacharel, a 2 de dezembro de 1885, na Faculdade de Direito de Recife, obtivera o conceito unanime da Congregação dos lentes, como o assinala Armindo Guaraná, de “que estava habilitado para ensinar direito em qualquer universidade do mundo”.

Este homem arguto e nobre, destacado entre os seus concidadãos pela sublimidade de sua intelligência, que eminente magistrado teria sido, capacitado para proferir decisões em qualquer Tribunal do mundo, como saíra da Escola de Recife habilitado para ensinar Direito em qualquer universidade do mundo, como anos depois ouviria o deputado José Joaquim Seabra, em plena Camara Federal, dizer e proclamar que êle honraria qualquer parlamento do mundo, tinha tão elevada compreensão do valor do Poder Judiciário, que, em memorável trabalho, assim manifestou-se: — “Só o Poder Judiciário é que merece ser a providência visível do povo, a voz viva da Lei no seio da cidade moderna como outrora o oráculo de Zeus no seio da polis helênica. Só êle é que tem por missão e officio, como a pitonisa antiga possuída do seu Deus, o revelar ao povo a vontade dêsse nume social que chamamos Constituição”.

Palavras lapidares que deverão ser insculpidas em bronze nas paredes dêste salão, e que somente um outro sábio do seu porte seria capaz de pensá-las e proferi-las, que era Rui Barbosa, seu magestoso contendor na questão do Acre Setentrional. Havia uma afinidade entre

os dois gigantes. Eram um para o outro, faltando ao de cá, as luzes da ribalta, enquanto o outro sempre viveu iluminado pelos refletores dos procênios mais esbeltas, cenários nacionais e internacionais, como a Côrte de Haia e as Universidades Argentinas.

Rui doutrinando sôbre a posição do Supremo Tribunal Federal na Constituição Brasileira, dissera certa vez, isto em 1914: — “Os Tribunais não usam espadas. Os Tribunais não dispõem do Tesouro. Os Tribunais não nomeiam funcionários. Os Tribunais não escolhem deputados e senadores. Os Tribunais não fazem ministros, não distribuem candidaturas, não elegem e deseiegem presidentes. Os Tribunais não comandam milícias, exércitos e esquadras. Mas, é dos Tribunais que se temem e tremem os sacerdotes da immaculabilidade republicana”.

Agora estae comigo, nesta antecipação de Gumersindo, que isso mesmo dissera, em 1897: — “O Poder Judiciário é, em suma, o único cuja inoxidabilidade seja segura. Não dispondo da força armada, nem gerindo o erário, não tendo cargos nem mercês a distribuir, faicem-lhe por completo os meios de corromper, de aveixar, de oprimir e de absorver a autoridade”.

Houvesse Gumersindo permanecido no seio da magistratura, estaria esta enriquecida com o repositório dos seus votos e acórdãos. Na justiça americana realçam e brilham os acórdãos de Marshall, no passado; como no presente há lembranças dos de Holmes e de Cardozo. “Este era um gênio, diz um tratadista americano”; seus votos e acórdãos eram puro senso comum expresso em prosa cuidada”. Um eminente crítico da América, Charles Beard, em A REPUBLICA, expendeu opinião de que “alguns dos piores e alguns dos melhores trabalhos em prosa da nossa lingua, referia-se à lingua inglesa, podem ser encontrados nos Acórdãos da Côrte Suprema”. De feito, é coisa apreciada, o juiz do Tribunal define seu espirito, seus conhecimentos da lei e seu sentimento de justiça pelos Acórdãos que redige; neles fixa sua intelligência, cul-

tura, civismo e até seu patriotismo. O Acórdão, sendo a redação da resolução adotada pelo Tribunal, no caso que julgou, justo que êle demonstra, espelha e reflete a soma de conhecimentos dêsse mesmo Tribunal, e até a imparcialidade e serenidade de seus juizes. O Acórdão não deixa de ter um sentido educativo, na vida judiciária, o que levou o mesmo Beard a proclamar, "que por suas decisões e Acórdãos a Côrte Suprema pode influenciar tremendamente o desenvolvimento da verdadeira justiça, em todo o território dos Estados Unidos, applicando-a constantemente aos casos concretos que lhe são submetidos".

No Supremo Tribunal Federal do Brasil, os que temos aprêço pelas letras jurídicas, sua forma, seu estilo, todos nos voltamos de alguma sorte encantados pelos Acórdãos de Orozimbo Nonato e Hahnemann Guimarães, porque êles têm uma tendência original e profunda, principalmente os do primeiro, para exprimir o direito, a lei e a justiça, applicados ao fato que resolveram.

Gumersindo seria na magistratura o que foi por fim na advocacia. O expositor eloquente, mestre da lingua, conhecedor dos clássicos, que a miude os citava, imprimindo aos seus escritos um cunho especial de graça e beleza que realçavam os seus trabalhos com a erudição, a cultura e o sentimento de amor ao direito, que para êle era como que o sentimento da verdade. Advogado, Gumersindo foi o maior de todos em todos os tempos. Se a magistratura perdeu tão insuperável expoente, a advocacia adquiriu um incomparável campeador. E nesta profissão, que foi a sua maior fortaleza, prestou extraordinários serviços ao direito e à sociedade. E parece que foi melhor assim, que êle não se estiolasse no campo apertado de uma cadeira no Tribunal, para alargar os seus vãos nos horizontes mais extensos da advocacia, numa amplitude maior de benefícios.

Quando entrou na liça, discutindo com Rui Barbosa, logo de início foi advertindo: — "O caminho da verdade é único e simples; e o da falsidade, vário e infinito". Máxima de Frei Amador Arrais, o eminente teólogo po-

lítico, que em seus DIALOGOS, que Gumersindo tanto conhecia, enfeixa o CAPITULO V, sob o título — AVISO PARA OS JUIZES DESEMBARGADORES. Nêle encontram-se sentenças iguais a estas : — COMO DEUS E' REI DOS REIS, E SENHOR DOS SENHORES, ASSIM TAMBEM E' JUIZ DOS JUIZES E DESEMBARGADOR DOS DESEMBARGADORES". E adiante exclama : — COISA DIVINA E NÃO HUMANA A ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA". exclamação igual à de Voltaire, citada por Henry Robert : — "A mais bela função da humanidade é a de administrar justiça".

Foi um homem dêsse porte, vivendo no acanhado meio intelectual da menor provincia do Brasil, que um dia foi levado a se debater com a estrela do foro brasileiro, Rui Barbosa, como assim o chamou. "Estou a braços com o confessor e martir da fé jurídica, o mestre dos mestres". E provido da sabedoria que lhe era apanágio natural, ombreou a contento com o mestre, revidou os argumentos dele, demonstrando que o Acre sempre fôra brasileiro e firmando a exata significação jurídica da transação em nosso direito. Não sei de escritor nacional, na seara do direito civil, que tenha ensinado, explicado, demonstrado com tanto aprumo, o que é transação. Nos artigos de Gumersindo, respondendo a Rui, isso está soberbamente explicado. E quem quer que seja, desejoso de discutir perante os Tribunais o sentido da transação, terá também que abeberar-se dos conceitos do nosso douto patricio, que a explana tanto quanto Clovis Bevilaqua e Carvalho Santos vieram a ensinar ao depois, com o advento do Código Civil, comentando os artigos 1025 a 1036 dêsse Estatuto. Abra-se tambem o 3.º volume da PRÁTICA CIVIL, de Oliveira Filho, página 97, e lá está uma lição do nosso patricio, referente à transação.

Depois dessa contenda, Gumersindo tornou-se conhecido no Brasil inteiro. Até então eram os meios cultos que o apreciavam. Era um conselheiro Barradas, por exemplo, que dizia a Guilherme Campos : — "Diga a êsse

moço que venha para o Rio. Ele tem muito talento". A peleja acreana o consagrou, uma vez por todas.

Agora, não era só o moço de talento, a quem o homem experiente aconselhava o grande centro para as suas atividades. Era o sábio, o juriconsulto, o argumentador profundo, que o Barão do Rio Branco desejava conhecer pessoalmente, e de quem inquiria a Fausto Cardoso, as menores particularidades de sua vida, segundo li em uma carta do mesmo Fausto endereçada a Gumersindo.

Era o homem que recebia de Chichorro da Gama, pelo Estado de Paraná, a incumbência de manifestar-se sobre os direitos dêsse Estado, na pendência de limites com o de Santa Catarina; que recebia, em carta confidencial de Costa Carvalho, o pedido para rever o Código de Processo Criminal do mesmo Estado do Paraná, que aquele nosso patricio, desembargador do Tribunal de Justiça, fôra incumbido de redigir.

Certo, certo que era de estupeficar que dos arraiais da Fundição, uma praia longinqua e silenciosa de Aracaju, surgisse um homem tão assombroso e bravo, cuja coragem já estava visível em enfrentar Rui Barbosa, quanto mais dizer-lhe coisas que êle jamais ouvira de outrem, e com que sabedoria, na esfera do direito civil; quanto mais de citar Planiol; de demonstrar que era conhecedor, sem segredos, do pensamento do Lomanaco, Gianturco, Laurent, Cimbale e Giorgi, íntimos de sua biblioteca; de manifestar ao mestre insigne: — "que não podia compreender como êle, Rui Barbosa, tivesse dito: Presentemente, entre nós, à vista do estatuido no Decreto de 13 de Novembro de 1854, não são permitidas as sociedades em comandita por ações, quando existe a lei n. 3150, de 4 de Novembro de 1882 (votada por uma legislatura da qual fazia parte o mestre), cujo artigo 35 permite às sociedades em comandita dividirem em ações o capital dos comanditários? E o Decreto n. 16, de 17 de Janeiro de 1890, referendado pelo Ministro Rui Barbosa, onde se lê, também, no art. 35, a mesmíssima disposição?" De dizer ainda que aquella citação de Rui, inserta neste trecho de uma sua conferência: — "Senta-te! Era necessário,

bradou Robespierre, tapando a boca a um homem de alma, que se levantava para protestar, em uma reunião de próceres do Estado, contra a matança de Setembro”, era um falso testemunho contra o pobre do Robespierre, já tão carregado de culpas autênticas perante a história”.

Porque, acrescenta Gumersindo, quem dissera isso: — “Senta-te, era necessário”, fôra Danton e Robespierre nem estava presente. Todas estas coisas ditas por um advogado da província e a província menor do Brasil, eram bastantes para estarrecer e para gritar — Sábio ao norte! Como grita o gajeiro em pleno oceano para alertar a marujada, avisando o tufão e a tempestade.

Verdade que de Sergipe saíra um Tobias Barreto, seguindo-se-lhe um Silvío Romero, um Martinho Garcez, um Felisbello Freire, um Coelho e Campos e Oliveira Ribeiro, dos mais evidentes naquela época, nas altas manifestações da filosofia, do direito, e entre êles agora estava enfileirado Gumersindo Bessa, o contendor de Rui Barbosa.

Era no seu tempo um recluso em sua casa da Fundação, ainda hoje de pé; era como que um oráculo, na cidade pequena de Aracaju e no Estado inteiro de Sergipe. Sua palavra era a de um sábio; seus pareceres os de um jurisconsulto, que tudo esclarecia por mais confusos que fossem os problemas de direito e por mais ruidosas que fossem as questões. Era o Dr. Bessa quem falava? Todos emudeciam. Foi o Dr. Bessa quem disse? Todos se curvavam. Lá um ou outro iconoclasta ousava divergir e, às vezes, nos autos ficavam cotas, as mais terríveis, respondidas também com ferro em brasa. No entanto, na hora do julgamento apontava o homem justo até com seus inimigos. Guilhermino Bezerra, que era um dêles, fôra classificado por Gumersindo — como a maior vocação oratória de Sergipe.

Fôra nessa vida de segregado da sociedade, gritando, imprecando, ralhando com quem o interrompia no estudo, às vezes quase alucinado, se o arrancavam da meditação, que êle acumulou quanto pôde a enorme cultura que a sua

nobre intelligência despendia. Foi o que acentuou João Antonio de Oliveira, escrevendo por ocasião de seu passamento, na imprensa desta Capital : — “Ninguém o excedeu na transcendência da virtude, no prodígio das lutas pelas idéas. Encerrado dentro das estreitas fronteiras de Sergipe, quase não conheceu materialmente as grande fronteiras do mundo. Mas dêste recanto que êle tanto amou, subiu com o pensamento ao cimo da pátria e viu e tocou e bracejou todas as esferas da razão, e comungou com sâbios no altar do direito. Aí foi sua transfiguração : — de sergipano illustre fez-se brasileiro insigne”. Pois é deste varão excepcional o retrato que hoje fica na galeria desta casa.

Se êle fôra homem de outras eras e se vivesse em Roma antiga, na Roma dos Césares e dos Imperadores, seria digno do privilégio de Augusto, que era o de responder, em seu nome, às consultas que lhes enviavam, revestindo-se os seus pareceres da maior autoridade. Teriam a denominação de **juris auctoris** ou **conditories**, participando de caráter official. Se vivesse sob Adriano, igualmente os seus pareceres teriam fôrça de lei (*legis vicem*), como se fossem decretos judiciaes (*jus publice respondendi*), porque êle, Gumersindo de Araujo Bessa, soube conduzir a ciência do Direito ao mais elevado grau de perfeição.

Daí a justiça desta homenagem.

Meu Filho

ZÓZIMO LIMA

Aqueles que não tiveram, como eu, a desventura de perder, na flôr da idade, 32 anos, um filho que era todo enlévo e intelligencia, não poderão, jamais, medir a extensão da angustia permanente em que vivo mergulhado.

Foi-se-me, para sempre, a alegria de viver. As naturais e humanas vaidades e ambições que eu alimentei na mocidade, as quais consistiam no viver tranquilo quando me chegassem os cabelos brancos, transformaram-se, de momento, na dôr intraduzível ao ver baixar ao tumulo o pedaço mais belo do meu sér.

Ando, hoje, como um sonambulo, por aí afora, por essas ruas cheias de luz e de alegria, muitas vezes mostrando um riso franco para esconder as lagrimas que veem, irreprimíveis, a todo o instante, do mais fundo do meu lacerado coração, á lembrança obsidente do vulto de meu filho, alto e magestoso; das suas gargalhadas saudáveis e expontaneas, quando lhe vinha, guiado pelo pensamento rico e fertil de idéas, a eclosão da frase em que havia a influencia de Swit e Mark Twain, autores seus diletos e constantes desde os bancos do Atenêu.

Recordo os seus primeiros passos vacilantes de criança, os mimos da sua meninice, as primeiras letras do curso infantil e o curriculo das humanidades, as estroinices e exageros propios da adolescencia e os meus conselhos paternais apontando-lhe a estrada do dever.

Depois... a partida, aos 19 anos, para a luta pela vida, tão cheio de esperanças; a sua fé inorredoira nos milagres da intelligencia que lhe era cintilante, e a confiança no futuro; a sua incorporação, como soldado, ás forças do Exercito, nos dias duvidosos do Brasil ao lado das Nações Unidas; o seu invejavel e sadio otimismo diante das serias perspectivas de luta entre as democracias e os totalitarismo de todos os matizes; tudo se desdobra na téla do meu cerebro, como a passagem de um filme, á

força da evocação que eu procuro debalde afastar para dirimir os meus grandes sofrimentos.

S. Paulo, o grande Estado bandeirante, tinha para ele o fascínio das mulheres meigas e alucinantes. Entregou-se-lhe, com amor, na crença de vencer pelo trabalho sem canceiras. — nababo da perseverança. Quando, porém, lhe parecia sorrir a felicidade, fere-lhe o flanco vigoroso o dardo da molestia traiçoeira e fulminante.

E meu filho, como herói tombado, vem à procura do lar pobre e querido para acolher-se nos braços carinhosos, frágeis e envelhecidos, daqueles que lhe deram a vida.

E' agora que se opera a grande transformação do seu espirito, da sua alma. Cético, que fôra, ao sentir que lhe fugia a vida que ele tanto amava, procurou abrigo à sombra da Cruz. E reclamou, instantaneamente, a fé que lhe faltara antes, apegando-se com o Divino Mestre. E foi belo como um deus, corajoso como um cruzado medievô, resignado como um santo quando lhe chegou o fim.

João Nou, advogado e jornalista, seu companheiro inseparável desde os bancos escolares, escreveu no seu jornal "O Nordeste", de Alagoinhas: **"Meu pai comunicava-me, por telegrama, a morte de Wilson Lima, o querido companheiro dos folgedos do ginásio e que juntos iniciamos a nossa vida pública como revisores de jornal. Em no "Estado de Sergipe", ele no "Correio de Aracaju". Com êle dirigi "A Voz do Atenêu", o semanário do nosso gremio literario. Com êle, em 1937, e mais alguns companheiros fundamos a União Democrática Estudantil, que tanto trabalho deu aos integralistas de Sergipe. Com êle, pelas noites a dentro, nas ruas silenciosas da capital sergipana, preguei cartazes, distribui boletins, escrevi nas paredes advertindo o povo sergipano contra o facismo que se queria instalar em nossa patria. A Wilson, filho mais velho do jornalista Zézimo Lima, deve Sergipe, em grande parte, a consciencia anti-facista do seu povo, que tem a honra feliz de não deixar medrar o PR. Em 1937. Wilson Lima, presidente da**

gloriosa UDE preso, sorrindo na janela do Corpo de Bombeiros, animando com o seu genio alegre os companheiros mais timidos, dando ordens para que a campanha não parasse, para que os boletins não deixassem de ser distribuidos, para que a UDE não morresse. Depois, a sua viagem para o Rio, as suas cartas sempre cheias de alegria, a sua volta a Sergipe como soldado na época da guerra, enfim o seu regresso para morrer. O coração ainda jovem envelhecera demasiadamente depressa. É agora a ultima viagem. Senti um vácuo em torno de mim. Wilson morto. Eu não o abraçaria mais, não ouviria a sua voz trovejante, cheia de fé e de entusiasmo. Depois uma prece, um olhar ao quadro da UDE e, enfim, sentindo a sua presença ainda, olhei o passado sem temer o futuro”.

Epitéto Fontes, engenheiro, poeta e prosador paulista, em carta, me dizia :

“Não sei dizer-lhe da surpresa e da nossa imensa consternação. Ele era para mim como um irmão mais moço, companheiro, confidente, amigo, de todos os momentos. Sabia-o muito doente, mas acreditava ainda nas resistencias de sua esplendida mocidade, e não quiz jamais pensar na possibilidade de um trespasse. Deste-mido, infatigavel e bondoso Wilson ! Vinha para nossa casa, e conversavamos horas esquecidas, entremeadas de gargalhadas joviais; contava-nos sonhos, anseios, lutas e projetos; tinha sempre um comentario jocoso para o ridiculo dos nossos politicos e uma palavra candente e cor-tante para os nossos triviais salvadores oportunista. Alto, margo, lepido — era um feixe de nervos em agitação perene, discutindo todos os problemas humanos desta hora torva do mundo. É que inteligencia sutil e pura, que imaginação radiosa, que alegria comunicativa, com a sensibilidade de uma harpa ao sopro de todos os ventos da terra e do céu, e a coragem de um Bayard para todas as batalhas iminentes, possiveis e impossiveis ! Ia ao meu es-critorio, uma duas vezes por semanas, engulia às pressas um café, e acendia com o cigarro uma anedota esfucian-

te e, entre risos, partia, ás carreiras, como se fosse apañar o ultimo trem para o pais do sonho e da quimera."

A alma do meu filho era um painél de beleza fasciamente diante da qual o meu pobre coração se ajoelha contemplando a sua propria obra.

Hoje, depois que êle se foi para não mais voltar, o meu sorriso é falso.

A minha gargalhada é uma mentira.

O meu contagiante bom humôr nas mesas dos cafés, nos círculos literarios, nas redações e oficinas, não passa de uma triste farsa.

A morte de meu filho foi o exterminio dos meus sonhos de velhice venturosa.

Sou, hoje apenas, a sombra do que fui.

D I S C U R S O

**que proferiu o novo Acadêmico Benedito
Cardoso no ato de sua posse na Acade-
mia Sergipana de Letras**

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado.
Exmo. Sr. Dr. Presidente da Academia
Sergipana de Letras.
Exmo. Sr. Des. Presidente dos Tribunais
de Justiça e Regional Eleitoral.
Exmo. Sr. Dr. Prefeito da Capital.
Meus Senhores.
Minhas Senhoras.
Srs. Acadêmicos.

Arredio das justas literárias, por imperativos de ordem profissional, foi com indizível surpresa que recebi a noticia da minha eleição para ocupar uma Poltrona neste Augusto Sodalicio. Agradável surpresa que me permitiu volver ao Templo abandonado, recompor o Altar que lhe afeava o aspecto, sacudir o pó que lhe poluía os mármorees sagrados, afugentar os môchos que lhe povoavam os longos silêncios solitários...

... "Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,
.....
Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.
.....O pranto
Jorrou-me em ondas... Resistir quem há-de?
Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade" !

Agradável surpresa, repito, que me proporcionou rever os Deuses antigos, "depois de longa ausência e penosa distância..." Oh! a tragédia das vocações contrariadas! Poeta travestido em Juiz, à força das necessidades incoercíveis da existência biológica. Juiz-Poeta, à moda do bom Magnaud.

de Chateau-Thierry, que, consoante Maurice Garçon, baseava os seus **veredicta** “em doutrinas humanitárias, filosoficamente talvez aceitáveis, mas cujas generalizações conduziam a contradições irreconciliáveis com os princípios legislativos”. Poeta-Juiz, à feição daquele santo D. Afonso, que, segundo Eça de Queiroz, “se compadecia da sede de uma planta e parava, às vezes, na estrada, para não esmagar um bando de formigas em marcha”. Eis-me aqui, ilustres confrades, trazido pela mão amiga de Severino Uchôa, o admirável cinzelador de “Artur Fortes”, secundado pelo incentivo salutar de Carvalho Neto, o advogado à Lachaud, o parlamentar à Rui, o estilista à Euclides, o polemista à Gumerindo, sem o que não me abalançaria a esta prova de “pleno ar”, a que se furtaram, a seu tempo, Nobre da Laeorda e Gervásio Barreto.

Srs. Acadêmicos.

Manuel Luiz Azevedo d'Araujo, o patrono da Cadeira n. 27, nasceu às margens do Piauítinga, a 24 de Novembro de 1838, das justas núpcias do português António de Araujo Pimenta e da sergipana D. Inês de Azevedo Araujo, minha tia-bisavó, na linha paterna. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, logo voltou à terra berço, onde exerceu, entre outros cargos de relêvo, o de Diretor da Instrução Pública, durante cinco anos consecutivos. A sua atuação à frente desse importante setor da Administração, foi das mais proveitosas. Pode-se dizer, sem falsos pruridos encomiásticos, que Manuel Luiz estava a par de todos os métodos educacionais até então vigentes no mundo. A Campanha de Educação de Adultos, ora posta em expoente pelo Governo da República, e que tão bons resultados tem produzido e há-de produzir, dada a alta finalidade social que a caracteriza, já era objeto, àquele tempo, das cogitações de Manuel Luiz: “Compreende V. Excia.”, escrevia êle, em brilhante relatório dirigido ao Presidente da Provincia, Dr. Luiz Álvares d'Azevedo Macedo, “a grande importância dos cursos nocturnos, estabelecidos para os adultos, quero dizer, para

aqueles que, occupados durante o dia nas suas profissões, de onde retiram os meios de subsistência, podem à noite também ir buscar a provisão do espirito que, não menos do que o corpo, para o qual trabalham diariamente, dela precisam". E, adiante: "A carta posta na mão do artista é um largo horizonte de venturas que se lhe rasga. Por ela ganha a intelligência que se esclarece e que fecunda o trabalho; a liberdade que se não exerce nas cadeias da ignorância; a consciência que só se forma no esplendor da verdade; os bons costumes, cujos recessos são a cabeça esclarecida e o coração educado. E' por ella que se dá a transformação moral do individuo; é por ella unicamente que as nacionalidades podem se engrandecer". Criticando o Regulamento de 24 de Outubro de 1870 que, na época, fôra considerado o modelo dos regulamentos, face ás inovações que carreava ao ensino, dizia Manuel Luiz: "O Regulamento de 24 de Outubro, primeira medicação suggerida, em vista de uma enfermidade, tem seu merecimento, grande merecimento, mas a experiência manda-nos que lhe auxiliemos com outras medidas". E apontava a instrução obrigatória, como meio de evitar a deserção das escolas: "Ele cogitou principalmente (refere-se ao citado Regulamento) do melhoramento do magistério, sem applicar-se com o mesmo zêlo à povoação das escolas. Algumas conheço eu, cuja deserção me desanima; na maior parte apenas os meninos incorretamente lêem uma carta ou um livro de contos e firmam os seus nomes, e já os seus pais os retiram, como sabendo o que devem. Muitos professores me dirigiram, na última visita que fiz, esta queixa, e com desgosto reconheci que tinham razão. Acrescentando-se àqueles os que, por diferentes causas, jamais respiram no ambiente da escola, poderemos julgar quanto urge tomar alguma providência, em adição ao que foi disposto naquele Regulamento. Sectário da instrução obrigatória, e tendo-a proposto e sustentado com tôdas as minhas fôrças na Assembléa Legislativa Provincial, creio que não há outro meio de debelar a deserção absoluta ou

relativa das escolas". E preconizava o ensino elementar dos dois sexos, pelas mulheres, como medida de boa politica pedagogica: "No relatório que tive a honra de apresentar a um dos antecessores de V. Excia., em o ano passado, referi uma verdade de observação, que folgo vê-la ainda confirmada hoje. Ai disse que, diametralmente oposto ao professorato do sexo masculino, em que os melhores mestres se achavam na exceção em geral, o professorato do sexo oposto merecia mais considerações pelas suas habilitações e zêlo; sem dúvida, embora passando as suas provas pelo mesmo crisol, porque sem mais repetidas ambições, prêsas as suas escolas pelas exigências do seu sexo, e costumes das nossas famílias, as suas aulas onde doutrinam a infância são-lhes igualmente escolas onde elas se aperfeiçoam. Se a esta observação acrescentar que a melhor ordem, disciplina e usos são encontrados nas escolas das meninas, e que só nas do sexo masculino tanto se encontra onde o mestre é olhado como um tirano com o castigo sempre pendente do seu braço, não posso senão concluir pela preferêcia, mesmo em nossas circunstâncias, do ensino ministrado pela mulher". E inculcava a inspeção escolar remunerada, como anteparo à desídia dos inspetores paroquiais: "A inspeção das aulas, em geral não corresponde, já não digo aos nossos melhores desejos, mas aos seus menos importantes fins; salvas honrosas exceções, o patriotismo é sentimento que parece adormecido no peito de boa parte dos agentes da instrução dela encarregados. Raros são os que visitam as escolas de suas jurisdições; raros ainda mais são os párocos que, em cumprimento do art. 203 do Regulamento de 24 de Outubro, dignam-se de chegar às escolas de suas paróquias; e já não raros, mas inteiramente impassiveis às prescrições contidas nos arts. 58 e 70 da Lei de 1.º de Outubro de 1828 e 219 do referido Regulamento são as Câmaras Municipais, em cujas atas não se encontra o minimo espaço consagrado à instrução dos seus respectivos municípios. Se a Província podesse comportar com a despêsa, o meio de fazer tais fun-

cionários interessarem-se pelos seus encargos seria a retribuição pecuniária, mesmo porque, compensados dos serviços que prestassem, lhes destinariam algum tempo e mais cuidados". E exaltava a disciplina rigorosa, como força propulsora do trabalho escolar: "Tôda a fôrça da educação, dizia Platão, repousa em uma disciplina bem entendida, como tôda a pureza da disciplina, direi eu, no exercicio rigoroso da inspeção. Todo o nosso empenho sôbre êste assunto é necessidade suprema, cuja dissimulação fôra talvez o assassinato de uma geração inteira". E recomendava a construção de prédios aptos ao ensino, como incentivo ao desenvolvimento bio-psíquico da criança: "Quem, depois da leitura descritiva dos edificios escolares de New-York, de Brooklin, de São Luiz, de Boston, de Baltimore, de Filadélfia, de Chicago, em geral, das cidades, vilas ou povoações da União Americana, representando aqui o Partenon, ali uma basilica, lá um castelo normando com suas torres e seteiras, acolá uma habitação gótica ou da renascença, podendo-se considerar alguns na frase de M. Hyppéau verdadeiros palácios da puerícia e da mocidade, elevados com luxo descomunal, mas todos feitos em condições higiênicas e apropriadas ao fim para que foram construídos, contemplar os pardeiros e espeluncas, onde se ensinam os nossos filhos, talvez que, rugindo de desgosto, experimente um secreto pesar de ter aberto os olhos à luz nesta terra fadada para melhores destinos". E aconselhava a educação física, como maneira de legar à pátria homens fortes e sãos: "Na convicção desta verdade a medicina teórica e experimental, a filosofia e a politica, em causa comum, dirigiram seus votos em prol da educação do corpo; a necessidade de desenvolver nas mesmas proporções as faculdades físicas, intellectuais e afetivas tornou-se um axioma; as nações as mais adiantadas, notavelmente a Alemanha, os Estados-Unidos, a Suissa, a Dinamarca, a Suécia e a Inglaterra, inseriram nos programas de suas escolas a ginástica, onde as organizações fortes vão encontrar a sua conservação e desenvolvimento, e as fracas a sua modifica-

ção e melhoramento; e os povos párticipes do resultado da salutar verdade, cheios de reconhecimento, viram em Basedow, em Pestalozzi, em Natigal, em Ling, em Eileseu e Spiess novos benfeitores da humanidade e em Berlim uma estátua foi até erigida a Jan". E receitava a Escola Normal, como remédio específico à reeducação do professorado: "Nesta Provincia o professorato não oferece atractivos; é reputado um meio de vida para os individuos menos aptos que, em vez de entregarem-se às indústrias, onde porventura melhormente serviriam, porque acham estas mais indecorosas e mais trabalhosas, contando com a única habilitação dos empenhos, abordam o magistério público com uma audácia tal que me sobressalta. Os mesmos mais aptos entram no professorato, como condição para depois, obtendo do corpo legislativo uma licença, irem estudar nas Faculdades do Império, à custa dos seus ordenados, deixando as suas cadeiras quase sempre entregues a quem, se contasse com habilitações, não quereia vencimentos divididos. Não havendo um só exemplo destes voltarem às suas cadeiras, quando mais enriquecidos das conquistas das ciências, é justo que ofereçamos renhida resistência a essas pretensões abusivas. A alguns que estudando matérias secundárias e que vejo que, depois do preciso curso, poderiam ser encarregados de algumas cadeiras, interrogando-os eu, — porque não estudam com preferência na Escola Normal, a sua resposta é — "que, quando quiserem ser professores públicos, basta-lhes aprenderem quinze dias a um mês". Por tais observações é que submeto à consideração de V. Excia. a idéia de, em adição ao ato de 6 de Janeiro já referido, obrigar-se a alguns professores a virem cursar a Escola Normal, principalmente áqueles que ainda não são vitalícios, na ordem da proposta que por esta Diretoria, ouvido o Conselho Literário, se fizer, garantindo-se-lhes os respectivos ordenados e ficando as suas aulas substituídas na forma legal". "Uma reforma da ordem da que indiquei", concluia Manuel Luiz, "influiria poderosamente nos nossos futuros destinos, e não pode ser abandonada,

sem tardios pesares, por quantos buscam o engrandecimento intelectual, os costumes brandos, os sentimentos puros da nascente população sergipana”. Manuel Luiz, educador, fugia à craveira comum. Ninguém, em Sergipe, se lhe avantajou, nesse difícil mister. Acolhimento, aparência pessoal, reserva de dignidade, otimismo, entusiasmo, imparcialidade, sinceridade, simpatia, vitalidade, cultura — os dez predicados que, conforme Clapy, soem distinguir o mestre ideal, são encontrados em seus relatórios, em suas portarias, em suas circulares, em seus pareceres, em seus discursos, em seus artigos, onde se advinha, a cada passo, o “homem” que os elaborou. Vale reproduzir alguns desses documentos históricos, hoje infelizmente relegados à poeira dos arquivos, para que melhor vos apercebeis do elevado espírito de justiça que sempre lhe presidiu as atitudes nobres e desinteressadas. Ouçamo-lo: “Ilmo. e Exmo. Sr. Barão de Propriá, M.D. Presidente desta Provincia. Passo às mãos de V. Excia. os papéis em que D. Josefa Benvida d’Oliveira Carvalho, ex-professora da Vila de Santa Luzia, requer a reconsideração do ato de 29 de Abril último que a jubilava, e confesso a V. Excia. que jamais tanto embarcei-me na minha vida de funcionário público, como ao exigir-se-me parecer sobre esses papéis. Se de um lado ameaça-se a instrução das nossas patricias com a restituição a sua cadeira de uma professora acusada de ofensas ao pudor, de outro punge atrozmente a idéia de se condenar injustamente uma senhora, talvez que inocente, e porventura impelir-se-a, pelo desespero e pela penúria, àquilo mesmo que se lhe emprestou gratuitamente. Obedeço não obstante ao dever. D. Josefa Benvida d’Oliveira Carvalho foi acusada de infração das leis do pudor com o professor Pedro José Gonçalves, pelo ex-Inspetor de Santa Luzia, Leôncio Amado do Espírito Santo; esta Diretoria, na conformidade da Lei orgânica porque se rege, instaurou-lhe processo disciplinar, concluindo por absolver os acusados, em sessão do Conselho Literário reunida no dia 21 de Abril deste ano. Não fui eu quem presidiu a essa sessão do Conselho, e se

bem que o parecer junto por cópia, do Conselheiro reitor se baseie nos princípios jurídicos que regem a espécie e no que se deduz dos autos, todavia não comparando as testemunhas a deporem voluntariamente e alegando o denunciante a impossibilidade de trazê-las a Juízo, parece-me que se não deveria ainda encerrar o processo, mas requerer alguma providência, na forma do § 4.º do art. 15.º do Regulamento n. 24 de 24 de Outubro de 1870, afim de que depusessem as mesmas testemunhas e pudesse haver então lugar o julgamento. Na ausência de qualquer prova da acusação pela falta da deposição das testemunhas, e havendo já o processo tido o seu julgamento, sem que se o possa renovar, segundo a máxima de direito — **res judicata pro veritate habetur** — o fato perante a lei é hoje como se não existira, embora ante a consciência individual se apresente êle diferentemente. Perante mim, afianço a V. Excia, que êle não aparece melhor do que quando foi intentada a denúncia; pois que, se informações sobrecarregam a acusada, outras a innocentam, e a causa é grave para uma pronunciamto. Nesta mesma perplexidade de consciência para um pronunciamto, na dúvida do espirito sôbre a decisão de um fato desta ordem, é corrente em direito que se deve proclamar a inocência do acusado. Será uma fatalidade que a precipitação havida num processado, ou outra qualquer circunstância nos estorve de expelir do magistério qualquer pessoa que se tenha tornado indigna dêle, mas também poderemos julgar sem provas? O Conselho assim julgando, mas, em seguida, propondo a jubilação da peticionária fundado no art. 121 do Regulamento de 24 de Outubro de 1870, por ineptidão notória, como verá V. Excia. da ata que endereço por cópia, parece dar a entender que assim procedeu na persuasão do fato arguido à acusada, não querendo talvez confirmar no ânimo público a mancha que pairava sôbre a sua honra e que seria a sua última infelicidade, e buscando ao mesmo tempo por êsse meio, por certo legal, mais brande e menos desmoralizador, afastar do magistério a mestra sôbre quem pesavam graves imputações.

Se, porém, outro foi o seu pensamento, se foi o Conselho movido pela causa que se vê de sua ata, nada posso adicionar a respeito, porque sem conhecimento pessoal da peticionária e sem alguma prova que contrarie a decisão do Conselho não hei de alegar o que em qualquer ocasião não possa sustentar. Também na Diretoria a meu cargo nada mais existe, além da proposta do Conselho, sobre a julgada ineptidão da peticionária. V. Excía. considerando o assunto com o escrúpulo e reflexão de que é susceptível, convencido de que muito lhe importam a justiça e os interesses da instrução do sexo feminino, deferirá como melhor entender. Não devo, entretanto, esquecer, fazendo as considerações que se lêem, que a decisão contrária à jubilação de que se trata, traz dificuldades práticas pelas remoções e permutas havidas de professoras depois dessa jubilação, as quais produzindo-lhes encombros e despêsas se renovariam estas pela reforma que restituísse à peticionária a mesma cadeira, sendo de parecer que nesta hipótese se lhe destinasse outra, mesmo porque em Santa Luzia, teatro dos seus sofrimentos, depois da imputação dada, a sua reputação passaria como suspeita, e só essa dúvida se não também alguma intriga seria talvez razão para afastar algumas alunas da escola. Deus Guarde a V. Excía. O Director da Instrução, (a). Manuel Luiz Azevedo d'Araujo". "Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Manuel do Nascimento da Fonseca Galvão, M. D. Presidente desta Provincia. Se é da solicitude de desvelados auxiliares que depende em grande parte a marcha regular da Instrução Pública nas localidades, e se reconhecido que alguém, desatento às exigências do dever e impassível aos impulsos do patriotismo, não corresponde à missão de que fôra encarregado, está nestas condições o Inspector Paroquial da Vila de Itabaiana, o Reverendo Arcipreste da 3.^a Comarca Eclesiástica da Provincia, Vigário Domingos de Melo Rezendes, para cuja substituição venho oferecer a V. Excía. uma proposta. Há poucos dias certifiqui-me de que, tendo adoecido o Reverendo Antônio José Barbosa Guimarães, encarregado do ensino pri-

mário de uma das cadeiras daquela Vila, permanecendo fora do magistério três meses ou menos até que finou-se, o Reverendo Inspetor Paroquial não só instituiu na regência da dita cadeira a um moço, sem que ao menos de tanto desse conhecimento a esta Diretoria, mas liberalizou ao referido professor atestados de frequência para a percepção dos respectivos ordenados. Cientifiquei-me mais de que tendo a professora da mesma Vila se incompatibilizado pelas exigências da maternidade com o exercício de sua cadeira, o Reverendo Inspetor Paroquial não só não cientificou a esta Diretoria de igual ocorrência, mas por si mesmo deu substituição à cadeira, talvez também concedendo à professora atestados de frequência, como no caso antecedente. Se a estes fatos juntar um outro por mim próprio testificado, qual o de haver o mesmo Reverendo Inspetor Paroquial decaído da minha confiança, revelando-se injusto protetor do professor de uma das cadeiras da referida Vila, Marcolino de Melo Cardoso, nas informações prestadas, quando contra este agitavam-se algumas acusações, compreenderá V. Excia. que corre-me o dever de pedir a exoneração do que exerce. E' o que faço, submetendo à consideração de V. Excia. os fatos aludidos, que, apreciados por V. Excia., resolverá como lhe parecer mais justo e conveniente ao serviço público. Na hipótese de aquiescer V. Excia a minha proposta, tenho o prazer de oferecer à nomeação, em substituição, o nome do distinto Dr. Gervásio Rodrigues Dantas, que já exerceu igual cargo na cidade da Estância. Deus Guarde a V. Excia. O Diretor da Instrução, (a.) Manuel Luiz Azevedo d'Araujo. "Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Antônio Cândido da Cunha Leitão, M.D. Presidente desta Provincia. Devolvo a V. Excia. a petição que a professora de primeiras letras D. Ana Francolina de Santa Rita, removida do povoado da Barra dos Coqueiros para a Vila de Itabaianinha, pede a V. Excia. a prerrogativa por mais sessenta dias da liceça de três meses que lhe fôra concedida, para tratamento de sua saúde, em 2 de Maio último e em cujo gozo entrara em 6 do mês referido. Cumpre-me primeiramente dizer a V. Excia., em obediên-

cia ao seu respeitável despacho naquela petição lançado, que nada posso informar sobre o estado de saúde da petionária, não só porque d'êla não tenho pessoal conhecimento, como porque não junta ella, como lhe cumpria, à sua petição um atestado de Facultativo, que comprove o encômodo que alega para obter a prorrogação solicitada. Em segundo lugar, se me oferece dizer a V. Excia. que, ainda quando ella apresentasse êsse documento, é minha opinião que se lhe não poderia fazer semelhante concessão, visto como não há disposição alguma de lei que garanta aos professores que não estão em exercicio de suas cadeiras licenças sem vencimentos, sob qualquer fundamento; o que neste caso se acha a petionária, que tendo sido removida em 1.º de Maio do anno corrente ainda não entrou no exercicio da cadeira que lhe foi destinada. Entretanto V. Excia. deliberará sobre a espécie, como julgar mais acertado. Deus Guarde a V. Excia. O Director da Instrução, (a). Manuel Luiz Azevedo d'Araujo". Tal a personalidade inconfundivel de Manuel Luiz. Deixei que êle próprio vos falasse, e o fiz longa e propôsitadamente, afim de lhe não trair o pensamento. As páginas que acabo de ler, revelam o caráter impoluto que as ditou. Caia-lhe, à maravilha, aquilo de Heine sobre Lessing: "Nunca fez à mentira qualquer concessão, mesmo quando teria podido, como os nossos hábeis, apressar assim o triunfo da verdade. Pela verdade faria tudo, menos mentir". Tamanhas virtudes, impuseram-no, afinal, à confiança e ao aprêço de todos os Presidentes. Dai os conceitos emitidos a seu respeito, respectivamente, pelos Drs. Antônio dos Passos Miranda, Luiz Álvares d'Azevedo Macedo e Joaquim Bento d'Oliveira Junior, ao se despediram do Governo: "... Mostrando assim mais uma vez o amor que consagra a esta Província e mais que tudo quão nobres são os sentimentos que nutre quanto à instrução". "A cargo êste importante ramo do serviço público do intelligente cidadão, Dr. Manuel Luiz Azevedo d'Araujo, marchará a instrução pública na Província desimpedida de tropêços, como tem acontecido até agora.

Sôbre as escolas públicas de ambos os sexos na Província, chamo a atenção de V. Excia. para o relatório do respectivo Diretor, anexo àquele, com que abri os trabalhos legislativos. V. Excia. com sua reconhecida solicitude e critério prestará todos os seus cuidados em prol da instrução pública, concorrendo assim para a progressiva civilização de seus patricios em que sobra o talento natural e boa disposição para o estudo, necessitando sômente de boas mãos que os dirijam". "Não posso terminar êste artigo sem manifestar a satisfação com que me retiro, deixando à testa da importante repartição da instrução pública o digno Diretor atual, Dr. Manuel Luiz Azevedo d'Araujo, funcionário distinto por todos os títulos, e sobretudo pela sua esclarecida inteligência, não vulgar ilustração e dedicação ao trabalho. Feliz do administrador que encontra auxiliares como o Dr. Manuel Luiz Azevedo d'Araujo". Não cabe nas angusturas de um discurso de posse, o estudo circunstanciado das demais facetas que iluminavam a individualidade impar de Manuel Luiz. Do jornalista, disse Armindo Guaraná: "Militando por muito tempo no jornalismo de sua Província, jamais esqueceu aquela elevação de vistas com que sempre se bateu pelo triunfo dos seus ideais, evitando por indole e por educação quaisquer polêmicas, que podessem degenerar em ataques pessoais". Do político, disse Gomes de Sousa: "Se Sergipe se queria fazer notar na política, porque razão não lançou mão de Manuel Luiz, — a inteligência mais ativa e laboriosa que porventura contou a Província e que, ainda há pouco, a morte aniquilou? "Do homem, disse Epifânio Dória: "Dotado de coração generoso, de espirito infatigável e de inteligência cintilante, foi um apóstolo da caridade, um devotado à grandeza da terra natal, um luminar da vida sergipana. Despretencioso, nunca fez alarde dos benefícios que a mãos cheias semeou, andando, porisso, na penumbra o seu ilustre nome". Idealista incorrigível, Manuel Luiz não era dos que se deixavam vencer, aos primeiros embates. "Desgraça à causa", gemia êle, jungido ao Carro do Progresso, sob o sol escaldante, aos solavancos, por estradas impérvias, de ou"

vidos moncos à risota dos indiferentes e dos incrédulos, “se se arrefece o ardor e a constância nos seus defensores! Dedicação, paciência e esforços, se forem a nossa divisa, o triunfo nos festejará além”. E não se enganara. Se, na opinião de Franklin, “o homem só nasce completamente quando morre”, renasceste hoje, Manuel Luiz, para festejar conosco o triunfo da tua dedicação, da tua paciência e dos teus esforços. Sê benvindo. Esta noite te pertence.

D I S C U R S O

**proferido pelo Acadêmico ' Severino
Uchôa saudando o novo Acadêmico Be-
nedito Cardoso**

Sr. Benedito Cardoso :

O imenso júbilo com que vos recebemos neste Convênio de Letras determina que nos mostremos risinhos. Pés-sima seria a impressão de um hóspede distinto ao entrar em casa de amigos e os encontrasse circunspectos, pragmáticos e solenes. É tempo de acabar com a exagerada austeridade das orações acadêmicas quando devem exprimir a satisfação geral e a pompa festiva de um acontecimento como este. José Ingenieros considera a sinuez permanente de certos indivíduos um estigma da mediocridade intelectual. E afirma: "o mediocre busca na pompa grandiloqua das exterioridades um disfarce para a sua íntima vacuidade. Detesta o riso, com medo do que o gaz possa escapar pela commissura dos lábios, esvasiando o baião. Demitiria um funcionário do Estado se o surpreendesse lendo Bocaccio, Quevedo ou Rabelais; julgam que o humor compromete o respeito e estimula o hábito anárquico de rir."

Para ser coerente com o vosso temperamento jovial, procurei ser risinho nos limites da ética acadêmica.

À vossa entrada neste recinto, ocorreu-me logo aquela sensata advertência de Pedro Lessa: "Tratai bem os juizes, tende sempre em mente as continuas injustiças com que eles são julgados, devido às paixões e aos interesses contrariados pelas sentenças e à leviandade e precipitação que presidem às apreciações dos interessados."

Sois digno do festivo acolhimento desta instituição. Perlustrastes com maestria quasi todos os caminhos que conduzem os homens de letras ao Panteon da Immortalidade Académica. Longa e gloriosa tem sido a vossa jornada de cavaleiro andante da illustração. O Direito, a Filosofía, a Literatura, o Jornalismo, a Poesia e a Ciência foram perqueridos pelo vosso espirito sedento de luz.

Foi através da Poesia que revelastes ao publico os primeiros esplendores da vossa intelligência e faço votos para que, imbuído das graves funções de magistrado, não renegueis jamais ao culto das Musas nem tenhais o genisa aos versos que escrevestes como aconteceu ao juiz Raimundo Correia em relação a um dos seus mais famosos sonetos. Por isso mesmo, foi um dia de nervosismo intenso aquelle em que, de regresso do colégio, uma das suas filhas lhe perguntou :

— Papai, o senhor é o poeta d' "As Pombas"?

— Quem foi que lhe disse essa tolice, menina?

— Foi a professora.

Raimundo ficou indignado. E no dia seguinte era a professora informada de que, se repetisse tal cousa ás pequenas, elle tiraria as filhas do colégio. (X)

Espinhosa missão é a do juiz. Deliberando em tórno de múltiplos interesses e tendo de dirimir centenas de litígios, acabando sempre por se pronunciar na defesa da justiça, elle acarreta com o desgosto e, frequentemente com a odiosidade, de todos quanto não alcançam o triumpho de questões forenses. Quando decide em favor de um litigante este jamais elogia a imparcialidade e sabedoria da sentença. Afirma que ganhou a questão porque a lei assegurava seus direitos. E elogia a lei. Mas quando perde a querrelha, não ataca a lei. Ataca, geralmente, o juiz.

Para que bem possais avaliar quanto os magistrados vivem sujeitos ás invectivas alheias, acusados como o moleiro, seu filho e o burro, censurados por ter cão e por não ter cão, basta ouvir aquelle episódio contado por Francisco de Paula Ferreira de Resende :

“Em Queluz, certa vez, tive que mandar prender um indivíduo denunciado como autor de um crime grave. O acusado pertencia a uma das mais ricas e prestigiosas famílias do município e era casado com uma prima moça e bonita. Como a policia demorasse a encontrá-lo, logo se propalou que eu tinha receio dos seus parentes e queria ser agradável à jovem espôsa de olhos bonitos. Finalmente o homem foi preso, entrou em júri e, como era de esperar, foi absolvido. Apelei da decisão do júri e tratei de mandar vigiá-lo na prisão, certo de que fugiria se tivesse ensejo. Pois bem, apenas pratiquei êste ato logo se começou a dizer que eu o havia praticado, não para que o réu ficasse melhor seguro, mas unicamente para que a espôsa dêle tivesse a mais completa liberdade”.

Quando Cícero afirmava: “MAGISTRATUS EST LEX AUTEM EST MUTUS MAGISTRATUS, queria evidentemente demonstrar a dignidade do juiz, o respeito que lhe devemos tributar por representar a lei falante, o acatamento que deve merecer pelo dom de dar a cada um o que é seu. *JUS SUUM CUIQUE TRIBUERE*. Mas para bem cumprir esta divisa das *INSTITUTAS DE JUSTINIANO* quantos escrúpulos, quantos dilemas, quantas dúvidas não torturam a consciência de um juiz, principalmente quando êle recebe a justiça omnisciente do Tribunal de Deus? As agitações íntimas que se desencadeiam no cérebro e no coração de um magistrado assumem, por vezes, aspectos de verdadeiras procelas psicológicas. E' que as provas materiais, mesmo as que parecem mais nítidas e eloquentes, podem não valer coisa alguma. Nem sempre os códigos constituem aparelhos de precisão para medir os delitos e distribuir a justiça. Se folhearmos a coletânea criminológica, vemos que muitos dos criminosos célebres se tornaram tais como represália à injustiça de que foram vítimas por ocasião da primeira culpa. Dai a cautela peculiar aos que exercem a difícilíssima tarefa de julgar e a mais difícil ainda de punir no exame de processos que tanto podem libertar um facínora sagaz na dissimulação dos seus instintos perversos, como encarcerar um

acusado tímido, incapaz de apresentar argumentos convincentes da sua inocência. A erudição jurídica não é portanto a única e suficiente condição para o fiel desempenho da magistratura. O juiz tem de conhecer também psicanálise, endocrinologia, biotipologia, proceder à avaliação dos recalques e reações e ser um verdadeiro mestre no estudo dos caracteres humanos. Além desses prolixos conhecimentos é mister aos distribuidores da Justiça aquela couraça de incorrutibilidade que foi o apanágio de Raimundo Correia, é preciso ser um romano pelo amor ao Direito, como Pedro Lessa; ter a elevação moral de Lúcio de Mendonça; a serenidade de João Luiz Alves e a inflexibilidade de Petra Bittencourt.

Raimundo Correia era de um escrúpulo doentio ao lavrar as suas sentenças de juiz. Certa vez, foi ter-lhe às mãos um processo movido contra Medeiros e Albuquerque. Chamado à casa do poeta-magistrado Medeiros encontrou-o abatido, desolado.

— Sabes — comunicou-lhe Raimundo — há nove noites que não durmo por causa deste processo. Vou jurar suspeição.

— Mas, pelos autos, eu tenho ou não tenho razão?

— A conclusão que eu tiro, — informou o autor do "Mal Secreto", — é que a razão está contigo. E aí é que está o meu escrúpulo.

— ?

— Há nove noites que eu pergunto a mim mesmo: mas eu acho que o Medeiros tem razão porque tem mesmo, ou é porque o Medeiros é meu amigo?

E passou adiante a papelada" (...)

Numerosos são os episódios que assinalam a proibição de ilustres magistrados brasileiros, de juizes que sabem repudiar com energia às tentativas de suborno, de juriconsultos que repeliram ao aviltamento da Justiça, caminhando pela trilha retilínea do dever, deixando suas memórias assinaladas pela linha de ouro da probidade e jamais se chafurdando no pântano do mercantilismo forrense onde poderiam se deleitar no gozo subreptício de

fortunas venais, deixando rastros de lama na sua trajetória por este mundo.

Eis outro exemplo : Era Raimundo Correia juiz em Minas Gerais, quando, ao abrir certos autos, encontrou um envelope com um conto de réis. Chamou o escrivão.

— Foi a parte mesmo quem o deixou, senhor doutor, em sinal de reconhecimento pela rapidez com que teve andamento o inventário. Eu também recebi um conto de réis.

— Bom, — retrucou Raimundo, — si é uma remuneração espontânea, cabe à sua consciência resolver o caso.

E entregando-lhe o envelope que lhe coubera :

— Tome... Devolva o meu." (...)

Opor-se à interferência dos régulos nas decisões jurídicas é também obrigação precipua dos magistrados. E aquele que ceder às determinações indébitas dos poderosos na rotina dos seus deveres, perde a dignidade do cargo. Compete-lhes, pois, arrostar com o furor dos governantes prepotentes. Endossarei estas considerações com mais uma citação :

“Exercia Agostinho Petra Bittencourt, o cargo de juiz aposentado no Rio de Janeiro, quando ao dar uma ordem a um dos seus subordinados, este recusou cumprila. Indagada a razão, respondeu laconicamente :

— Porque não quero !

Prêso o funcionário pelo juiz, e recolhido à cadeia, foi o magistrado surpreendido, no dia seguinte, por uma carta do Paço, em que um dos maiores da côrte lhe ordenava que soltasse o prêso, por não se considerar crime a expressão — “não quero”.

A’ leitura da ordem, o Juiz Petra, que era desabusado, volveu-se para o portador.

— Diga ao seu amo que, si não é crime dizer “não quero”, eu não solto o homem — porque “não quero” ! (...)

Da probidade dos juizes depende a segurança do Direito. O seu critério funcional influe no vigor dos postulados legais, na correção do dolo, no sancionamento da de-

sordem e a sua venalidade pode causar procelas de anarquia, ceticismo e desesperos capazes de solapar os fundamentos morais da sociedade. Um juiz faccioso e maleável é como um órgão atacado de gangrena operando a decomposição de todo o sistema celular do organismo jurídico. Patrono da equidade e guia da paz, compete-lhe serenar os tumultos do esbulho, as truculências dos déspotas, os desvairtos dos egoístas. Quando absolve, o juiz assume o papel de um astro espargindo a luz da liberdade na penumbra de uma consciência torturada. Quando condena, toma a feição de sombra que envolve na solidão dos presídios os tiranos e os monstros empenhados na destruição das normas pacíficas e salutaras da existência.

Apesar de todos estes atributos derivados da magnitude do cargo de juiz, não seria lícita a vossa admissão neste sodalício, Sr. Benedito Cardoso, se não fosseis um autêntico homem de letras, um poeta de fina sensibilidade, um enamorado daqueles fascinantes ensinamentos ministrados por Sócrates e Platão, Pitágoras e Aristóteles, Cícero e Séneca, Descartes e Spinoza, São Tomás de Aquino e Augusto Conte.

Apreciando as poesias que publicastes e em cujos temas predominam concepções auridas nas luminosas fontes da Filosofia, chegamos a lamentar que Themis, a severa Deusa da Justiça, vos tenha arrancado dos carinhosos braços de Erato, a feiticeira Musa da Poesia. O injustificável preconceito que teima em dissociar a carreira jurídica das cogitações de pura Arte, pouco a pouco vos foi distanciando do reino canoro das cigarras para o mundo turbulento das formigas. Não ficastes indiferente à advertência realista de La Fontaine como aquele risonho quinhentista Ferreyra que assegurou em decassílabos gongóricos: "Não fazem dano as Musas aos Doutores... Antes ajuda às suas letras dão"...

A cadeira que vos conferimos é a homologação do aprêço intelectual que conquistastes nos albores da juventude com a publicação das AURORAS BOREAIS. Depois dessa peregrinação nos domínios da poesia condo-

reira, revigorastes os tendões das asas mentais para subir a estratosfera da Filosofia, onde encontrais inspiração para aqueles aurifulgentes PARADOXOS DE CARNE. Os encômios que alcançastes dos mais ilustres críticos brasileiros e portugueses, com a publicação desses dois livros, justificam plenamente a láurea que acabamos de vos conferir nesta solenidade. Medeiros de Albuquerque disse que o vosso segundo livro “trata sômente de coisas nobres e elevadas e nos convida a pensar em grandes problemas, num mundo de idéias puras”. Artur Ramos vos considerou “um pensador de alto quilate, capaz de grandes realizações nos altos domínios astrais do espírito humano.” Alves Ribeiro surpreendeu-se com os “problemas transcendentales de cultura, com o labor acurado de exageta acurvado sôbre os massudos tratados de Bergson e de James”, revelados nos PARADOXOS. Osvaldo Devay disse que êste livro vosso é “trabalho de quem pensa por conta própria e se rebela contra os postulados duvidosos, e os dilemas de lógica falaciosa”. João Greve mostrou-se admirado com a vossa transição de poeta em filósofo, declarando que “a vossa ascensão, nos domínios das letras, foi bem clara.” E refere-se “a transformação dos vossos dons emotivos em dons críticos e de análise”, mostrando que “o homem que antigamente procurava a beleza passou a procurar ansiosamente a Verdade”. O conceituado beletриста lusitano termina proclamando vossa sutileza, perspicácia e argúcia.

Considerando essas opiniões, verificamos que o relógio do reconhecimento acadêmico sofreu, entre nós, um atraso de mais de vinte anos deixando de assinalar a vossa entrada para êste Cenáculo quando recebestes os mencionados louvores, acrescidos ainda das honrosas apreciações que escreveram sôbre vossos livros os acadêmicos João Esteves, Costa Filho e Zózimo Lima; os professores Alves Ribeiro e Graco Cardoso; os escritores De Otero y Burriel e Gilberto Amado; o poeta Artur de Sales, o jornalista Altamirando Requião e outros homens ilustres como Melésio de Paula, Fethion de Vilar e o insigne João Ribeiro.

Felizmente os relojoeiros da Acadêmia conseguiram regular os compassos do nosso cronômetro pelo despertador da crítica literária.

Vós que sois juiz, bem sabeis o quanto nos faz bem ao coração o pronunciamento de uma justa sentença. A vossa eleição nos proporcionou esta alegria. Guardai, no recôndito d'alma, os doces momentos desta solenidade, que serão, mais tarde, momentos antigos.

Entre os confrades atentos ao magnífico discurso que acabastes de pronunciar, existe um que mal pode dissimular a comoção que sente por êste acontecimento. Êle participa da vossa glória e está desvaquecido com a esperança de realizardes as conquistas que sempre almejou para vós. Para êle, tendes o porte de um gladiador victorioso iniciado nos embates da sabedoria pela sua experiência de mestre. Deixai que êle escute a mensagem do vosso afeto e reconhecimento neste soneto que lhe dedicastes :

À evocação da tua efigie humana
Um sentimento humilde me intimida:
Vejo-te em mim, ouço-te em mim, dimana
Da tua vida a minha própria vida.

Meu Pai ! O teu exemplo é uma subida !
Sigoro de olhos fechados à profana
Turba dos Zoilos que, afinal, vencida,
Me aplaudirá na glória soberana.

Cumpre-me então perdoá-la. Quem perdoa
Sabe melhor a dor que o purifica
Porque só na renúncia a dor é boa.

E entre espasmos de luz, como um Deus forte,
Viverei do sorriso que caustica
Ironizando a vida para a morte !

Precioso é o dote nupcial que vindes de apresentar a

Academia. Além das citadas obras, trouxestes em vossos alforjes de garimpeiro das letras uma colânea de excelentes trabalhos inéditos, tais como: LÓGICA DOS SENTIDOS, CIRCULO VICIOSO, IIAIKAIS DO MEU AMOR, JORNADAS ACADÊMICAS, SENTENÇAS CRIMINAIS e SENTENÇAS CIVEIS. Como contra-pêso, dêsse punhado de jóias, trazeis um sortimento valioso de filigranas e pepitas esparsas sob a forma de crônicas, pensamentos, conceitos e comentários que revelam a estética e o bom gosto de um perito esmerilhador de ouriversaria literária.

Deixemos, agora, que os convidados presentes contemplem o monte de riquezas que espalhastes sobre a banca de avaliação de vossos méritos. Vejamos como revelais o vosso pendor de ourives do verso quando falais de amor :

O amor é a vida
 Aberta numa esplêndida ferida...
 Queres ser grande, imenso como um Deus ?
 Sofre. Mas que a tua dôr, mas, que os teus
 Lamentos, depurados no cadinho
 Da arte, fuljam em versos de ouro e ar-
 (minho !...)

A espontaneidade com que revelais as aleluias do amor, disciplinando os arroubos do coração às pragmáticas da rima e aos rigores da métrica, atesta em vós, Sr. Benedito Cardoso, os mais lídimos atributos de poeta. E a prova disso está neste soneto :

Ver-te, querida ! Ver-te, que alegria
 Para minh'alma não afeita ao riso !
 Ver-te, querido amor, ver-te, seria
 Ver neste mundo aberto um paraíso !

Ver-te ! Loucura ! Ousada fantasia
Essa de ver-te, quando não diviso,
Ante os meus olhos rasos de estesia,
Senão a sombra vã de um vão sorriso !

E' o teu sorriso pálido de lua,
Que sôbre as ruínas da minh'alma sua
Os Santos Óleos dessa luz divina...

E' a sombra vã de um mórbido desejo
Que desvairado apenas entrevejo
Como uma vaga luz que se extermína...

Qual o intelectual que não tem o vosso SONHO DE ARTISTA, aquele mesmo a que se refere Alex Carrel quando sugere a criação de refúgios ou de ilhas de solidão onde podéssemos meditar e escrever tranquilamente ? Qual de nós, em dias de tédio, não tem sentido este desejo que manifestastes no ritmo e na beleza destes versos :

Eu quisera viver abandonado
Em remota paragem solitária...
Viver sem ter amigos, como um pária,
À natureza esplêndida, aliado !

Pelas noites de luar teria estrado
Sôbre a vegetação embrionária;
Por luz, a lamparina planetária
E as frondes dos ipês por cortinado !

Veria, ao despertar, lindas plumagens
De tangarás e bentevis selvagens.
Batidas pelo sol, sempre risonho !

Teria a Musa por excelsa amante,
A Musa, essa mulher insinuante,
Com quem palestra, às vezes, quando sonho'.

Algumas das vossas poesias, Sr. Benedito Cardoso, são verdadeiros transe de solitude altruística, são maviosos salmos de hipocondria, tocados pelo desalento que inspirou aos gênios do lirismo melancólico. Expressam essa nostalgia universalista dos românticos que se ufam das próprias angústias e descendo ao abismo das depressões psicológicas, comprovam a superioridade do seu espírito, como o mineiro que volta de galerias subterrâneas com as mãos cheias de pedras preciosas. Isso é o que se deduz dêste poema que intitulastes

MINHA TRISTEZA

Essa minha tristeza é uma alegria...
 Ninguém pense que eu sôfro como Job,
 Essa minha tristeza é melodia,
 E' glória, é orgulho de ser só!
 A tristeza que eu sinto... quanta gente
 Quisera possuí-la,
 Quisera tê-la, por escudo, à frente,
 Da pálida pupila!?

Oh! A minha tristeza volutuosa!
 Minha tristeza é um sonho côr de rosa...
 E' luz, é força e é revelação!
 Minha tristeza é assim como a beleza:
 Minha tristeza é o meu pão!
 Minha tristeza é a tristeza extraordinária
 De Poe, de Baudelaire e de Verlaine;
 E' a velha tristeza planetária,
 A tristeza solene!
 E' a tristeza dos Deuses e dos Mundos,
 Que só a sentem os iniciados
 E os profundos
 Cérebros iluminados...
 É a tristeza das almas admiráveis,
 Dos espíritos intensos,
 Que gera os grandes sonhos insondáveis
 E os júbilos intensos!

A tristeza que eu sinto... quanta gente
 Quisera possuí-la,
 Quisera tê-la, por escudo, à frente,
 Da pálida pupila!?

Os versos que acabais de ouvir revelam a poesia do abandono. É nostalgia de condor meditativo. Deixemos que o condor, como nas histórias de Fadas, se transforme num príncipe-menestrel para cantar nostalgias de amor.

Quantas páginas românticas, em prosa e verso, não foram escritas com a tinta da saudade? Quantas deliciosas inspirações não surgiram da ausência da mulher amada?

Contava Humberto de Campos que Guimarães Passos havia tido uma namorada de meninice, cuja mão jamais disputou, e que acabou casando com outro, com o qual teve um filho a quem deu o nome de Antônio. O poeta é que nunca esqueceu a noiva perdida. Às vezes, alta noite, nas rodas boêmias, entrestecia de repente, levantando-se da mesa.

— Aonde vais? — indagavam os amigos.

E éle soturno:

— Vou pensar na mãe de Antônio...

E metia-se em casa, até de manhã.

Raros são os homens que desposaram a Julieta da romântica adolescência, bem como as mulheres que se tornaram espósas do Romeu inesquecível da sua juventude. Por isso, quem sabe, se não é alguma mãe de Antônio a dona dos olhos verdes a quem nosso recipiendário dedicou este soneto? :

Vendo-te os olhos, celestial! criatura,
 Penso no velho mar... sou marinheiro!
 Ouço o salmo das ondas na brandura.
 Dos áureos ritmos dêsse grão troveiro!
 E tal como o Jasão da lenda obscura,
 Sinto a atração do abismo aventureiro!
 Erro dias e noites em procura
 Da Cólchida imortal, no meu veleiro!
 Olhos verdes e vagos como as vagas...
 Olhos que recordais remotas plagas.

Por serdes vós assim, por assim serdes,
 É que, em vos vendo, desvairado, vejo,
 Que ao sabor da maré do meu desejo.
 Vogam volúpias de veludos verdes...

Afirmastes, Sr. Benedito Cardoso, em um dos tópicos do vosso livro sobre filosofia e estética que “o paradoxo é a linguagem familiar dos gênios.” E confirmando esta asserção, entraís logo a enunciar conceitos exuberantes de ironia aprazível. Alguns aforismos da vossa autoria possuem aquela mistura de ciência e de gracejo que caracterizam o humor anglo-saxônio. O tom sério com que escreveis certas máximas hilariantes nos faz lembrar as narrativas de Swift, o sarcasmo de Mark Twain e a ironia de Dickens. Palestrando, melhor do que escrevendo, revelais o vosso senso de humor. Alguns admiradores que buscam o erudito e chistoso dos vossos comentários, recordam os frívolos fidalgos que sorriam no teatrinho rococó de Maria Antonieta, ouvindo as sátiras que Beaumarchais lhes dirigia na representação de “LES NOCES DE FIGARO”.

Mas deixemos estas considerações fastidiosas a-fim de proporcionar ao auditório a satisfação de ouvir algumas das vossas sentenças risonhas sobre a mulher:

“As mulheres adivinham, pelo sentimento, o que nunca poderemos ao menos conceber, pela inteligência”.

“A psicologia de uma mulher é sempre a sua fisiologia.”

“A mulher é uma felicidade infeliz, — nada mais”.

“Quando quiseres obter a confiança de uma mulher, tem primeiro confiança em ti mesmo.”

“Quando uma mulher chora, leva, na correnteza de suas lágrimas, todos os obstáculos que possam servir de estorvo à sua passagem. Não sei de espetáculo que nos faça comover tanto. Poder-se-ia chamar a mulher o animal que sabe chorar.”

“Devêra-se amar a mulher pelo fígado, mais do que pelo coração. Por êste nos vem todo o mal, aquelle apenas segrega, em simples excrescência biliosa.”

“As mulheres não raciocinam para querer : querem apenas.”

“A mulher é uma rainha que acaba sempre escrava.”

“O melhor dom que a mulher pode trazer do berço é a beleza. Ela é, como os frutos, um alimento espontâneo e desinteressado.”

“O homem e a mulher, no ponto de vista intelectual, são como duas linhas paralelas que, por muito que se prolonguem, não se encontrarão jamais.”

“A mulher é um verbo defectivo que só se conjuga em certos tempos.”

“Se pretendes o amor de uma mulher, nunca lhe digas que a amas realmente.”

“A mulher é uma coisa boa, como todas as coisas ruins.”

O nosso recipiendário escreveu tudo isso no tempo de solteiro, talvez em consequência de algum arrufo que espicou seu amor próprio. A prova disso é que, em vários trechos do mesmo capítulo ele exalta a mulher, louva os seus encantos, preconiza o bálsamo das suas carícias. Mais uma justificação para o título de PARADOXOS que deu ao seu livro, e tal como Berilo Neves, caíram por terra todos os seus argumentos contra a mulher, no dia em que se casou, depois de declarar :

“A mulher que conseguir domar o meu orgulho pode ufanar-se de ter domado a mais terrível das feras.”

Consignemos os nossos parabens à esposa do novo acadêmico e demonstremos às senhoras presentes como ele se redimiu dos rancores que lhes provocou escrevendo os seguintes panegíricos :

“Eu nunca havia de supor que a minha memória se obumbrasse a ponto de esquecer-me de mim mesmo. Pois uma mulher realizou este milagre;”

“A mulher é a alavanca de Arquimedes com a qual podemos levantar o mundo.”

“Com as mulheres aprendi o que nunca supus aprender entre os homens.”

“Não se pode prescindir do amor de uma mulher um

stante na vida. A mulher é o nosso sentimento. E eu não concebo um grande homem incompleto.”

“Tôda mulher bonita merece ser amada, independente do amor.”

“Quando estou só, nunca tenho a noção de mim mesmo. Sômente quando vos vejo, mulheres, consigo identificar-me.”

“Niuguem melhor do que a mulher amada pode fazer a felicidade do homem sôbre a terra.”

“O amor é como o sal : conserva a beleza das mulheres, mesmo quando são velhas e feias.”

Todo intellectual recebe o toque das asas de algum gênio invisível que se compraz em nos favorecer na busca de argumentos necessários à sustentação das verdades que nos inspira. Quantas vezes não somos surpreendidos pelo fulgor de um pensamento fugaz, e temos necessidade de prendê-lo na gaiola das rimas ou nas linhas de uma página filosófica? Goethe, para compor a maioria dos seus poemas, saltava, alta noite, do leito, meio adormecido, ia à sua mêsã de trabalho e escrevia de uma assentada os versos concebidos em rápidos instantes de inspiração. Camille Mouclair disse escutar seus próprios sonhos para anotá-los apressadamente, como um telegrafista que recebe uma mensagem.

Parcece-nos dêsse jaez alguns pensamentos dos PARADOXOS DE CARNE, verdadeiros lampejos que as asas de um gênio transmitiu ao autor do livro, e êste registrou-os magistralmente. Em todos, porém, observa-se um timbre de filosofia jovial, um pessimismo humorístico, uma resignação alegre, uma ironia doirada que revelam a comicidade de muitas cousas sérias.

Eis como o Sr. Benedito Cardoso, fiel à etimologia do seu nome, expõe um bendito e cardoso epigrama que a experiência lhe ensinou :

“Desconfia de ti mesmo quando quiseres acreditar nos outros.”

E prosseguindo no mesmo tom :

“O pessimismo é a praça forte do homem superior.”

“Os homens dizem de si mesmos, o que não conseguiram ouvir dos outros.”

“É tão difícil encontramos homens verdadeiramente sérios, que, quando os encontramos, duvidamos, de logo, do seu caráter.”

“Quando o homem começa a enganar-se a si mesmo, começa a ser sincero com os outros.”

“A modéstia é a hipocrisia agindo da sombra”.

“A sinceridade tornou-se uma virtude tão caduca, que, quando se nos depara um homem verdadeiramente sincero, logo o chamamos de tólo.”

“Se fôssemos discretos com os outros, como somos com nós mesmos, não haveria indiscretos.”

O diploma que acabastes de receber é a prova do mais elevado aprêço que um intelectual pode conquistar na província. Não sei de melhor prêmio para quem subiu a montanha do Parnaso e penetrou no castelo da erudição autóctone apoiado nas garras da perseverança, sem contar com os favores da fortuna, galgando as penedias do caminho com a energia que a pobreza empresta aos obstinados, com o fôlego de sete gatos adquirido no exercício da tenacidade e com as botas de sete léguas que a fada da inteligência oferece a determinados concorrentes que se atrevem a entrar no páreo da cultura.

Recebendo as sementes da instrução oferecidas pelo vosso pai, soubestes, Sr. Benedito Cardoso, como na lenda do agricultor pertinaz, disseminar os grãos dos ensinamentos propedêuticos em terreno fértil e promitente. Custeando os próprios estudos com os precários saldos dos vencimentos burocráticos, fizestes o curso de odontologia na Faculdade de Medicina de Salvador, para verificardes, logo após, que esta profissão não se coadunava com o vosso temperamento. Ingressastes, então, na Faculdade de Direito da Bahia donde saistes bacharel, em 1931. Data de então o vosso constante labor na imprensa da vetusta cidade de Tomé de Sousa. O acolhimento que a FOLHA DO SUL, de Caravelas, o COMÉRCIO e o CORREIO DE ILHÉUS, dispensavam à vossa colabo-

ração literária não foi mais animador que o de todos os jornais da capital bahiana onde vos tornastes finalmente redator do DIÁRIO DE NOTÍCIAS. A "REVISTA ACADEMICA" da Faculdade de Direito daquela capital, publica com destaque os trabalhos da vossa autoria, as Academias Manuel Vitorino e Bahiana de Moços vos acolhem como sócio e depois como orador. Eram as dádivas da seara estudantil, era a colheita prodigiosa daqueles grãos de ensinamentos que se multiplicavam em menses generosas para recompensar ao lavrador perseverante.

Regressando a Sergipe, em 1933, como membro da sua magistratura, tendes, desde então, irradiado o fulgor do vosso espírito nas atividades forenses.

Finalizando a minha oração, formulo os mais sinceros votos para que não vos deixeis contagiar pela inércia peculiar a todos os beletistas, depois que se tornam acadêmicos. Não devemos mostrar-nos ativos apenas quando cobizamos o título de imortal, como os românticos volúveis que sômente lisonjeiam as mulheres quando julgam incerta a sua posse.

O diploma que recebestes nesta venturosa data do vosso natalício é o presente afetoso que vos oferecem os mais apaixonados cultores da literatura, residentes em Sergipe; é o velocino de ouro reservado para os argonautas intemeratos dessa Cólchida situada no píncaro da montanha que subistes. Os patriarcas da nossa Acrópole, à semelhança dos Deuses do Olimpo, querem que o nosso júbilo retumbe neste Parnaso tôdas as vezes que aqui chegue um príncipe das letras, mormente quando se trata de um poeta e realizou a façanha de erguer-se da planície para vencer as agruras de uma odisséia acidentada e atingir a glória dêste triunfo.

Recebei, Sr. Benedito Cardoso, as palmas consagradoras do vosso mérito.

A Posse do Acadêmico Benedito Cardoso

Realizou-se, no dia 28 de Novembro próximo passado, a solenidade de posse do Dr. Benedito da Silva Cardoso, juiz da 1.^a Vara Criminal e atualmente exercendo a função de desembargador do Tribunal de Justiça, deste Estado, na Cadeira n. 27, da Academia Sergipana de Letras. À seleta reunião promovida para a recepção do novo acadêmico, compareceram o representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, os Presidentes do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Associação de Imprensa, Tribunal de Justiça, o Prefeito da Capital, advogados, jornalistas, escritores e grande número de intelectuais.

Aberta a sessão, o ilustre Presidente da Academia e conceituado juriconsulto conterrâneo, Dr. Antônio Manuel de Carvalho Neto, designou os acadêmicos Zózimo Lima e Severino Uchôa para acompanharem ao recipiendário em sua entrada no salão de conferências.

Em seguida, o Presidente Carvalho Neto concedeu a palavra ao novo acadêmico que iniciou a sua oração manifestando a surpresa com que recebeu a notícia da sua eleição para a cadeira vaga com a morte de Manuel Luiz Azevedo d'Araujo e dizendo da satisfação que sentia pelo ensejo que a Academia lhe proporcionava de retornar à atividade literária. A propósito, recitou trechos do soneto "Visita à Casa Paterna", de Luiz Guimarães Júnior e iniciou a primorosa síntese biográfica do Patrono da sua Cadeira, comprovando a sua lisura de administrador e ilustração Pedagógica, através da leitura de vários documentos firmados pelo saudoso pioneiro da alfabetização de adultos em Sergipe.

O Dr. Benedito Cardoso fez apreciações detalhadas em tórno da personalidade intelectual de Manuel Luiz, revelando-se um crítico e ao mesmo tempo um psicólogo exímio na análise das atitudes postas em prática pelo seu antecessor quando diretor da instrução neste Estado.

Após prolongados aplausos, o novo acadêmico foi convidado a participar do plenário da casa, seguindo-se um número de violino e piano executado pelo maestro Genaro Plech e uma das suas competentes alunas.

O Dr. Carvalho Neto concedeu, então, a palavra ao acadêmico Severino Uchôa que fez a apologia dos trabalhos literários do Dr. Benedito Cardoso, começando por interessantes considerações sobre o exercício da magistratura. O anfitrião da Academia apreciou diversas composições líricas da autoria do recipiendário e releu graciosos conceitos filosóficos extraídos dos "PARADOXOS DE CARNE". Quasi esquecido como poeta, o Dr. Benedito Cardoso reapareceu, no discurso pronunciado pelo Dr. Severino Uchôa, com o fulgôr que obteve através do seu primeiro livro de versos, intitulado "AURORAS BÓREAS". O intérprete da Academia estudou a personalidade literária do novo imortal sob um aspecto inteiramente inexplorado pelos críticos. E foi assim que salientou os penhores humorísticos do Dr. Benedito Cardoso, equiparando alguns dos seus axiomas aos de Swift, Mark Twain e Dickens. Concluindo sua peroração, o Dr. Severino Uchôa disse que o diploma conferido ao recipiendário era a mais evidente prova de reconhecimento aos méritos de homem de letras e o mais agradável presente que os patriarcas da instrução sergipana podiam lhe oferecer na data do seu natalício.

Encerrada a solenidade, os convidados e homenageantes dirigiram-se a um dos restaurantes locais onde participaram de um festivo ágape em comemoração ao acontecimento, tendo, nessa ocasião, o aniversariante sido saudado pelo Dr. João Marques Guimarães, em nome do Ministério Público. e

pelo poeta Freire Ribeiro que, em homenagem ao natali-
ciante, recitou um bellissimo poema da sua autoria.

Em nome do homenageado, discursou o illustre de-
sembargador Hunald Santaflor Cardoso, agradecendo as
felicitações e encerrando a festa.

(Noticia publicada no "Diário de Sergipe" de 2 de
Dezembro de 1949).

A POSSE DO DR. BENEDITO CARDOSO NA ACADEMIA DE LETRAS

Realizou-se na noite de 28 do corrente, com grande
solenidade, no salão nobre do Instituto Histórico e Geo-
gráfico, presidida pelo Dr. Carvalho Neto, a sessão de
posse na Academia Sergipana de Letras, do Dr. Benedito
Cardoso, illustre magistrado, poeta e ensaista, que pro-
nunciou brilhante oração sobre a vida do seu patrono na-
quele Sodalicio. Recebeu-o o Dr. Severino Uchôa, que
fez, com brilho, o elógio do nôvel acadêmico. O maes-
tro Genaro Plech se fez ouvir, ao piano, com o agrado de
sempre que se exhibe em publico.

Às 22 horas, no bar da "Gruta Sergipana", o Dr.
Benedito Cardoso, aproveitando, também, o ensejo da
passagem do seu aniversário natalicio, naquele dia, ofe-
receu aos seus amigos, admiradores e confrades, um co-
quetél acompanhado de deliciosos frios, sendo saudado
pelo dez. Hunald Cardoso, Dr. Marques Guimarães e o
poeta Freire Ribeiro, que ofereceu, após declamado, ao
Dr. Benedito, o seu novo poema intitulado "SÃO CRIS-
TÓVÃO", um primor de lirismo e sentimento.

(Noticia publicada no "Correio de Aracaju" de 1.
de Dezembro de 1949).

Poema do Silencio e da Noite

J. FREIRE RIBEIRO
(da "Academia Sergipana de Letras")

Dobram sinos a finados
na manhã brumosa e fria !...

Estranha melancolia
pelos espaços parados,
na manhã brumosa e fria !...

Dobram sinos a finados
todo o dia,
todo o dia !...

Chega-te a mim, doce Amada !...
Não vês os sinos gementes
nas badaladas trementes,
dizendo que somos nada ?...

Desabam choças e trónos,
morrem Rêis, morrem mendigos !...
Todos vão ! Estranhos sons
nos levarão aos jazigos
da terra, soturna e fria !...
Dobram sinos a finados
pelos espaços parados,
todo o dia, todo o dia !...

Onde está essa criança
tão loira, rosada e bela,
tão linda como uma estrêla
na minha rua sombria ?...

Onde está o homem forte,
o que zombava da Morte
e se julgava um Titã ?...
Onde está aquela boca
risonha como a manhã ?...
A boca da Companheira
que ao namorado sorria ?...

Dobram sinos a finados
por nós, que, tristes, morremos
todo o dia, todo o dia !...

Minha bela Colombina,
onde está teu Arlequim ?...
Onde está teu Companheiro,
porque tu choras assim ?...

Parado está o pandeiro,
passou a noite de orgia !...

Dobram sinos a finados,
todo o dia !...
Todo o dia !...

Chega-te a mim, doce Amada !...
A Morte, anda na estrada
do Tempo enorme e sem fim !...

Essas horas raiosas
dos nossos dias de amor,
são pobres rosas, Querida,
são pobres rosas da Vida
inconscientes á dôr !...

Chega-te a mim, Doce Amada,
tu que és luz e harmonia,
façamos a vida bela
pela nossa companhia !...

Dobram sinos a finados
todo o dia,
todo o dia !...

Chega-te a mim, soberana
que me dás a poesia
nesta pobre caravana
desta humana romaria,

pois ouço os sinos dobrando
pelos espaços parados,
a finados, afinados
todo o dia, todo o dia !...

D I S C U R S O

do Acadêmico José da Silva Ribeiro
Filho

Senhores academicos

Quando homenageastes o vosso patrão, meses antes do seu falecimento, concedêstes-me a honra de ocupar a tribuna dêste Sodalicio como interprete dos sentimentos do homenageado.

Senti-me, então, à vontade, não apenas pela circunstância de ocupa-la acidentalmente, mas, sobretudo, porque certo estava da complacência com que me ouviríeis no desempenho de um mandato que a outro não devêra de ser confiado e do qual facilmente me desobrigára dizendo breves e singélas palavras.

De outro modo, aliás, não pudéra traduzir os sentimentos e as emoções de um homem que, como o vosso patrão, trazia sempre o coração nos lábios. De um homem que nunca se fez nebuloso e reticente para dizer o que sentia, por isso mesmo que a sinceridade era um dos seus principais característicos.

Hoje, porem, ao ocupar esta tribuna como um dos vossos — se não sou um intruso, porquanto fôstes vós mesmos que a ela me trouxêstes, — devo sem falsa modestia reconhecer que não usastes de cautéla chamando para a vossa companhia quem jamais se arriscára a pretender tão alta distinção.

A indicação do meu nome para a cadeira que Luiz José da Costa Filho soube honrar com o seu talento de escól causou-me uma surpresa visinha do estarrecimento.

Insistentes e persuasivos, compelistes-me a ceder, porem as razões por que me não aceitastes as escusas terão sido puramente sentimentais. Só assim não me seria exigido, como efetivamente não o foi, para transpôr os humbrais dêste cenáculo, o que de outros costumais exigir.

Vistes em mim, apenas, o filho do vosso patrão, quando me quizêstes conceder um prêmio de que só se podem legitimamente orgulhar aquêles que o tenham conquistado por seus próprios méritos.

Seja, porem, como fôr, eu vos sou profundamente reconhecido por esta outra homenagem que prestais a meu pai. E não me humilha, antes me comóve e desvanéce, têrdes querido fôsse eu nesta Casa, que êle tanto amou, o seu retrato vivo, a sua continuidade emocional.

Entretanto, senhores acadêmicos, se acaso me julgastes capaz de justificar, ainda que palidamente, a preferencia com que me distinguistes; se capaz me julgastes, pelo menos, dar ao meu discurso de posse um vago colorido de oração acadêmica; se assim o esperastes, a decepção que ireis sofrer será o castigo da vossa magnanimidade.

Conforte-vos, porem, a certêza de que, logo mais, aquêle que designastes para me dar as boas vindas reacenderá as luzes dêste cenáculo com a graça e o fulgôr da sua palavra.

* * *

Ninguém mais suspeito para me receber na Academia do que vós, senhor acadêmico Carlos Costa! Não é, pois, de estranhar me tenhais visto em vossa oração de paraninfo através dos vidros de aumento da amizade. Chego a receiar não me possam identificar, nem consiga eu próprio reconhecer-me diante de um retrato que, desapercivelmente, tereis ampliado e retocádo.

Bem de perto vos conheço para saber que vos deixastes trair por aquêle sentimento — sem dúvida o mais nobre e duradouro do coração humano, — mas cuja força restringe, mesmo nos espiritos mais serenos, a liberdade de julgar .

Senhor acadêmico Carlos Costa:

Vai distante... A colina de Santo Antônio parecia feliz vindo a cidade estender-se para outros lados, aterrando chãrcos e subindo môrros de arêia. Feliz na sua simplicidade aldeã, com pomáres floridos e velhas casas em cujos beirais se aninhavam as andorinhas. Ali, a poucas centênas de metros da capital que se modernisava, a correntêza da vida, para nos valermos da imagem do poeta, como que fizera um remanso. A igrejinha secular, risonha e sólida na sua vetustêz, dir-se-ia haver parado de envelhecer. Nada mudava, nada se renovava naquêle recanto propicio a devanêios líricos e a elocubrações filosóficas, onde ha mais de cinquenta anos vive um

dos espiritos mais lúcidos desta terra — Garcia Rosa, — com quem aprenderam a pensar tantos intellectuais sergipanos.

Um dia, porem, a igrejinha toda se engalanou, e encheu-se a colina de festivos repiques, para a recepção do novo vigário. Fôstes vós que chegastes, recém-ordenado, contando pouco mais de vinte anos. Por feliz coincidência, pouco depois subia a colina a "Hora Literária"; e o talento oratório que íeis revelando no púlpito nas vossas brilhantes práticas domingueiras, poude ser confirmado naquela outra tribuna, já de quando em quando honrada por consagrados homens de letras. Entretanto, senhor acadêmico Carlos Costa, não foi apenas para fazer belas práticas que tomastes as véstes sacerdotais. Cêdo idealizastes, para espanto da alma contemplativa do bairro, a construção de um novo templo. E o edificastes com a cooperação de ricos e pobres — elegante e sóbrio, — tal como ainda hoje o vêmos, primeiro marco das vossas atividades de padre cuja feliz predestinação seria edificar igrejas!

Foi então que vos conheci. E porque ercis jovem, não me foi empecilho a dignidade de que estaveis revestido para bem depressa me tornar um dos vossos íntimos.

Áquêle tempo (santa irresponsabilidade a da adolescência!), eu fazia versos (hediondos versos!), e era orador inscrito em quase todas as sessões da "Hora literária", que foi uma espécie de Academia preparatória, depois de ter sido, como escreveu Manuelito Campos, um "Jardim da Infância" da literatura de Sergipe.

Acreditastes nas minhas aptidões literárias, e, passados tantos anos é a esse cenário que se volta a vossa memória amiga, como se ainda me pudessem valer, a esta altura da vida, aquelas não confirmadas aptidões.

Sejam-vos, pois, perdoados os excéssos a que não pudéstes fugir, quando de um só játo, vos saiu do coração tudo quanto ídes dizer do novo confrade diante de auditório tão seléto.

Tranquilo na sua obscuridade, feliz na sua pobrêza

sem vexame, era o lar em que nasceu Luiz José da Costa Filho — à beira rio, — quase ao apagar das luzes do século passado.

Quantas vezes, na sua meninice, teria interrogado mudamente o São Francisco majestoso, que vinha de tão longe, pacífico e silencioso, mas de longe em longe tomado de ímpetos selvagens!

Quantas vezes, contemplando a doce paisagem natal, teria sentido insinuar-se em seu coração de adolescente a inexprimível poesias das coisas!

Imaginemô-lo a perseguir, como quem perseguisse imponderáveis maripósas, as primeiras rimas, os primeiros vocábulos sonóros, na ânsia de dizer o que pensava e o que sentia.

Não é de duvidar que os pais o tenham surpreendido numa dessas fugas, numa dessas saborosas ausências do terra-a-terra.

E se lhe advinharam os pensamentos foi sem tristeza que o viram ausentar-se pouco depois da casa paterna. Que o deixaram ir ao encontro do seu destino — correr como o rio, que de longe vinha e para longe ia — para o grande mar desconhecido dos seus sonhos e das suas ambições juvenis.

Vendo-o partir, houve talvez um momento em que o pai-modesto ferreiro —, pensou nos grandes homens filhos de pais humildes.

Mas Costa Filho não nasceu marinheiro, não lhe enublava o coração a nostalgia de terras distantes. Não era um sergipano, como tantos o são, com alma de fenício.

Veiu de Propriá para a Capital qual se houvera feito um longa viagem. Aqui se fixou perto do mar, que era uma ampliação do rio, e só muito mais tarde, em plena maturidade, quando era um nome definitivamente vitorioso nas lêtras provincianas, transferia-se para o sul do País. Por isso mesmo, dele não pôde dizer-se que emigrou. Não. Ele foi dos que preferiram ficar. Dos que ficaram e venceram. E se acaso houvesse fracassado, se a terra

o desherdasse como tem desherdado a tantos outros, queremos crer que ainda assim o seu entranhado sergipanis-
mo obriga-lo-ia a pensar, como pensava o sertanejo ena-
morado do poema de Menotti Del Picchia, "que na terra
natal a propria dôr dói menos".

Orgulhoso da sua origem humilde, era sempre to-
cado de comovida ternura que evocava a figura austera
do pai — tão nobre, tão cheio de dignidade na sua tenda
de ferreiro ! — e exaltava as virtudes daquela rústica mu-
lher que soube ser a mais terna das mães e a mais desve-
lada das espôsas.

Como sabia venerar os pais ! E, senhores acadêmicos,
temos aqui um traço que não pode ser perdido de vista
na fisionomia moral dêsse homem combativo e comba-
tido, com os seus defeitos e as suas qualidades, as suas am-
bições e os seus despreendimentos, a sua exuberância de
temperamento e a sua delicadeza sentimental.

Costa Filho não deve ser julgado apenas pelo que
deixou de si, ainda que a sua obra seja a de um escritor
cujo estilo, elegante e claro, nunca andou desacompan-
hado das idéias.

Tudo leva a crer que iria mais longe se não fôsse um
dispersivo, um irrequieto a quem teria faltado tenaci-
dade para se apossar das chaves de "jardins fechados" al-
gumas vêzes entrevistos no seu peregrinar pelo mundo
das lêtras.

Apreendendo e assimilando sem esforço o que lhe
parecia essencial, dando sempre "pasto novo" á inteli-
gência, curioso, mas imperseverante, nunca tentou lon-
gos e difíceis itinerários.

E' verdade que, algumas vêzes, como apaixonado da
história pátria entregou-se a investigações e pesquisas que
a um espirito menos lícido poderiam custar esforços bem
penósos. Persistisse nêsses estudos, para os quais de-
monstrava acentuada inclinação, e os melhores triunfos
da sua atividade literária teriam sido aquêles que colhêsse
como historiador.

Ele proprio deu-se o titulo de "desenterrador de gi-

gantes”. E não ha dúvida que o foi, ao levantar o espêso véu em que o esquecimento e, talvez, a ingratidão da posteridade envolveram singulares figuras do nosso passado histórico, como, entre outros, o Regente João Bráulio Muniz, o sábio Augusto Leverger, Barão de Melgaço — e o Comandante Francisco Mariath.

Quanto ao primeiro, “homem de ideias, ilustrado e próbo”, na opinião de Rocha Pombo, nunca será demasiado exaltar a sua atuação de estadista e de patrióta numa das fases mais tumultuósas da nossa vida politica, como o foi a Regência Permanente Trina. Ao segundo, Augusto Leverger, eminente historiador e notável geógrafo, deve o Brasil, sua pátria adótiva, serviços que ficaram mais ou menos esquecidos por longos anos, não se lhe rendendo por isso mesmo á memória o culto de admiração e de reconhecimento a que por tantos títulos soube fazer jús.

O Barão de Melgaço — escreveu illustre viajante estrangeiro que o visitára em seu gabinete de trabalho poucos anos antes do seu falecimento —, “é o mais notável monumento da geografia do Império”.

Finalmente, de Francisco Mariath, intrépido comandante da Corvêta Maceió, pode dizer-se ter sido um marinheiro “sans peur et sans reproche”, um herói que já mais será convidado a descer do pedestal em que o collocou o historiador.

Tarefa altamente meritória, essa a que se dedicou, quando é sabido que a história, no dizer de Afonso Arinos”, póde recolher apenas uma pequena parte dos nossos feitos”, “Perde-se o resto nêsc e anonimato, que é a vala comum dos simples e dos pobres.”

Dai poder-se dizer, como disse Romain Rolland, que os vencidos não têm história. “E aquêles que, incompreendidos, mal julgados, expostos ás injustiças do seu tempo, põem sua esperança na posteridade, fecham os olhos aos pouquissimos meios que a posteridade tem para se instruir sobre os acontecimentos passados”.

Nobilissima, pois, a missão social e humana do histor

riador que se não contenta, apenas, com o registro de feitos conhecidos e celebrados. Que vai mais longe, como foi Costa Filho, reparando injustiças, corrigindo equívocos, plantando marcos que não serão perdidos de vista por outros que ainda mais longe quizerem ir.

O talento de Costa Filho desabrochou muito cedo. Aos vinte anos, quando promissôramente já se ensaiava no jornalismo provinciano, publicou dois livros de versos — “Alma de Sol” e “Amém”. Livros, sem dúvida, não isentos de imperfeições, mas que, naquela idade, só poderiam ter sido escritos por quem precocemente houvesse aprendido a pensar. Não há neles lugares comuns, imagens de segunda mão, versos bem feitinhos e vãos.

“Amém” está dividido em duas partes — “Poema das Plantas” e “Festum Lucis” —, e é dedicado àquela que lhe inspirára um alto e puro amor. Aquela que deverá ser, como realmente foi, a companheira extrema, portadora de adamantinas virtudes, que o armou cavaleiro para os embates da vida e em cujo ombro terá descansado algumas vezes, em horas de melancolia e desalento, a cabeça povoada de sonhos.

De “Festum Lucis” são estes versos tão encantadores na sua simplicidade.

“Luz bendita,
Que no ar, na terra e no Infinito habita.

Luz da vida,
Das regiões celestiais caída.

Luz de amor,
Que nos dá vida e luz, força e calor.

Luz do bem,
Que a alma das coisas dentro de si tem

Luz da Paz
Que o pão quotidiano aos lares traz.

Luz da Graça,
Que riño nos oscéla e nos abraça...

Segundo Zózimo Lima, os poêmas a que nos reportamos inspiraram-se na poesia de Guerra Junqueiro, que ruda obstante a sua costumeira eloquência, algumas vezes sabia dizer despretenciosamente coisas assim. Entretanto, versos d'esses mesmos poêmas trouxeram-nos à lembrança o poeta do "Só", cuja dolorosa mensagem terá vivamente impressionado a geração a que pertenceu Costa Filho.

Mas, ao que parece, Costa Filho, não se deixou particularmente influenciar por qualquer dos grandes poetas brasileiros ou portugueses. Não se escravizou a modelos, não se filiou a nenhuma escola. Quando muito, por seu amor á eloquencia e, sobretudo, pela paixão que lhe inspiravam os feitos heróicos, poderia ter sido tentado a descrever em linguagem camoneana as façanhas de alguns heroes da nossa história .

— Mais tarde, a sua poesia como que se foi intellectualizando, . Fazendo-se, por vezes, eloquente e erú dita, como nos poêmas "Kosmopéa" e "Alice d'Avila", perdeu a sonoridade de água cantante, a claridade matinal dessa poesia que, em sendo ingenuamente lirica, nem por isso deixa de ser profundamente humana. E só de longe em longe, em momentos de inspiração dolorosa, gemiam no seu éstro as vozes mais puras do coração, como neste maguado sonêto á filhinha morta :

"Álgida flôr que cêdo te partiste,
Numa clara manhã, dorida e calma,
Como eras bela, lindamente triste,
De véstes alvas, com grinalda e palma !

Bem sei, saudosa, que me não assiste
O direito de fóra da minh'alma
Exaltar a lindêza em que caíste
Nos abismos da morte, que desalma.

Mas aos paternos corações aflitos,
Perdoar se costuma êsses delitos
De saudades imensas e de amor.

Querida morta, sim, como eras bela,
Entre rosas, de palma e de capela,
Álgida, pura e desditosa flôr !

A critica pode apontar altos e baixos na sua poesia, mas de pequeninos e grandes defeitos não estará isenta a obra de poetas que nem por isso deixaram de tornar-se famosos.

E, quantas vèzes, celebra-se um poeta com um único soneto, que sem ser o melhor, será o mais feliz, aquêlê que logrou tocar mais de perto os corações !

Para o autôr do soneto célebre será, no entanto, torturante vêr esquecidos e desprezados sonetos ôtros não menos belos na forma, nem menos ricos no conteúdo.

Diz Grieco que Julio Salusse já não tolerava que lhe elogiassem o cisne. Ora, o cisne ! Sêmpre o cisne ! — como se nada mais houvera produzido.

De qualquer modo, Costa Filho terá garantido o seu lugar em nosso Parnáso. Foi uma alma lírica, apaixonada e ardente, sempre ansiosa por dizer em versos o que só a poesia e a música podem realmente exprimir.

E' oportuno lembrarmos a critica jocôsa e ferina de Carlos Chiacchio ao "Alice d'Avila", não porque essa critica intencionalmente demolidora seja digna de maior atenção, mas quando menos para applaudirmos a sobrançeria do poeta fazendo-a aparecer no volume II de "Apreciações e Ensaios" - sobre Costa Filho, editado em 1931. Por outro lado, valeu a pena divulgá-la para que viesse a lume a sensata e vigorosa carta em que o então primeiranista de direito Paulo Costa, herdeiro do seu talento, conforta-o com a solidariedade do melhor afeto filial e oferece-lhe o testemunho de uma suspeita, mas nem por isso injustificada simpatia intelectual.

Citando êstes versos.

"Tinem espóras, chocam-se tacápes,
A flexa fére os raios da Alvorada,
O bacamarte ronca, um rór de tráques,
Dumdums, papouca e aquece a madrugada" —,

citando-os maldosamente, Chiacchio pergunta se já haveria em 1624 semelhante brinquêdo sanjuanino, isto é, trâques dumduns. . .

Fôsse menos apaixonado o crítico e ao lado de versos pouco felizes teria citado outros de incontestável beleza.

Seja, porem, como fôr, o poêma tem passagens realmente sugestivas e não se pode negar que a heroína projetou o seu vulto na história ao expulsar das nossas praias caboclas os loiros e arrogantes invasôres.

E se é certo, como ressaltou festejado escritor patricio, que "a façanha do guerreiro só pode brilhar intensa nas páginas do poeta", "se entre alguns povos antigos os Bardos eram como sacerdotes sem cuja prece não podiam começar as batalhas e sem cuja benção as almas dos guerreiros mortos não podiam ter o repouso da sepultura na terra nem a glorificação no Paraíso", como estranharmos que em nossos dias a imaginação ardente de um poeta haja colocado em doirada moldura o retrato de uma fidalga mulher a quem se atribúi um feito que Homéro não se recusára glorificar ? ! . . . Estranhável é o silencio dos poetas diante do tûmulo dos herois.

E, no Brasil, tão grande é a divida da Poesia para com a História que só um grande épico poderá resgata-la.

Outro não foi o pensamento de Artur Orlando, quando escreveu :

"Dizem que somos um povo de poetas, e entretanto, não possuímos uma epopéia nacional. Está por escrever nossa "Iliada", o poema da guerra holandeza, feito assombroso com que os herois do norte, eu ia dizendo os pernambucanos, salvaram a integridade da pátria brasileira, bem como está por compôr nossa "Odisseia", narrando em linguagem homérica a luta titânica dos povoadores do sul, ou melhor, dos bandeirantes, contra tudo e contra todos, para conquistarem do lado do poente um Brasil ainda mais rico e maravilhoso do

que aquele que havia sido descoberto á beiramar pelos argonautas portuguezes”.

Si Costa Filho não deve ser julgado apenas pelo que deixou de si, se maiores eram as suas possibilidades, nem por isso pode ser contestado o valor da obra que corajosamente realizou na provincia.

Continuamos a repetir com Silvio Romero que a nossa literatura é uma literatura de emigrados, o que certamente faz crescer a nossa admiração por aquelles cujo labôr intellectual não tem esmorecido na estreiteza do meio provinciano.

Costa Filho não emigrou, nem succumbiu. Pobre, precisando tudo dar de si para manter familia numerosa, foi um literato que logrou viver ás expênsas do advogado e do professor. Não porque fôsse ocioso, mas porque em nosso meio as obras de fino labor que modelasse em sua officina de trabalhador das lêtras não podiam ser trocadas por moeda corrente. Todavia, dessa atividade accessoria e não remunerada igualmente se beneficiaram o professor e o advogado. Bem apuradas as coisas, receberam mais do que deram, porquanto o literato recolhia conhecimentos dos quais se utilizavam ambos -- um para brilhar mais na cátedra, outro para ilustrar a tribuna forêse.

O advogado alcançou certa notoriedade e teve a glória de vêr elogiados alguns trabalhos seus por conspiciosos mestres do direito. O professor costumava abrir longos parênteses em suas aulas de História do Brasil com elegantes dissertações literárias, a exemplo do que fazia na Faculdade de Direito da Bahia o saudoso mestre Afonso de Castro Rebêlo, catedrático de Direito Penal, tão carinhosamente evocado pelo jornalista João Marques Guimarães em conferência realizada em nosso Instituto Histórico e Geográfico.

O velho Castro ia, talvez, mais longe do que o nosso professor de historia, porquanto em quinze minutos, se tanto, dava por esgotado o ponto para entrar em cheio na literatura franceza. Com os poetas, os pensadores, os es-

tilistas da pátria de Anatóle France, nós, seus discípulos, passavamos os quartos de hora restantes.

Quando, porém, o mestre atravessava a Mancha era para falar quase que exclusivamente de Shakeaspeare. Do imenso Shakeaspeare, que se antecipára de séculos á ciência na classificação dos criminosos, graças à sua prodigiosa intuição psicológica. E cheios de emoção assistíamos ao assassinio do velho Polónio, ao enterro de Ofélia, ao duelo entre Hamlet e Laertes ! E viamos o passional Otelo debruçar-se sobre o cadáver inda quente de Desdêmona, para exclamar no seu amoroso arrependimento : “tu eras tão branca e tão pura como os lençóis do teu leito !” E ouviamos da bôca do tresloucado Rei Lear, perdido na floresta em noite de tempestade, esta gramática imprecação: “relâmpagos, queimai os meus cabelos brancos !”.

Entretanto, a paixão com que exaltava o espirito francês, flôr da raça latina — como insistente e justificadamente se tem proclamado em prosa e verso —, não o tolhia de exaltar de quando em quando com a mesma vibração e o mesmo entusiasmo os grandes nomes da litteratura nacional e da portugúesa.

Ao velho professor Castro Rabelo, quantos de seus discípulos lhe ficaram a dever o interesse com que procurariam mais tarde conhecer os dramas shakeasperanos, as tragédias de Corneille e Racine, a poesia de Vitor Hugo, de Musset, de Baudelaire, de Verlaine, de Sully Proud’homme e tantas das melhores obras dos prosadores da França, de Portugal e do Brasil.

A Luiz José da Costa Filho, quantos de vós, que fostes seus discípulos, lhe deveis a paixão de que vos tomastes pelos grandes homens e pelas grandes obras !

Costa Filho foi tambem poeta humorista. Em 1931, por ocasião do encerramento da “Semana da Criança”, recitou desta mesma tribuna versos escritos ao correr da pena, aos quais deu o titulo de “A criança revolucionária”.

Vejam os que se seguem, escolhidos ao acaso :

Para o moral dos petizes
liberdade de brincar
é como para as perdizes
liberdade de voar.

Nem por serem pequeninos,
almas inda em formação
desconhecem os meninos
as fórmulas da coação.

Tanto assim que choram, gritam
pulam cercas e janelas
si mãis e pais os irritam
só com mostrar as chinelas.

Quantos de nós aborrímos
crianças indagadoras
e vêzes até punimos
ingenuas perguntadoras ?

Entretanto, é um direito
da criança o perguntar.
Longe de ser um defeito,
é virtude a se louvar.

Bem diz o rifão antigo :
quem pergunta quer saber.
Do filho não é amigo
o pai que não responder.

Fazendo humorismo, tratou de assunto sério, qual seja o comportamento dos pais em relação aos filhos, nessa primeira idade tão ciosa das suas prerrogativas e por isso mesmo tão forte nas suas rebeldias.

Antonio Tórres chamou de "hediondos" os seus tempos de criança. Será que uma educação mal orientada contribuiu para fazê-lo tão pobre de simpatia humana, tão apaixonado e irreverente ?

Passemos, porém, adiante.

Entre os livros de poesia de Costa Filho, "Quarto Dalva", editado em 1941, é o que melhor se oferece a um cuidadoso estudo crítico. É o seu livro mais forte, mais rico de sêiva, conquanto escrito no outono da vida. E' que os poetas também sabem envelhecer sorrindo e às vezes morrem vendo em tudo beleza, como morreu o personagem de Machado de Assis, aquêle singularíssimo José Dias, amigo dos superlativos, que olhando o céu do seu leito de agonisante — um céu sem nuvens, todo azul e opála —, exclamou feliz, superlativamente feliz: "lindíssimo!"

Do "Quarto D'alva", para nos despedirmos do poeta, cuja figura tão palidamente está sendo evocada nesta noite, extraímos o soneto que se segue, qual se o houveramos tirado de uma página de "Luz Mediterranea". Ha nêle, se nos não enganamos, qualquer coisa daquele magnífico "Legenda Pagã", no qual Raul de Leoni entôa um ardente hino ao amôr:

Retrato.

Glória e flôr de uma raça de guerreiros,
e de amorosas e sentimentais,
ha na tua alma o sulco dos primeiros
bandeirantes dos nossos ideais.

Nêsses teus negros olhos feiticeiros,
herdados de selvagens ancestrais,
luzem rimas de bárdos condoreiros,
brilham pontas de lanças medievais.

Corpo hercúleo e monástico, que tem
como o lírio dos campos e a cecém,
toda a virtude da fecundidade,

Revélas nessas fórmãs peregrinas,
as tradições das raças levantinas,
e as opulências da Maternidade !...

Ainda muito moço, Costa Filho escreveu — "O Santo Governo" e a "A Liberdade e a Igreja", interessantes

estudos nos quais expende conceitos que seriam subscritos pelos mais exigentes doutrinadores católicos. A esse tempo devêra aceitar integralmente o catolicismo, de vêz que se não limitou a fazer a apologia de pontos particulares da doutrina, mas, por assim dizer, a defêza geral da religião católica, como se longamente houvera pensado e estudado para responder ás acusações que a razão e a ciência pudessem mover contra a Igreja, negando-lhe o caráter de instituição divina. Seguro que estava das suas convicções, numa época em que ainda constituíam novidade certos preconceitos anti-religiosos, ele pudêra dizer com o poeta :

“E para crêr num braço autôr de tudo,
Que recompensa os bons e os máus castiga,
Não só da Fé, mas da Razão me ajudo !”

Anos mais tarde — espirito irrequiêto —, perderia a fé. Ele que adotára com tanto entusiasmo a teoria social das Encíclicas², que acusara de subversivas e carbonárias as doutrinas propagadas pelo socialismo; que afirmára jamais haver a Igreja, quer por manifestações exclusivas da autoridade papal, quer por decisões dos seus Santos Concílios, condenado movimento algum de ordem social, filosófica, religiosa ou política que não fôsse pernicioso e funesto á humanidade; ele, anos mais tarde, tornar-se-ia incrédulo, sem nos dizer, contudo, quais “as razões e os argumentos em que podia descansar a sua incredulidade”.

Escreveu Lammenais : “ quem tendo crido, deixa de crêr, céde sempre a um interesse de orgulho ou sensualidade, e para isso eu desafio sem receio o testemunho de todos os incrédulos.”

Não sabemos se Costa Filho deixou de crêr por algum impedimento de ordem moral. Porém se tal aconteceu, cessádo esse impedimento, bem poderia, como tantos outros, voltar ao seio da Igreja, de vêz que o ato de Fé, num espirito esclarecido como o seu foi, não podia deixar de sê-lo, obra da intelligência e da vontade.

Zózimo Lima, de quem ainda se pode esperar uma saborosa página sobre o Costa Filho boêmio, romântico, anecdótico, o Costa Filho que apreciava os trocadilhos, os ditos espirituosos, as frases de duplo sentido, as quadrinhas jocosas, diz-nos que êle tinha lances e tiradas quixotescas. E conta-nos que, um dia, “surpreendeu os aracajuanos envergando a farda de major da Guarda Nacional, fazendo, a quem o interrogava, calorosa apologia daquela respeitavel milícia sem proventos de dinheiro, ao mesmo tempo que, postergando conceitos anteriores favoraveis ao socialismo da esquerda, recomendava, em folhêto, obediência aos postulados sagrados da Santa Sé. Afir-mava-se, então, que êle pleiteava o titulo de conde papalino”.

Não resta dúvida que o filho do ferreiro, sem se envergonhar da sua origem humilde, mas, ao contrário, proclamando-a com orgulho, nasceu para subir, para fazer de sua vida uma continua ascensão.

Não foi conde, nem barão, porem conquistou titulos dos quais só se fazem legitimos portadores os que pertencem, como êle pertenceu, a esta outra aristocracia-a da intelligência.

Costo Filho deixou em quase tudo o que escreveu a marca do seu vigoroso talento.

“Garcia d’Avila” — comédia histórica —, “Lei e seu conceito juridico”, o “Sentido internacional da nossa historia”, “Uma figura histórica”, são, alem de outros, trabalhos em que indiscutivelmente se afirma a sua vocação de escritor.

Era também orador de largos recursos, sendo oportuno lembrarmos a homenagem que, certa feita, lhe quizeram prestar as senhoras e senhorinhas de Propriá, homenagem que consistiria na oferta de uma corôa ao “tribuno-poeta”. Recusando-a modestamente, Costa Filho proferiu na Federação das Academias de Lêtras do Brasil brilhante discurso expondo os motivos por que não aceitava a corôa de prata e bronze que iriam colocar-lhe na

cabeça, por delegação das homenageantes”, as peregrinas mãos de Margarida Lopes de Almeida”.

Alguns de vós estareis lembrados da sua formosa oração no solar da Usina Cedro, por ocasião do centenário de Pedro de Calasans. Falou em nome da Academia, e ninguém mais autorizado para fazê-lo, porque ninguém mais familiarizado com a obra do poeta.

Anos antes, no salão do nosso Instituto Histórico, realizára uma conferência sob o título — “Pedro de Calasans”, o poeta elegante”, — em que estudou com segurança e finura o homem e o artista.

O apaixonado cantor de Ofenizia pertenceu, sem sombra de dúvida, á estirpe dos grandes poetas brasileiros que ainda em plena mocidade receberam o beijo dessa “funérea Beatriz de mão gelada”, tão cruel e tão exclusivista na sua predileção pelos artistas desgraçados.

A história de um é a história de quase todos: boêmios, românticos, idealistas, a argila de que eram feitos tinha a fragilidade do cristal.

Pedro de Calasans, Castro Alves, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Guimarães Passos, Aureliano Lessa e tantos, tantíssimos outros, preferiram viver intensamente a vida, sorvê-la de um só trago, como se acaso pressentissem que viveriam apenas “l’espace d’un matin”...

Alguns não tiveram, talvez, “o leite da ternura humana”, de que seriam mais sequiosos do que o comum dos mortais, e poderiam dizer com o grande poeta negro:

“Ai como eu sinto, compungidamente,
por entre tanto horrór indifferente,
um frio sepulcral de desampáro !...”

Teriam ardido, outros, nas chamas da paixão amorosa, e cêdo se desencantado, qual se para êles o prazer realmente fôsse, como queria o cético das “Memorias Postumas de Braz Cubas”, uma dor bastarda.

Segundo Paulo Barreto, “a nossa arte propriamente nacional começou no periodo romântico. Durante muito

tempo o escritor não passou no Brasil de um curioso anormal, desprendido das coisas terrenas, sem roupa, sem conforto, sem dinheiro, sem poiso certo, lacrimosamente dentro do seu sonho, a escrever sobre mesas de duvidoso associo os poemas inspirados por uma bela hipotética".

"A literatura era desgraçada". "A poesia era uma sinistra floresta onde o soluço vivia". "O amor era tormento, fúria, pretexto para excesso, febre má, febre intermitente, que mudava e passava e voltava seguindo a ocasião".

E' certo, porém, que esses altos e desgraçados artistas não seriam tão dignos de pena. A arte dolorosa oferecia-lhes magnificas compensações. A desgraça de terem nascido poetas seria como a desgraça de terem nascido principes. E se alguns só lagrimas derramaram, como o autor das "Primaveras", outros ás lagrimas misturaram risos e souberam ironisar os proprios sofrimentos.

Conta-se, por exemplo, que Aureliano Lessa, hidrópico, ao vêr em prantos, horas antes de morrer, a desvelada e formosa companheira, segredou-lhe esta quadrinha:

Enxuga, Anita, esse pranto
nas dôbras da tua anágua,
que o teu pobre Aureliano
morre de barriga d'água...

Guimarães Passos, tuberculoso, buscou a Ilha da Madeira na esperança de curar-se do mal que o arrastaria ao tumulo. E lá do exilio, como uma ave ferida, soltou este queixume repassado de amarga e fina ironia:

Triste, saudoso, sosinho,
Sem esperança aqui estou.
Vim á Madeira buscar
A saúde que o seu vinho

Me levou.

O nosso Pedro de Calazans foi, sem dúvida, um des-

ses altos e desgraçados artistas. Evocando-o; pois, com tanta simpatia e tanta ternura, Costa Filho prestou assinalado serviço ás lêtras nacionais e convidou-nos, a nós sergipanos, a cultuarmos uma das nossas mais legítimas glórias.

Relanceámos pela obra de Costa Filho, já que estudá-la, e muito menos julgá-la, fôra tarefa para a qual nos falecem os requisitos mínimos indispensaveis. Outros, porem, saberão estudar o jurista, o orador, o poeta, o professor, o historiador, o economista, o comediógrafo, fazendo-lhe a justiça que já muitos lhe fizeram, inclusive o eminente e saudoso Carlos Chiacchio, que mêses depois de haver procurado ridicularizar o poëma "Alice D'Avila" escreveu estas palavras reparadoras a respeito do seu ensaio — "Da Economia como Ciência Moral": "quero aplaudir sem reservas esse novo ensaio de Costa Filho. Muito bem. Como se estivesse no auditório em que foi gostosamente aplaudido."

Em Francisco Antonio de Carvalho Lima Junior, patrão da cadeira n. 11, harmonisavam-se diferentes aptidões. Exerceu a advocacia e o magistério e foi poeta, historiador, romancista, jornalista, dramaturgo e musicista.

Cheio de amor pela sua terra e pela sua gente, inestimaveis serviços prestou a Sergipe, sobretudo como estudioso da nossa história. Entusiasta do Abolicionismo e ardoroso republicano, fêz as duas campanhas com uma coragem cívica de que, aliás, deu sempre as melhores provas em muitas outras fases da sua agitada vida de politico e de jornalista. Em 1890, nada obstante não ter sido chamado a integrar a comissão que redigiu o projeto de Constituição do Estado, escreveu "Esbôço da Constituição Sergipana", trabalho recebido com gerais aplausos. Deputado á Assembleia Legislativa nos primeiros anos da República, distinguiu-se no exercicio do mandato pelo seu talento e pela sua firmeza de caráter. Foi o primeiro diretor da nossa Biblioteca e outros cargos públicos de relevo occupou com eficiência e brilho na administração estadual.

Sua bagagem literária é das mais vastas, havendo

muita justiça no que escreveu a seu respeito o desembargador Armindo Guaraná, êsse beneditino das lêtras sergipanas, que anos a fio, tenaz e pacientemente, coligiu dados e recolheu apontamentos para o seu utilíssimo "Dicionário Bio-Bibliográfico".

Entretanto, seria ao Carvalho Lima Junior estudioso da historia de Sergipe que deveramos, nesta noite, prestar especial e comovida homenagem se em breves palavras coubesse o elogio da sua obra de bravo e diligente pesquisador, que a serviço da terra berço pôs a inteligência, a cultura e o coração.

De Carvalho Lima Junior pode dizer-se que foi, a um tempo, impenitente boêmio e infatigavel trabalhador. Lutou, sofreu, triunfou algumas vêzes, mas nunca se fez grosseiramente objetivo, nunca deixou de ser na sua honrada pobreza um generoso e, talvez, ingênuo idealista.

Mas, senhores, como é doloroso lembrar que êsse homem de inteligência privilegiada e de requintada sensibilidade, ao fim de sua afanosa existência esteve internado, como o menos resignado dos indigentes, na Santa Casa de Misericordia, na capital da Republica ! Disso nos dá testemunho a veneranda viúva Armindo Guaraná, que ali o visitou, e longe de o encontrar humilde, submisso, aceitando cristãmente o infortunio, ou pelo menos aceitando-o sem rancôr, foi encontrá-lo inconformado e até agressivo, qual se devêra -- êle que fôra sempre desassombrado lutador --, aceitar o desafio de um derradeiro inimigo para uma pugna desigual !

A morte não conseguiria hipnotizá-lo, antes de desferir-lhe o golpe fatal. E êle não queria ou não podia inspirar-se na mansidão do Cristo, nem sequer imitar a orgulhosa serenida de Sócrates. Era, talvez, um homem em pânico, a buscar no seu proprio desespero uma derradeira expressão de vida. Não se recusou, porem, a receber das mãos da illustre dama, viúva de um dos seus mais diletos amigos, uma pequenina medalha da Virgem. Recebeu-a (noblesse oblige), num último gesto de respeitosa galanteria, mas sem nenhuma contrição, sem ne-

nhum lampejo de esperança nos olhos que por vêzes se perdiam em nebulosas distâncias.

Não sabe quem lhe fez dádiva tão preciosa se, posteriormente, momento houve em que êle apertasse de encontro ao peito aquela pequenina medalha da Mãe dos Pecadores, da Mãe de todos os desgraçados, dos que tudo tiveram e tudo perderam e olham com assombro as proprias mãos vazias. E Carvalho Lima Junior foi, sem dúvida, um destes. Idealista, imprevidente, desprendido, espalhou perdulariamente o ouro do seu espirito de escól e fez o mesmo, talvez, com o ouro do coração.

Como vêdes, o patrão da cadeira numero 11 não foi menos eminente que o seu último ocupante. Um e outro fizeram-se dignos da admiração dos seus contemporâneos e figuram, sem favor, na galeria dos grandes filhos mortos de Sergipe.

Quanto a mim, senhores acadêmicos, tomo a DEUS por testemunha do constrangimento com que vou ocupar essa poltrona ilustre.

Ficai certos, porem, de que nem por isso deixarei de comungar dos vossos ideais, de apaixonar-me pelas vossas causas, de combater, como o menor de todos, sob a bandeira que vitoriosamente desfraldastes pelo engrandecimento cultural de Sergipe !

A saudação do Acadêmico Carlos Costa, ao novo Acadêmico José da Silva Ribeiro Filho, na Academia Sergipana de Letras

Caríssimo Recipiendário

Batalhador incansável, o patrono da cadeira que hoje é preenchida, na vaga deixada pelo Dr. Luiz José da Costa Filho, foi um exemplo vivo de operosidade. Poeta, jornalista, panfletario, orador, advogado e político, Francisco Antonio de Carvalho Lima Junior, foi um intelectual que não se encaramujou no silêncio e na obscuridade, mas pôs seu talento e a sua capacidade, a serviço das boas causas para o engrandecimento da Pátria. Observando o conceito das Letras Sagradas de que a luz não foi feita para ser colocada debaixo do alqueire, procurou ele influir tanto quanto pôde nas cousas do seu tempo, com fins altruísticos e alevantados. Abolicionista intemera^o, emprestou também o seu talento á causa da República, idéia então em fóco. Vendo no regime republicano, uma libertação e uma solução para os mais graves e palpitantes problemas da Pátria, colocou-se a seu serviço como um apóstolo denodado. E fóra tal o seu ardor que, colaborava em quasi todos os jornais liberais e neutros de Sergipe e em alguns de Alagôas e do Rio de Janeiro. Proclamado o novo regimen, vendo corôado de êxito todo seu esforço herculeo, explodiu de entusiasmo e patriotismo. Foi ele mesmo, pessoalmente, levar em estos de eloquencia, a bôa nova aos recantos mais remotos de Sergipe e Alagôas. Nomeado diretor da nossa Biblioteca Pública, demitiu-se altivamente pouco tempo depois, por não ser contemplado, injustamente, na comissão encarregada de redigir o projeto da constituição do Estado, tal o seu desejo de colaborar, diretamente, para organização jurídica do seu torrão Natal. Fundou jornais, centros literários e cívicos; e, como se fosse pouco e para que nada faltasse ao talento polimorfo deste grande batalhador, fundou em Propriá a "Sociedade Propagadora da Instrução popular" e em Japarutuba o "Cent

tro da Lavoura e do Comércio". De modo que, graças á sua clarevisão, já em 1887, nós tínhamos numa cidade do interior, o que ainda não foi possível se obter na nossa Capital — um órgão representativo da Lavoura e pecuária. Por três vezes, tentei tal medida, sem nada conseguir em face da anquilose individualista que carcome o nosso organismo social. E assim é que, no concerto dos Estado da Federação, quando se pleiteava como se pleitea a solicitude do Governo Central para a situação precária da Lavoura e Pecuária, Sergipe não teve como não tem, um órgão representativo de defesa neste setor. Ai estamos com um gravíssimo problema á porta, qual seja o da Reforma, ou agrária ou do novo Código Rural. Problema eminentemente urgente e palpitante, mas tão grave quão dificultoso, das peiores consequências se não fôr moldado dentro nas necessidades práticas, básicas e regionais do País. Do alto da tribuna do Parlamento nacional, eu tive oportunidade de clamar alto e bom som, pela necessidade urgente e inadiável desta medida que, se não fôr vasada dentro das exigências da dignidade da pessoa humana, dos direitos inalienáveis do homem, na sua participação da propriedade privada como base da produção e da sua fixação ao meio rural, da assistência técnica, econômica e sanitária, dos meios faceis de escoamento do produto etc. se assim não fôr, então veremos agravada a ordem econômica social. Se se tomar como base principal para solução do problema, o aumento de salário, então grandes desgraças nos ameaçam. E nós podemos ficar á margem destes acontecimentos; e o intelectual, sobretudo, formando as elites que devem influir e orientar, não pode quedar-se indiferente ante a magnitude destes problemas, que são afinal os nossos problemas.

E se os homens de letras cedem o seu lugar, porque não agem como tal e não se querem encomodar, então dominam e governam, as classes que mereciam governar das, o que em ultima análise é a flagrante e autêntica subversão dos valores.

Lima Junior de referência a esse particular, foi como intelectual e patriota, um grande exemplo a ser imitado.

Encarregado pelo presidente do Estado para estudar a questão de limites com o vizinho Estado da Bahia, se houve com tal lizura, percurciência, e profundo, conhecimento do assunto que deixou provado á saciedade o nosso direito liquido e incontestado.

Impôs-se deste modo ao nosso amor e á nossa admiração como um astro luminoso que derramou luz sobre muitos problemas palpitantes, abrindo clareiras novas, para novos estudos e novas conquistas dos porvindouros.

Endosso sem restrições toda a sua inteligente e criteriosa apreciação, bem como todos os conceitos por V. emitidos de referência ao Dr. Luiz José da Costa Filho, occupante que foi da cadeira em que ora Você o substitui, meu prezado amigo. Filho, realmente, do esforço e da tenacidade, ele foi, não há contestar, uma das inteligências mais vivas e um dos mais fulgurantes talentos do seu tempo. Arrojado, ardoroso, de palavra facil, adjectivação farta e prontidão de memória, distinguuiu-se como orador dos mais apreciados de então. Lembro-me bem da primeira impressão que me causou. Era nos tempos aureos do nosso Seminário diocesano. Florescia o gosto mais acendrado pela ciência e pelas letras incentivadas por Manoel Candido e José Augusto.

A literatura chegou a se transformar numa espécie de esporte e nele se distinguiram nomes que mais tarde se tornaram quasi nacionais. São desta fase : Mário Miranda, Alberto Bragança, Domingos Fonseca, José Olinó, Antonio Regis, Emilio Vasconcelos, Antonio de Freitas : Jugurta Franco. Eram nossos familiares Candido de Figueiredo, Mario Barreto, Rui, Carneiro Ribeiro, Carmilo, Vieira, A. Herculano e tantos outros. Amavam-se as letras clássicas. Criou-se nesta eclosão a Academia Santo Tomás de Aquino de saudosa memória. Aí se realizavam sessões magnificas e tertulias inesqueciveis. Ai se revelaram talentos de escol como os já citados, qual mais espontaneo, qual mais esforçado. Foi justamente

nesta época de fé nas letras, que nós convidamos, Costa Filho para uma conferência. E por mais exigentes que fossemos, ele, pela sua eloquência, facundia, graça no dizer e felicidade na expressão, sem jamais falsear na doutrina e no conceito, a todos agradou, deixando-nos a melhor impressão. Foram assim as letras e a ciência um grande traço de união entre nós. Foram elas o conduto da nossa aproximação. Daí para cá, comecei a ver no Dr. Costa Filho o intelectual entusiasta, vivo, fino, delicado, formoso e elegante. Sua linguagem era festiva e fluente; sua crítica sempre generosa e construtora. Como tribuno, era verboso, de imagens felizes, sereno, simpático e por vezes também, arrebatado. Na cátedra era um discípulo de Tobias. Entusiasmava os seus alunos pela sua verve, pela roupagem com que revestia as personagens e as cores vivas com que tonalisava os fatos. Generoso e condescendente para com os seus discípulos, procurava sempre atraí-los, deixando-se quasi fascinar por eles. Dando um sentido novo ás suas aulas de história do Brasil, desprezava o apêgo ás datas para viver o sentido dos movimentos sociais, a sua ligação e decorrência no desenvolvimento dos fatos. Como poeta, para que não lhe faltasse como intelectual, esta faceta, se não foi dos mais primorosos pela sua originalidade e efusão, conquistou merecido conceito que tanto o recomenda, como bem focalisara o seu digno substituto. Na cátedra advocaticia era sei. favor um polemista fino, arguto e convincente. A ele muito deve o nosso Instituto Histórico e Geografico; pois, a despeito de todas as suas lutas, ainda lhe sobrava tempo para, ao lado de Caldas Parreto, Evangelino de Faro, Florentino Menezes, e o nosso infatigável Epifanio Dória, perquerir e revolver alfarrabios, para desenterrar nomes meritórios, fazendo justiça a valores incógnitos, e desconhecidos. Deixando-se empolgar pelas conquistas sociais, foi quasi, entre nós, um precursor, que, ou pelo ardor do entusiasmo ou por se tratar de causas novas, palmilhou por vezes, terrenos movediços e inseguros.

Mas, o que dele se pode dizer é que, foi sempre um apaixonado pelos grandes problemas. Daí o não se furtar ao problema religioso. E assim é que, dele tanto se preocupou que chegou a escrever "O Santo Governo", "A liberdade e a Igreja", onde se revelou o católico e o pensador preocupado com os problemas sobrenaturais. São seus e desta época, estes versos sentidos e mimo-

A IGREJA

Baluarto da Fé sagrado e eterno,
Mãe piedosa, soberana e pura,
Que derrama seu grande amor materno
Sobre o seio de toda a creatura.

Farol de salvação, cujos lampêjos
Varrem do Céu as limpidas estradas,
Alcantilando-as com luzentes beijos
Para as eleitas almas bem formadas.

Atalaia de amor e de bondade
Alevantada junta ao mar da vida,
Para salvar a fraca humanidade
Da vaga do peccado enraivecida.

Aurea columna de atraente estilo,
A' cuja sombra protetora e santa,
Vão os aflitos procurar azilo
E lenitivo á dôr, que ao mundo espanta.

Manancial de luzes peregrinas,
Fonte serena e clara de piédade,
De onde borbotam candidas, divinas,
As dôces efusões da Caridade.

Manto de benções que protege os povos
Habitados a temêr a Deus,
Sem distincção de velhos nem de nóvos,
Sem joeirar patricios nem plebeus.

As prendas celestiaes com que te arreas,
O' Igreja invencivel e gloriosa,
Seduzem como o canto das sereias,
Ao raiar d'Alvorada, em mar de rosa.

O' Estrélla da tarde, ó casto escritorio
De tradições benditas e immortaes,
Nunca o poder vandalico do exterminio
Destruirá teus templos divinais.

Quanto mais te guerreiam os descrentes
Mais em teu seio a Fé se revigora ;
O' Mãe dos bons, dos justos, dos clementes
Augusto Madre, redentóra Aurora.

Foi um crente, e aproximou-se de tal maneira do nosso 1.º Prelado Diocesano, D. José Tomás, que chegou a ser um dos seus comensais na sua mēsa frugal e acolhedora. Mais tarde ninguém sabe por que motivo, embrenhou-se nesse terreno por selva espessa, ouriçada dos cactos das dúvidas e das incertezas. E até onde foi não sabemos. Quem pode penetrar o santo-santorum das almas, a consciência dos homens, as suas lutas íntimas, a profundez dos seus sentimentos? Aí paramos e nem devemos dar mais nem um passo. De internis ne pudies. Julgar quem pode? Nós julgamos de ousados, que somos. Os atos e os fatos se acham tão revestidos de tantas nuvens de circumstancias agravantes ou atenuantes, derimentes ou culposas, que difficilmente se pode vislumbrar a verdade na pureza da sua luz meridiana. Por isto é que já sentenciava Vieira quando dizia “que o juizo dos homens é mais temeroso que o juizo de Deus, porque Deus julga o que conhece, os homens julgam o que não conhecem. Deus julga como juiz e os homens como judiciários; e entre o juiz e o judiciário há esta differença, que o juiz supõe o caso e o judiciário advinha-o”. Dai, Snrs. ser o nosso julgamento falho, imperfeito e tão precário.

Caríssimo amigo e dileto recipiendario

Lembro-me bem como se fosse de ontem. Era na quadra azul da mocidade, quando se traz a alma toda enfeitada de ideais, sentindo-se no peito a vibração de todas as harmonias; quando se tem o coração cheio de mel e todo ressonante de abelhas como dizia Humberto de Campos; quando, parece que temos diante dos olhos uma Ásia imensa de riquezas fabulosas, extensões sem fim, mas que não nos apavoram; quando sentimos sóes abrasadores e se ouvem cantilenas do Ganges e se vêm alcantis do Himajaia; foi justamente nesta fase que já vai distante e para a qual já olhamos com saudades, que certo dia, e por certo um dia maravilhoso cheio de sol, porque era a quadra da primavera, penetrei no rés do chão de um palacete á Rua Barão de Japarutuba, hõje, João Pessoa. O ambiente era meio penumbroso; a luz escassa coava-se através de rasgões á guisa de janelas; havia silêncio e sobriedade em tudo. Ao misticismo do meu espirito avultou para logo a lembrança das catacumbas em que se refugiaram, ardentes de fé, os primeiros cristãos. Livros espalhados, alguns quadros pendentés das paredes grossas, uma mësca tósca e em derredor, alguns moços que conversavam quasi em surdina. Eis o que fui encontrar ali. Penetrei com a religiosidade de quem transpõe o limiar de um templo. Ali se encontravam os primeiros crentes da Hora Literaria, que mais tarde se havia de transformar na actual Academia Sergipana de Letras. Remontando á sua verdadeira origem, foi realmente ali que ela nasceu. Pois bem, senhores, entre aqueles neófitos estava um rapaz de olhar vivo, testa larga, gestos cavalheirescos que me recebeu com lhanza d'alma e acolhida, muito afetiva. Era o filho do dono da casa, que, com faro intellectuál percebeu para logo que eu era um dos deles, se bem que ainda não fizesse parte do grupo, mas que professava a mesma crença. Eu queria pertencer áquele cenáculo em que, como o de Luciano das Iluzões Perdidas de Balzac, a amizade

e a estima faziam reinar a paz entre as idéias e as doutrinas mais opostas. O inimigo de um era o inimigo de todos; incapazes de uma cobardia ou de uma traição; podiam pôr um não formidável a toda e qualquer acusação e defender um aos outros com segurança. Igualmente nobres pelo coração, capazes de despedaçar os seus mais caros interesses para obedecerem à santa solidariedade das suas almas, e de força igual nas cousas do sentimento, podiam pensar tudo e dizer tudo, no terreno da ciência e da intelligência. Dai a inocência do seu trato, e a alegria do seu falar. Tudo que constitui o tesouro das grandes amizades, havia entre elles. Eu já o sabia, mas quis ver de perto. E queria pôr a minha ousadia e audacia a troco da sua amizade.

Foi aí e assim que nos conhecemos, eu e elle. Mais tarde, por um destino histórico, a Hora Literaria tinha que subir a Colina de Santo António, aí se emplumar e depois descer para a planície, afim de fazer a mesma caminhada da cidade. De novo, em Santo António, meu primeiro campo de ação apostolar, nos encontramos. Elle quasi em nada mudou; eu também trazia a mesma alma, apenas revestida, então, da clámide das responsabilidades do munus paroquial. A Hora Literaria florescia como uma árvore nova bem cuidada, cheia de flores, pejada de frutos, redolente de perfume. Prelios memoráveis, tertulias ruidosas, discursos, recitativos, poesias, dramas, tudo enfim que pudesse entreter a vida literaria. O Mecenas das nossas letras o Cel. José da Silva Ribeiro, o nosso patrono, lançava mão para alimentar o fogo sagrado. Era naquele ambiente que elle queria educar o filho predileto, se é que na delicadeza de seu afeto paternal, podia ter predileções. Foi nesta atmosfera que elle educou-se e cresceu, rêspirando este clima impregnado do culto da amizade, de amor ás letras e fé nas cousas do espirito. Foi aí que nos puzemos em contacto com os grandes espiritos de Jackson de Figueiredo, Hermes Fontes e Cleomenes Campos. Foi aí que nós sentimos o valor de Garcia Rosa, a cultura de José Augusto e Passos

Cabral, a espontaneidade de Alvaro Santana, de Pires Wynne e Ana Leonor; as revelações de Rubens Figueiredo e o equilíbrio intelectual de Madureira, a verve de Clodomir Silva e Cezartina Regis. Aí assistimos o ensaiar de vãos de tantos nomes, hoje, festejados no mundo das letras. Já nesta época, ele, o nosso recipiendario se impunha á nossa admiração, quando produzia versos deste quilate :

Sofrer a dois...

Para juntos chorarmos e soffermos
Juntam-se nossos corações enfermos
Quando mais sangra a intima ferida.
Mas nada eu digo, nem tu dizes nada,
Porque é sempre mais nobre a dor calada,
Que se esquivá á piedade fementida.

Florescendo por todos os caminhos,
Semeados de cardos e de espinhos,
Em nossas almas a afeição mais pura,
Sem que ninguém nos possa vêr no rosto
Qualquer sombra de mágua, de desgosto,
Vamos sorrindo á própria desventura !...

Pôr de Sol

Um longo poente sobre o mar.
Uma agonia lenta, lenta,
Da luz saudosa que se ausenta,
Da pobre luz crepuscular...

A tarde fria se acinzentá,
Mas desce a noite devagar,
Para a agonia ser mais lenta,
Para o estertôr se prolongar...
Mais estes filigranados a Gonçalves Créspeo:
Veio dágua cristalino,
Eu venho desde menino
Te escutando o soluçar...

Passam anos, veio d'água,
E não morre tua mágua,
Não te causas de chorar !

Confias ás pedras duras
As penas, as desventuras
Que não pudeste esquecer ?

E' melhor que nada digas,
Que pensem que são cantigas,
Cantes, embora, a gemer !...

Mais tarde escreve para a esposa amada a finura e delicadeza destes versos :

O coração, querida companheira,
Jubiloso me diz que o nosso amor
Será, por toda a vida, uma roseira
De fôlhas muito verdes, sempre em flôr !

Jurei, quando me olhaste a vêz primeira,
E essa jura renovo sem temôr,
Que saberia amar-te a vida inteira,
Sem sombra do mais leve dissabor.

Invejas, ambições, nunca as teremos,
Pois é de certo o enlêvo em que vivemos
Tudo que a sorte nos pudéra dar.

E serão bem maiores meus desvelos
E meus carinhos quando em teus cabelos
Forem caindo fios de luar...

A mim pessoalmente, brindou-me certa vez com esta joia literária :

Crepúsculo

Pote ao ombro, a caminho da choupana,
Na solitária encosta da colina,
Vejo-a passar — linda samaritana —,
Rompendo a custo a areia branca e fina.

Negras tranças compridas de cigana,
Olhos de córsea, face purpurina,
Na merencórea tarde sergipana
Seu vulto é um traço vivo que domina.

Vendo-a chegar, a trêmula avozinha
Recolhe os bilros, e sorri tranquila,
Enquanto as mãos morenas lhe acarinha.

Eis que anoitece... e as duas, abraçadas,
Curvam-se ouvindo (fica perto a vila),
Da Ave-Maria as lentas badaladas...

Santo Antônio era neste tempo o ágora das letras
nesta Barbosopolis :

Bons tempos que lá se foram e que hoje envoltos nas
doces e esfumadas nuvens das reminiscencias, só po-
demos olhar com os olhos das saudades. Separamo-nos.
Eu segui no cumprimento de uma ordem árdua do meu Bis-
po, rumo do sertão e ele mais tarde seguiu rumo ao sul.
E partiu ralado de saudades, extravasando nestes versos
a sua dor :

Partindo...

Teus céus de opala me acompanharão,
E serás á distancia mais querida !...
Mas preciso é vencer a comoção
Com que te deixo, terra estremecida !

Para além (não fraquejes, coração !),
O que existe, talvez, é a mesma lida ;
Contudo, iremos, como tantos vão,
Calando máguas, bendizendo a vida.

Vós, que ficais, sonâmbulos coqueiros,
Fatigados e tristes marinheiros,
Que mensagem quereis que eu leve ao mar ?

A partida, afinal... Sinto-me forte !
Porém um lenço... (Ó Deus! Antes a morte!),
Fica accnando... e ponho-me a chorar !...

Lá na Capital da Republica retemperou o seu espirito e completou os seus estudos; lá se pôs em contacto com os vultos proeminentes e os cérebros iluminados de Tristão de Ataíde, Hamilton Nogueira e Sobral Pinto. Depois, dedicando-se aos afanosos misteres do campo, jamais perdeu o seu contacto com as letras e o mundo do espirito. E de volta, ainda cantando assim se expressa :

Aracaju

Ansioso vinha... E ao longe te descobres,
Humilde e pequenina ao meu olhar !
Ó paisagens nostálgicas, ó pobres
Paisagens volto para vos amar !...

A aurea luz matinal de que te cobres,
Enquanto cismas contemplando o mar,
Dá-te ás alvas areias, como aos nobres
Coqueiros um prestigio singular !...

Bóias em luz... E' tudo quanto vejo !
Si és má não sei... Desfaz-se-me o desejo
De maldizer-te pelo clima hostile !

Vejo apenas, por onde o olhar se estenda,
Esta orgulhosa, mas fiel legenda:
A cidade mais clara do Brasil !...

Descrevemos cada um a sua parabola e de novo aqui nos encontramos. O mesmo ideal ainda nos inflama o

peito e nele arde o mesmo afeto que nos une. E guindados a estas culminancias, aqui nos encontramos; ele para ser coroado com os louros acadêmicos pelos seus méritos incontestes e eu encarregado pelos meus nobres pares de apresentar-lhe as boas vindas, sem outras credenciais que não sejam a mesma devoção letras ás letras e a mesma identidade de afeto que nos irmana. — Dia de recordações profundas este, meu amigo, em que, para explicá-lo tivemos que atravessar este oceano de reminiscências. — Conhecendo como o conheço na sua afetuosidade e no seu romantismo impenitente, eu bem posso avaliar o que neste instante vai pela sua alma bôa. — Como eu desejaria que o seu venerando pai assistisse neste instante á distincção merecida que acaba de lhe ser conferida; como eu desejaria possuir o dom dos milagres para trazê-lo aqui, para abraçá-lo nesta hora e vê-lo alcandorado ás culminancias que ele tanto aspirava para Você, ele que tanto soube prezar ás glórias literárias e as distincções que cabem aos que vivem do pensamento. — Foi muito de propósito que eu não quis respigar no campo das suas produções literárias, mais elementos para, á esta altura, documentar como justificativa o acerto da sua escolha. Porque, afinal, o que está se dando a seu respeito e o que a Academia acaba de fazer, é pagar-lhe uma dupla dívida que tinha para consigo. Entre, pois, meu amigo, nesta casa que é duplamente sua. Entre com os sentimentos de quem revê o ninho amado. Nós já o esperavamos para dizer-lhe: Bendito o filho que volta à casa paterna.

Rui, o Jornalista

Luiz Pereira de Melo

Rui Barbosa herdou de seu pai, João Barbosa, o sentido vocacional do jornalismo. Em Setembro de 1848, João Barbosa surgia, no tablado da imprensa, dirigindo "O Século", fundado por seu cunhado de nome Luiz Antonio Barbosa de Oliveira.

Rui desde os dias de Faculdade, na paulicéa que manifestava seus entusiasmos pela imprensa. O meio universitário que tanto desenvolveu sua cultura, também o fez no que tange à formação moral. Depois, no jornal "A Imprensa" do Rio de Janeiro, realizou o seu apostolado jornalístico.

Era o destino que fazia do filho, aquilo que também fôra o pai — jornalista. Rui, como seu genitor, nutria no jornalismo, o mesmo sentimento de viva admiração pela democracia norte-americana. O jornalismo incontestavelmente é uma excelente escola para o cultivo das letras. É uma fonte de cultura como muitas outras. Desde os tempos de Cairo Crispo Salustio, na velha Roma que se fazia o jornalismo como difusão cultural.

Os jornais que Rui dirigiu são fatores de educação como elementos de cultura. Compreendeu que o jornalismo pátrio jamais poderia prescindir de princípio e de método. E foi o paladino da liberdade da imprensa, sem-

pre a nortear-se por um decòro de linguagem, numa perfeita idoneidade moral e intelectual. Positivamente se fez mais pelo jornal do que pelo livro, a educação de um povo. A influência da imprensa é bem sensível em todas as camadas sociais. Como rabiscador da imprensa, proclamamos essa valiosa influência. O seu fator intelectual encerra uma cooperação sincera para a humanidade. Da pena de Rui brotaram diamantes — expressões doutrinárias de seu acendrado talento e vocação.

Honrando pelo talento e pelo caráter a classe à que serviu com dedicação, fez do jornalismo um sacerdócio. Chefiando grandes cruzadas no jornalismo nacional Rui sempre foi uma bandeira.

Fixando-se com absoluta precisão o retrato moral da época em que Rui exerceu o jornalismo, não seria difícil acentuar o imp^orio de egoísmo que então predominava nos homens.

A realidade era mais de pedir do que de dar. Os indivíduos só renunciavam suas idéias, em prol de proveito pessoal.

Rui, porém, assim não pensava.

A imprensa tinha que ser, o que efetivamente ele fez : uma emanção, um pórtico da vida nacional.

Como fonte da opinião público, exteriorizava, diariamente pelas colunas de seu jornal, tudo quanto pensava seu espírito. O dinamismo de seu cérebro privilegiado, dá-nos a impressão de um organismo coletivo, quando elaborou para a opinião pública a reação do bom senso.

Mota Assunção declarou e não destituído de razão que “— numa sociedade cuja evolução se processa normalmente, numa sociedade que se norteia em rumo firme para o futuro, numa sociedade que quer progredir e trabalha energicamente para isto, a imprensa constitui uma força moral orientando seguramente os povos no caminho do bem, da justiça, do desenvolvimento coletivo”.

Apesar da complexidade de suas atividades funcionais, o jornalismo sempre atraiu o espírito de Rui Barbosa.

Consideravel é a sua obra jornalística.

Procede, particularmente de 1872, no início promissor de sua colaboração no “Diário da Bahia”, onde galgou o posto de Redator-Chefe.

No tradicional matutino bahiano desfraldou a bandeira pró-abolição em que transportou, posteriormente para o “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro, como veremos depois.

Como jornalista político, foi um espírito votado unicamente às suas convicções. O seu ideal era uma chama que não sabia cortejar os dominadores. Consagrado permanentemente ao interesse público, acima dos homens e partidos, Rui Barbosa só respeitava o imperativo de sua consciência. Formava legiões de admiradores no prestígio de seus sentimentos. Não se veja na obra de Rui Barbosa como jornalista político, uma influência demolidora ou coisa semelhante.

Jornalista e político, não foi, porém, um caçador profissional.

Interessava-lhe mais o lado doutrinário. Os seus artigos tiveram o candão de acordar a consciência da Pátria, nas cruzadas em que se empenhou.

No jornalismo construiu a escola da opinião pública. Rui Barbosa foi um jornalista que nunca emudeceu. Foi um apóstolo que tinha real vocação para o seu mister. Não transigia com os seus ideais. Jamais usou as armas da calúnia ou da injúria, como certos jornalistas de hoje. Sua resistencia era produto de suas íntimas convicções.

Exerceu com nobreza de sentimentos e austeridade sua missão.

Fez do jornal “A Imprensa” o seu evangelho.

Ei-lo afirmando : — “ensinei com a doutrina e exemplo, mas ainda mais com o exemplo do que com a doutrina, o culto e a prática da legalidade, as normas e o uso da resistencia constitucional, o desprezo e o horror da opressão

o valor e a eficiência da justiça, o amor e o exercício da liberdade”.

Foi jornalista acima de tudo.

Frizava em reiteradas oportunidades o seu orgulho em ser jornalista.

Em seu discurso de posse no Instituto dos Advogados Brasileiros, disse Rui :

“Duas profissões tenho amado sobre todas : a imprensa e advocacia. Numa e noutra me votei sempre à liberdade e ao direito. Nem uma nem outra conheci jamais interesses ou fiz distinção de amigos a inimigos toda vez que tratava de servir ao direito e a liberdade”.

O APÓSTOLO DA VERDADE

O seu culto á Lei, não era maior do que o da Verdade. Seu apostolado jornalístico residia na verdade suprema dos fatos. Mantinha-se muito acima de quaisquer circumstancias ou paixões. Servindo a verdade, transmitindo-a e propagando-a, alcançou Rui plenamente as culminancias do jornalismo. A verdade deve ser um bem diffusivo que o cristão jamais pode renunciar.

Deve participar dela sem reservas, num sentimento comunicativo.

Um jornal, é, de certo modo, um alimento para o espirito do homem.

Não pode, por isto mesmo, se apartar da verdade que edifica, constroi e eleva. O apostolado do jornalista deve ser, pois, uma perene incorporação à verdade. Em todos os jornais que dirigiu, Rui exerceu um autêntico apostolado cristão no reinado da imprensa, como um dos tesouros do seu patrimônio moral. Abandonando qualquer interesse para ficar com a verdade de seu Programa. Rui era rebelde e consigo mesmo, como jamais falteava a realidade dos fatos.

Dizia, como o Apóstolo : — “fale cada um a verdade a seu próximo”.

Constituiu uma página riquíssima de princípios moralísticos a que escreveu Rui, em torno da missão da imprensa nos países democráticos.

Um breviário de civismo, que hoje já ultrapassa nossas fronteiras, atingindo outros povos civilizados. E' que as virtudes cívicas de Rui Barbosa, residiam em suas virtudes morais. Com tão sólido alicerce, o edificio só poderia ter, na verdade, a grandeza que ostentava.

Na prática da verdade — esta admiravel luz do espirito — e disseminando o bem, fez da imprensa que dirigiu, um tabernáculo sagrado para suas íntimas convicções. Prezando tão valioso patrimônio da civilisação, nunca tergiversou.

Foi no decurso de 1921 que Rui Barbosa escreveu o notavel trabalho — “A Imprensa e o Dever da Verdade”, pagina que surpreende pelos encantos que o mesmo se reveste. Possuindo a autoridade moral necessaria para os misteres da vida, o venerando brasileiro, tinha por isso mesmo, o poder para profligar contra a imprensa venal e corrutóra. Assim procedendo com equilibrio de espirito, poderá dizer com convicção: — “a imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe mal fazem, devassa o que lhe sonegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam. Mede o que lhe cerceiam, ou destroem nela pelo que lhe interessa e se acautela do que a ameaça”.

O pensamento de Rui, sempre que defrontava com os encargos da imprensa, expressava o admiravel binomio: verdade e liberdade.

Diz-nos Pio XII, o artífice da imprensa católica que: — “a imprensa deve ser inquebrantavelmente leal à Verdade, pois do contrário, sua tremenda influencia poderia causar grandes estragos”.

O conceito de verdade sustentado por Rui, era de tal sorte que desprezaria os amigos, para ficar com os adversários se com estes estivessem a razão que não se escurece. Mostremos a todos os que habitam na imprensa o seu exemplo de servo submisso à verdade, numa fidelidade pouco vulgar nos dias que passam. E' que Rui tinha o imperativo da vocação do verdadeiro jornalista.

ta que não se curva ante poderosos e dominadores, quando esses prometem compensações tentadoras como exigem a obliteração dos fatos.

E no serviço dessa verdade, Rui formou uma escola jornalística : a do civismo. Foi um doutrinador imbuido das melhores intenções. É bem possível que também errasse. Mas se o fez, foi, porém, com os mais exemplares propósitos de servir à Pátria. As emoções que sempre transformam o homem e a paixão levando-o muitas vezes à violência, tinha em Rui Barbosa um poder de equilíbrio absoluto. Sabia perdoar o próximo, certo de que também assim teria o perdão de Deus para os seus erros. Sua vida sempre esteve em harmonia com o pensamento. Daí, nunca se divorciar da verdade.

Rui que foi um padrão de pureza na imprensa brasileira, não acobertava em seus jornais gente desonesta ou muito peor com intentos criminosos.

Combatia as idéias e nunca os homens. O jornalismo flibusteiro e malfeitor envenenando o pensamento humano deveriam ser vergastados pelo público.

Detentor de uma inteligência excepcional, sedimentando uma soma de conhecimentos invulgares, Rui, foi, realmente um jornalista perfeito. O verbo ruista que espargia dos seus escritos sempre em defesa da dignidade humana, comprovava o seu amor ao próximo. Poucos foram, na verdade os que compreenderam Rui Barbosa, naquela época em que o Brasil, como hoje, vive num oceano de incompreensões pelos homens e dos seus problemas. Na Direção transitória, do "O PAIZ", teve em sejo de ressaltar sua absoluta independência.

Poucos dias apos ter assumido aquele jornal, dali se retirava em definitivo, fato que ensejou uma diversidade de comentários. Percebendo o exato sentido de sua retirada, Rui escreveu ao colega da redação, Joaquim Serra, agradecendo, porém, recusando, sua solidariedade. nestes termos : " Deixei a folha, como disse e recisste ao Comendador Reis, por sentir que não se me dava ali autonomia precisa para que eu me achasse bem". E não lhe seria

possível fazer de outro modo. Praticando a virtude, Rui só poderia amar a verdade.

Sabemos que as virtudes de sua vida privada, tinham, necessariamente que influir na atividade jornalística.

Rui e a Liberdade

A existência gloriosa de Rui, dá-nos uma impressão perfeita do seu devotamento a liberdade. Pretendendo a liberdade acima de tudo, sem embargo de regime ou norma política, só a liberdade principalmente — “na supremacia da Lei sem limite democrático”. Dai, o espírito das “revoltas purificadoras” que palpitava no coração flamejante daquela alma entusiasta.

O arquiteto da liberdade, mesmo com sacrifícios, foi de uma rar fidelidade à dignidade da pessoa humana. Rui fazia da liberdade que êle tanto pregou, a escola da inteligência. O seu amor a liberdade foi tão grande, que só a morte poderia vencê-lo. Positivamente não conhecemos outro jornalista, que embora sendo político militante, revelasse o mesmo devotamento pelas liberdades públicas, inculcando suas idéias, mesmo contra os seus correligionários. O traço característico de sua vida como baluarte da imprensa, era de não se intimidar com os arreganhos e ameaças, quando estava em cena a liberdade humana, que o direito lhe facultava.

“E jornalista é que eu nasci, disse Rui, jornalista é que eu sou, de jornalista é que não me hão de demitir, enquanto houver imprensa, a imprensa fôr livre, e este resto de liberdade nos indicar que a Pátria respira”. —

Rui e o Império

Rui admirava os atributos morais e intelectuais do Imperador Pedro II. Combatia, porém, pela imprensa, com rara veemencia sua política econômica.

Pedro II era, disse Rui, um — “coração aberto a excelentes sentimentos, um espírito acessível às idéias mais progressistas”.

Em 1869 Rui inflamou-se ardorosamente contra o Império diante do regresso de nossas forças dos campos do Paraguai, por São Paulo. Posteriormente, em 1872 no “Diário da Bahia”, Rui ergueu naquele jornal uma tribuna cívica contra o regime que um dia seria esmagado pela vontade do nosso povo. Como jornalista Rui tinha : talento, coragem e caráter. Afastado do congresso, consagrou-se, inteiramente a missão da imprensa, na Monarquia, como na República, num perene esclarecimento à opinião pública. Os seus artigos publicados no “Diário de Notícias” até Maio de 1889, estão reunidos em sua obra “A Queda do Império”.

No “Diário de Notícias”

Percebendo que o jornalista sem jornal, é como uma ave sem ninho, Rui não compreendia o seu ardente civismo pela liberdade, sem um veículo que o propagasse. Arrancaram-lhe a tribuna parlamentar num fomento de ódios e paixões. A imprensa, seria, porém, a - “janela de sua alma, a conversar todas as manhãs, para a rua, com os seus compatriotas”. O seu feitiço moral não se coadunava com uma iniciativa de escrever apenas editoriais para o “Jornal do Comércio” durante a gestão de Dantas à frente do Gabinete Ministerial, usando os pseudônimos de : Grey, Lincoln, Salisbury e Swait.

Muito menos lhe satisfazia ser um mero colaborador da “Gazeta da Tarde” e de outros jornais do Rio de Janeiro, os quais disputavam a primazia de seus preciosos artigos. Sem a tribuna do parlamento, Rui perceber que o “Diário de Notícias”, seria sua tribuna pública. Diria diariamente ao povo tudo quanto pensava. Detendo o jornal — “a arma que ainda lhe faltava para um combate mais amplo, Rui ia realizar um dos seus ideais”. Inflamado na vida do jornalismo, Rui era incontestável nas campanhas : A Reforma, A Liberdade dos Escravos.

Sistema Direto do Voto, Federalismo e República, foram acontecimentos desfraldados pela bandeira que Rui encarnava com suas idéias.

Rui, — Centro da Abolição

Na campanha do abolicionismo, o excelso brasileiro, foi um lutador tenaz. Reuniu todas suas energias e reservas cívicas, lançando-as nesta santa cruzada.

Projeto-se, muito além do que se esperava. Excedeu a expectativa nacional.

Pregando pela imprensa o trabalho livre, não se cansava de dizer : — “a escravidão é o opróbio da America. Nessa patria sente o rubor desse opróbio, e não quer merecê-lo. A escravidão é uma brutalidade que está fora de todas as Constituições e de todas as Leis”. Rui, foi o centro vital da abolição. Na imprensa, batalhando pela abolição, numa constante e perene advertência à Monarquia, Rui pregava : — “Primeiro a abolição, nada sem a abolição, tudo pela abolição”.

Desprezando as posições, para ser fiel às suas idéias, Rui preferia ser jornalista, antes de tudo. No “Diário de Noticias” construiu pouco a pouco o regime republicano que um dia seria realidade. Seu artigo — “Plano Contra a Pátria”, estampado no dia 9 de Novembro foi o estopim. Pregando a verdade, clamando contra os erros da Monarquia, Rui tambem foi o jornalista da República. No discurso que proferiu no banquete em que lhe ofereceu o “Jornal do Comércio” em 30 de Novembro de 1895, Rui profetizou : — “o órgão essencial da opinião pública é a imprensa”, numa afirmativa exuberante de que seria sempre jornalista, como alias não se cansava de repetir.

Sua luta homérica contra Floriano, proporcionou-lhe o exilio no estrangeiro por sua obstinada attitude na imprensa. Rui sabia — “regeitar as doutrinas do arbitrio abominar as ditaduras de todo genero, militares ou científicas, coroadas ou populares, detestar os estados de si-

tio, as supressões de garantias, as razões de Estado, as leis de salvação pública”. Combateu, como ninguém, a suspensão violenta de jornais, em artigos candentes, embora sofrendo o constringimento em sua dignidade de homem. Com suas convicções, Rui fazia do seu verbo toda a superioridade de suas intenções.

O jornal “A IMPRENSA”, situado à Rua do Ouvidor n.º, 117, era a trincheira inexpugnável das liberdades públicas. Surgiu em Outubro de 1898 e cessou sua atividade em Março de 1901. Na direção da “A Imprensa”, como nos inúmeros jornais que dirigiu, jamais se contagiou do mercantilismo tão comum nos dias hodiernos. Animava-lhe o princípio da doutrina de seu programa.

Na direção da “A Imprensa”, combateu os erros de Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca, etc.

Se na tribuna, Rui era advogado dos oprimidos, na imprensa era um tigre a defender os humilhados. Ei-lo exclamando: — “no meio dessas lutas, meu norte foi sempre a Justiça. Nunca vi oprimidos os meus adversários, que me não inclinasse para eles”. Na verdade, na monarquia, como na república, o grande brasileiro mantinha bem acêsa a chama de um ideal sacrosanto: — “ao lado da lei e pela lei, com os meus adversários, contra os meus amigos”.

Rui foi um líder na imprensa brasileira. Imortalizado no reconhecimento da posteridade, continua a iluminar a consciência dos homens de nossa terra, chamando-os à compreensão nítida de seus deveres e responsabilidades.

E Barthou tinha razão: — “Para a Pátria éle e uma glória, para a humanidade uma consciência”.

(*) Trecho da conferencia pronunciada pelo autor no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no decurso da “Semana de Rui”, no transcurso do Centenário de seu nascimento, em Novembro de 1949).

Uma Cidade Bi-milenar

(José Augusto da Rocha Lima)

Paris faz dois mil anos...

Surgiu à margem do Sena e deram-lhe o nome de **Lutécia**. Fosse **lutum** a origem desse nome, seria **Lutécia** uma povoação lamacenta, lodosa, **lutulenta**. . . Quem diria que étimo tão humilde e depreciativo (se verdadeiro) iria ser desmentido por um destino inuenso, por uma missão como que providencial, que, a par de Roma, lhe justificaria o apelido de **cidade eterna** ?

Várias vicissitudes assinalam a existência gloriosa de Paris. Atila parou diante de suas defesas e ante o ânimo de seus habitantes, esforçados pelo exemplo e pela prece de Santa Genoveva. As invasões bárbaras não a destroem. Ao contrário, dão-lhe mais relêvo, porque, em volta dela, reis e senhores organizam um centro de vida civilizada, e, após as dinastias merovingia e carolingia, quando Rudes, conde de Paris, seu defensor e vencedor dos normandos, é proclamado rei, abre-se para Lutécia dos Parisios uma nova era. Paris vai, pela política hábil de seus reis, criar a França e organizar, ao lado do império germânico, o reino, aquela força que tanto concorreu para o engrandecimento da Europa, o brilho da civilização ocidental e o prestígio do nome cristão.

Desde aquêlc tempo, na verdade, Paris exerce uma atração e um encanto sôbre todo o mundo. Desde o al-

vorecer da idade média, Paris arrasta multidões, que vêm no dizer de Hanotaux, fazer às margens do Sena sua peregrinação de humanidade. A sua universidade, fundada em 1150, trouxe até lá estudantes de toda a Europa. Basta assinalar que lá ensinou Alberto Magno e lá aprendeu Tomás de Aquino. Também em Paris a arte ia atingindo a perfeição. De toda parte acorria gente pressurosa a ver como se trabalhava em Paris: era o **opus francigenum**, esta perfeição da mão de obra que Paris levou à Europa, na vidraçaria-pintura, na arma açacalada, na miniatura mímica...

E esta tradição perdura, porque Paris continua a produzir a perfeição no vestuário, nas artes, na manufatura... e tinha razão Renan, quando respondia a alguém que lhe perguntava: — “Que é o que Paris está fazendo?” — “**Mais il fait du fin...**” Paris faz e continua fazendo o que é fino e perfeito.

Foi lá que surgiu a arte francesa, aquela arquitetura imprópriamente chamada gótica. A catedral de Notre-Dame é um marco desta originalidade, deste arrôjo do espirito, é um marco desta originalidade, deste arrôjo do espirito humano que, na sua sublimidade, é uma verdadeira expressão sensível do infinito, para nos utilizarmos de palavras do filósofo de Königsberg.

E ninguém melhor do que Kant pode dar-nos uma imagem viva do ascendente de Paris sobre o resto do mundo culto, pois o grande mestre do idealismo contemporâneo esperava com sofreguidão o correio de Paris semanalmente, como quem esperava uma mensagem de luz e de sabedoria.

Tal é a missão da cidade imortal: farolizar, lesofizar, guiar, nortear, civilizar, brilhar em a noite da ignorância, na treva do despotismo, no negror das idéias fanáticas.

Porque Paris valentemente sempre reagiu... reagiu contra Atila que se vangloriava de esterilizar a terra à sua passagem; reagiu contra a ambição inglesa na

guerra dos cem anos; reagiu, mandando soldados da cruz contra os desmandos do crescente; reagiu contra as pretensões temporais do papado pela independência da corôa; reagiu contra os senhores feudais, dando mão forte ao rei; reagiu contra a prepotência e a incapacidade de seus últimos reis pela gloriosa revolução de 1789; reagiu contra alemães e nazistas que buscavam acalcanhá-la, a despeito do servilismo degradante de Vichy.

Paris jamais se dobrou ao arbitrio, jamais aplaudiu a tirania; e, se parece haver uma exceção na aventura napoleônica, não nos esqueçamos da advertência do sábio historiador Jacques Bainville: "O Império foi a revolução que se fez monarquia para se salvar". Aquilo foi como uma longa ditadura, imposta não por um *sic volo* do déspota, mas pelas necessidades da salvação pública.

Nas suas reações, é certo, Paris excedeu-se por vezes, mas não é razoável censurar delírios a quem está queimando de febre, ser duro e inclemente contra aqueles que, pelo ideal, pela pátria e pela humanidade, perdem o equilíbrio, e o *juste milieu*. Quase que de Paris se poderia dizer o que de Madalena disse Jesus: "Muitos peccados lhe são perdoados, porque muito amou..."

Não se vá pensar, como o fazem muitos turistas apressados que julgam um povo inteiro pelas *boites* e casinos que frequentam... não se vá pensar que Paris é uma cidade sensual, afrodisiaca, pecaminosa, carnal, qualquer transumpto moderno de Sodoma e Gomorra. Impressão assim leviana poderia atingir toda a cidade cosmopolita: Rio ou Londres, Nova-York ou Roma, Buenos-Aires ou Berlim. Pois há virtudes e grandes virtudes em Paris. Paris não se gaba de perfeições místicas, nem exhibe feira de santidade. Mas há virtudes e grandes virtudes em Paris. No mesmo campo o boi pasce a erva e a cegonha procura a lagarta... *in eodem prato bos herbam quaerit, ciconia lacertam*... disse um autor latino. Os viciados encontram vícios em toda a parte, transformam até santuários em prostíbulos.

Quanta virtude e quanto sacrificio há em Paris. A vida intelectual da grande cidade não existiria sem virtude, porque só a virtude faz o homem debruçar-se sobre os livros, meditar na ciência, fechar-se no gabinete para ler e estudar, cerrar ouvidos ao tumulto das vias ruidosas, correr pressuroso à universidade sob a chuva ou a neve. E estas virtudes da alma contemplativa no estudo e na meditação, Paris as conhece há dois mil anos. Os gozadores e os **blasés** não têm o direito de definir Paris e muito menos de infamá-la. Os que desertam do lar, os que renegam a lei moral e o amor puro, os D. Juans apodrecidos pelas torpezas secretas, os tristes porcos do rebanho de Epicuro, manifestos ou disfarçados, êsses não têm o direito de macular Paris nem sua honra bi-milenar.

... Eis porque todos viajam espiritualmente para Paris e muitos aí vivem. Suas ruas, avenidas, praças, jardins, rio, ruidos, aspectos, obeliscos, monumentos, escolas, templos, tudo isso está presente à nossa imaginação. Praça da Estrela... **Bois de Boulogne**... Campos Elísios... todos desejariam lá ir e gozar de seus encantamentos e fascínios. Todos quiseram ver-lhe os arredores, percorrer Versalhes e reviver na mente a grandeza de Luiz XIV. Todos folgariam de privar com os grandes espíritos da cidade-luz, herdeiros da glória de Verlaine, Anatole, Zola, Loti... sentir-lhe os novos ansíes intelectuais e literários, medir a extensão de seu existencialismo, a sobrevivência de seu **surréalisme**, as novas escolas surpreendentes: sensorialista, baluchista, letrista, dolorista, psiquista... Nenhuma cidade do mundo interessa mais ao intelectual do que esta Paris bi-milenar. O livro é um dos seus melhores comércios. **Mens agitat molem**. Por toda a parte **bouquinistes**... Nem durante a ocupação nazista cessou essa febril atividade intelectual. A Academia Francesa, então, reunia-se semanalmente.

Se todos os povos amam Paris, nenhum mais a ama do que o Brasil. Desde que nos desprendemos de Lisboa, Paris foi o sol que vivificou nossa formação espiritual. Todos os movimentos de Paris repercutiram entre nós na política, no direito, nas letras, nas artes. E, se, depois do Decálogo e do Evangelho, nada houve mais dignificador do homem do que a **Declaração dos Direitos**, que Paris deu ao mundo, nós, amigos das letras jurídicas e devotos da liberdade, da igualdade e da fraternidade, muito temos que aprender, ainda e sempre, junto às fontes espirituais da cidade bi-milenar.

Discurso de saudação ao prof. Michel Simon, eminente intelectual francês proferido pelo prof. José Augusto da Rocha Lima, no salão da Biblioteca Pública, aos 12 de março de 1948, em sessão solene da Sociedade de Cultura Franco-Brasileira.

Monsieur le professeur Michel Simon :

C'est à moi l'honneur de vous saluer dans cette nuit où Sergipe vous reçoit et espère entendre votre parole dans la conférence sur le mage du symbolisme, votre poète Paul Verlaine.

Où l'on pose son coeur, on a l'espoir de réussir.

C'est donc sur cette espérance que je vous parle, car France a toujours été pour nous dès notre jeunesse un mot charmant, un délice de visions intérieures, un symbole d'idéal le plus ravissant et d'humanisme le plus humain, s'il m'est permis de le dire comme cela.

On nous a souvent chuchoté que les amitiés des nations ne méritent pas de foi ni n'offrent bien de la sûreté.

Nous savons assez que l'âge d'or, si bien décrit par Ovide, où l'on ne cultivait que la fidélité et le droit, est irrémédiablement perdu. Nous n'en ferons pas de grands hélas. L'homme est donc déchu. Mais il lui reste le coeur, ce coeur indomptable, capable encore de sacrifices, capable aussi de fautes, mais de fautes plus pardonnables que les autres, puisque même Jesus — le suprême législateur du coeur humain — quand il se rapporte à la Madeleine, ne se refuse pas à avouer qu'il lui remet bien des péchés parce qu'elle a aimé beaucoup : **quia multum dilexit**...

Nous aimons la France. C'est pour nous une marque de grandeur et je dirais presque de prédestination.

Dans cet âge harride de fer, dans ce tumulte de forces bestiales qui se déchainent sur le monde, dans ce climat de despotisme, d'ambition, de mensonge voilé, dans ce chaos perfide, la France n'est pas le Moloch ni le Léviathan qu'il nous fait redouter.

Mais ce ne sont pas les arguments du présent qui prévaudront dans notre cœur.

Notre passé est tout une évocation de l'attrait mutuel du Brésil et de la France.

Le roi des fleurs de lis s'est fiché du supposé droit qui a fait les rois d'Espagne et du Portugal signer le traité de Tordesillas; et vos ancêtres, Monsieur Michel Simon, se tournent vers le Nouveau Monde. Tandis que Jacques Cartier reconnaît le Canada, les amis de Coligny tâchent de chercher au Brésil un asyle pour leurs croyances en danger et pour la liberté de leur conscience.

Le pays des perroquets bigarrés, du bois rouge, des grands fleuves et des forêts profondes attire le cœur des Français.

Et la baie de Guanabara, cette merveille des yeux, ce cadeau de l'art divin, cet ensorcellement quotidien et continu, elle a été vue et saluée de loin de nos aïeux...

C'est Villegaignon, d'un oeil aquilin, qui vint droit et laisse tomber au fond de cette baie l'ancre de l'occupation de cette contrée américaine.

On sait qu'il s'ensuit des combats, de la guerre...

C'était l'approche de la terre, l'image d'une vie nouvelle, le charme de la liberté, qui faisait dire aux voyageurs et flibustiers qu'il n'y avait point de péché outre la ligne équinoxiale.

Cette vision du Brésil, cette séduction des tropiques américains n'a jamais laissé le cœur de la France. Chassés de Rio, vos ancêtres s'installèrent à Cap Froid, près de la baie si aimée. Le gouvernement colonial portugais les poursuit encore et c'est alors que nous les voyons s'éta-

blir ici, au Sergipe, dans l'embouchure de ces rivières, bordées aujourd'hui de palmiers, ou ils ont assuré un bon commerce avec les indigènes habitants de la contrée. Ici encore le sort les persécute et ils sont obligés d'aller plus au nord et à Maranhão ils essayent le dernier effort : c'est pitié pour eux de laisser un pays si beau, qu'ils aiment beaucoup. Il me semble que c'était déjà une question d'amour, comme si deux amoureux se battaient d'une façon tant soit peu primitive pour la femme de leurs préférences. Le drame a son début et sa fin.

Les Français s'en vont, mais pas pour loin. Ils se fixent en Guyane, sentant le parfum de nos bois, de notre Amazone, avec (ça me semble) un sentiment qu'ils ont appris des portugais et qui s'appelle **saudade**, le souvenir de notre race.

Il a dit Dante que c'est l'amour qui meut les étoiles. Dès que nous avons conquis notre indépendance, en nous écartant de la métropole portugaise et créant un grand empire pacifique, les regards de la nouvelle patrie cherchent la France.

Tous les événements profondément spirituels de votre pays rétentissent dans le nôtre. Votre romantisme enfante notre romantisme; votre réalisme nourrit notre réalisme; votre Parnasse inspire notre Parnasse; le symbolisme de votre Verlaine fait le symbolisme de Cruz e Sousa, le géant nègre de notre poésie.

Un de nos bardes modernistes, parlant d'une des manifestations éloquentes de la civilisation brésilienne, s'est écrié : "... **galicismo a berrar nos desertos da América**". J'avoue que l'image m'a d'abord choqué.

Mais, en bien la méditant, je suis parvenu à cette conclusion ; vraiment tout ça rapelle un gallicisme mugissant dans les déserts de l'Amérique...

France, France..., vocation du Brésil, tu n'as pas de pétrole, ni de charbon, ni de cuivre, ni de caoutchouc, ni de coton; tes richesses ne sont pas celles que les voleurs peuvent emporter, ni que le temps peut gâter et détruire.

Tu régneras sur les coeurs et sur les esprits. Nous connaissons tes chagrins et nous n'en toucherons pas un mot dans le moment où l'ambassadeur de ta culture vient parmi nous. Et maintenant, qu'il parle, qu'il répande tout le charme de la muse enchantée.

Monsieur Michel Simon, nous vous avons presque oublié, éperdus d'amour pour la France.

Il faudrait dire tout ce que vous êtes : le professeur, le conférencier, l'homme de lettres, l'envoyé de la culture de votre pays.

Nous vous saluons cordialement et avec vous cette culture que vous représentez, laquelle n'est plus aujourd'hui seulement française dans le sens géographique.

Sans oublier l'ancienne souche, elle a fait le tour du monde.

La glorieuse Belgique, que nous admirons toujours pour son héroïsme et son brio; la Suisse laborieuse et intrépide, toujours libre au milieu des sommets de ses montagnes; le Canada fort et immense, métempsychose de la France à travers les espaces; ces pays de culture française, nous les saluons aussi en vous. Et quand vous retournerez un jour chez les Français, dites du besoin de fortifier ces liens historiques, de ne pas négliger ce patrimoine spirituel qu'ils possèdent dans le coeur de tous les brésiliens. Cela n'est pas une besogne exclusivement française. Il y va de la préservation de notre âme nationale aussi, de la même latinité, qui sera peut-être, malgré tout, la solution du problème affligeant de nos jours, de cette inquiétude qui annonce l'arrivée des grandes tempêtes de l'histoire. La thèse est vis — à-vis de l'antithèse (qu'il me soit permis d'employer des termes hégéliens); il se peut que la synthèse du salut se rencontre dans l'esprit équilibré et classique de la latinité, dont la France est sans doute le représentant légitime et historique, à côté de l'Italie.

Et si nous sommes à la veille des sacrifices de cette synthèse, si, comme vous l'avez pensé et bien dit, votre

pays est à la croisée des chemins, restez surs que les amis de la France sont avec elle, l'accompagneront de leurs vœux et de leurs prières, de leurs espoirs et de leur amour.

La Société de Culture Franco-Brésilienne, fondée parmi nous dans cet esprit et dans cette persuasion, se tient toujours prête à collaborer pour la diffusion de votre pensée, pour le triomphe de votre humanisme, pour la grandeur de notre destin commun de peuples latins et de frères bien-aimés.

Plus que jamais, l'heure demande amour, sacrifice, compréhension mutuelle, tout ce qu'il faut pour que la victoire de l'esprit sur la matière devienne une glorieuse réalité.

Monsieur Michel Simon, Sergipe, qui a toujours joué un rôle remarquable dans l'histoire de notre Brésil chéri, vous embrasse et vous presse contre son cœur.

Et j'ai déjà lu que le cœur est le pendule universel du rythme...

* * *

Nota : A propósito do discurso *supra*, o professor José Augusto da Rocha Lima recebeu do professor Michel Simon a seguinte carta :

Cher professeur José Augusto,

Je relis le texte de l'allocution que vous aviez écrite pour me recevoir à la Sociedade Franco-Brasileira et que vous avez prononcée sans aucun accent, comme si vous aviez toujours fréquenté les bords de la Seine .

Et je suis profondément ému d'avoir été, par ma visite à Aracaju, le prétexte de cette très belle page, écrite en une langue très pure et faisant appel à des sentiments très hauts.

Je garde de ces quelques heures passées à Aracaju un souvenir profond et durable. Excusez-moi d'avoir tardé à vous le dire, mais je ne suis rentré à Rio qu'hier matin, après quinze jours à Bahia.

Comptez sur moi pour toutes démarches, recherches de livres, de disques, etc.

Et croyez-moi de tout coeur, ainsi que tous les vôtres, très respectueusement et très sincèrement votre.

Michel Simon

EFÊMERIDES SERGIPANAS

EPIFÂNIO DÓRIA

Setembro — 10

1895. Falece na cidade do Rio de Janeiro, onde se fixára, o poeta sergipano Crispiniano Garcia Rosa, espirite boêmio e ativo a quem as intolerancias das cátedras academicas desviaram da carreira médica que escolhera para o emprego de suas atividades culturais e profissionais. Como tantos outros talentos abrolhados neste pequenino Sergipe teve de emigrar em busca de horiontes mais amplos para os adejos de sua invejavel intelligência.

Não há como negar a razão que tinha o grande Silvio Roméro quando afirmou, nas paginas iniciáis do seu PARNASO SERGIPANO, que a literatura sergipana é uma literatura de emigrados.

Amarga fatalidade a que não podem fugir, nos países de cultura em formação, os filhos das zonas de escassa influencia nas determinações nacionais, por lhe faltar maior projeção politica e econômica.

Pungido pela mágua dêsta intangivel realidade, filha dos rumos não suficientemente equidosos de nossa politica interna, dizia o grande sociólogo e crítico, referindo-se aos versejadores de Sergipe : "não têm no pais inteiro a fama que deveriam ter, devido, exclusivamente, ao pouco valor político, social e representativo de sua terra, a menor do Brasil e a mais prejudicada de todas."

Nesta ordem de considerações assinalou também o fulgurante mestre : "Inteligentes, porém, os sergipanos, almas fustigadas por alguma cousa de nobre e elevada, o surto do espirito se lhes faz nas asas da poesia ou nas doces volátas da música. E' porque em Sergipe o próprio povo ama delirantemente estas duas artes. Não existe no Brasil terra onde a lira seja mais sonóra o folclóre mais rico, as féstas plebéias mais animadas, as modinhas mais ma-viósas, as danças mais ardentes, os lundús mais chorados". Prosseguindo afirmou Silvio Roméro :

"O povo sergipano é amavel, bondoso, hospitaleiro, e tem o dom especial de aliar a um certo fundo de ingenuidade e acanhamento a vêia cômica e as efusões da poesia".

Temperamento semelhante ao de Castro Alves que se apaixonára por uma estréia de teatro, Crispiniano também se apaixonou fortemente pelas estrélas de teatro que foram Elenora Duse Checchi e Sara Bernhardt.

Nasceu no Rosario do Catête a 25 de outubro de 1847. Sendo filho do tenente Manuel Vitorino Garcia e D. Rita da Conceição. Estudou preparatorios no antigo Ateneu Sergipense, hoje Colegio Estadual de Sergipe. Em 1877 matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, cujas aulas frequentou até o 3.º ano do curso, quando as interrompeu em consequencia de uma pena de suspensão que lhe foi imposta pela congregação da mesma Faculdade, sob o fundamento de uma agressão sua a um dos lentes. Depois dêsse incidente seguiu para a cidade do Rio de Janeiro com o pensamento de volver á Faculdade de Medicina e concluir o curso que iniciára, quando terminasse o cumprimento da pena que lhe fôra imposta.

Entregue, porém, ás seduções da grande metropole, dando larga expansão ao seu temperamento de boêmio, abandonou o proposito de prosseguir nos estudos que iniciára, caindo, infelizmente, nas demasias da vida boêmio, a exemplo de tantos outros grandes poétas. O seu éstro éra fértil e dele saíram primôres da arte poética que foram aparecendo nas folhas de sua época e, nelas andam esparr

ses. O seu nome vem citado no esplêndido Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano do Dr. Armindo Guaraná.

O Dr. Armindo Guaraná deu, no seu citado Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano, a seguinte relação das produções do poeta Crispiniano por êle colhidas :

— **Magnolias** : opúsculo de 60 estrôtes dedicação ao Conde de Matozinhos. Rio de Janeiro, 1883, 43 pags. in-8.^o Tipo. de Oliveira & Cia.

— **O Norte**. A' Elleonora Duse Checchi. Rio de Janeiro, 1885. 16 pags. in-16.^o Tip. de A. dos Santos. São três poesias dedicadas a éssa atriz.

— **Sarah Bernhardt** : poesias. Rio de Janeiro, 1886, 19 pags. in-12.^o Tipo. Teatral. Consta êste folheto de 4 composições oferecidas á celebre atriz dêste nome.

— **O Brasil e o Escravo** : poesias abolicionistas. Rio de Janeiro, 18.

— **Festim das Messalinas** : poesias. Rio de Janeiro, 18. Crispiniano Garcia Rosa éra parente proximo dêsse outro grande poeta sergipano que é Garcia Rosa, cognominado de "Solitario de Santo Antonio".

CORRESPONDENTES

- 1 — PEDRO DE OLIVEIRA RIBEIRO. (P. Antônio de O. R. Junior). São Paulo. Nasceu em Gararú a 17 de maio de 1890.
- 2 — GASTON FIGUEIRA. (José G. F. Moran). Montevideú, Uruguai. Nasceu em Montevideú a 14 de março de 1905.
- 3 — GILBERTO FREYRE. Recife — Pernambuco.
- 4 — EMÍLIA FONTES. (E. Rosa de Marcyllac F.). Rio de Janeiro. Nasceu na cidade de Laranjeiras a 14 de junho de 1871.
- 5 — OTAVIANO BASTOS. (O. de Menezes B.) — Rio de Janeiro. Nasceu na cidade da Capela a 28 de setembro de 1879.
- 6 — ARI MARTINS. (A. Peixoto M.) — Porto Alegre. Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 21 de agosto de 1908.
- 7 — CAYOFA SOCA. (Domingos C. S.) — Montevideú-Uruguai.
- 8 — HEITOR FRÓIS. (H. Prager F.) — Bahia. Nasceu na cidade do Salvador, Bahia, a 25 de julho de 1900.
- 9 — ANÍBAL FREIRE. (A. F. da Fonseca) — Rio de Janeiro. Nasceu na cidade do Lagarto a 7 de junho de 1884.
- 10 — GUEDES DE MIRANDA. (Antônio G. de M.) — Maceió — Alagoas.
- 11 — JOSÉ AMÉRICO. (J. A. de Almeida) — João Pessoa — Paraíba.
- 12 — VAGO com o falecimento de Manuel Monteiro.
- 13 — BARRETO FILHO. (José B. F.) — Rio de Janeiro. Nasceu em Aracaju a 27 de janeiro de 1908.

- 14 — GÓIS DUARTE. (José de G. D.) — Aracaju, onde nasceu a 14 de fevereiro de 1895.
- 15 — JOSÉ CALAZANS. (J. C. Brandão da Silva) — Bahia. Nasceu em Aracaju a 14 de julho de 1915.
- 16 — NELSON ROMÉRO. Rio de Janeiro.
- 17 — AMANDO FONTES. Rio de Janeiro. Nasceu na cidade Santos, S. Paulo, a 15 de maio de 1899.
- 18 — GILDO AMADO. Rio de Janeiro. Nasceu na cidade da Estancia a 11 de fevereiro de 1898.
- 19 — VAGO com o falecimento de Artur de Sales, ocorrido na Bahia a 27 de agosto de 1952.
- 20 — AMAZONAS DUARTE. (Cleóbulo A. D.) — Santos, São Paulo. Nasceu em Aracaju a 2 de fevereiro de 1898.

(*) **Lista organizada em 8-9-1952 pelo acadêmico Epifanio Dória.**

CAYACAN

(UM POEMA DE J. PIRES WYNNE)

A' Hide e Paulo (Dr. Paulo Lafaiête R. Pereira e Senhora), bons amigos paulistas.

* * *

Como é lindo o nascer do Sol ! O dia
No seu nadir ! Que linda madrugada !
Aves cantando, a rir, na ramaria
Em flor, em bando, em revoada !

Aii perto o Ribeira. Agua doce e tranquila
A correr, num lençol, tão mansa, sossegada.
Polida, como um espelho, á luz do Sol cintila.

Satisfeita e festiva, ao calôr da ardência,
Ou boêmia, a sonhar em noite enluarada.

Como é lindo o nascer do Sol ! O dia
Quando surgindo vem na lírica alvorada.
Aves cortando o ar em gorjeios de festa,
Em revôos febrís de musical orgía,
Enchendo o espaço azul da sua clarinada !

* * *

Neste velho solar de fidalgos antigos,
Calmo pouso feliz de gente pura e boa,
Sinto-me remoçar. Do meu peito se escôa

Vestido tão sómente em meu leve pijama,
Desço e seguindo vou para as bandas do rio,
Achando no ar puro, aromal, que derrama
A manhã clara e bôa,
Um festivo deleite;
E prognosticando, ao vér o Sol em chama,
O dia, que ha de ser luminoso, de estio,
Derramando-se em luz, numa chuva perfeita,
Alegre como a algazarra das creanças,
E tão claro e tão bom como um copo de leite.

Chuva de oiro e luz, auriflamante e béla
Para brilho das aguas mansas do **Ribeira**,
Flúido caminho, esteira de agua, aquella
Que por ali se vai, curvando-se, em meucios
Redondos, sensuais, como tímidos seios
De uma donzêla á flor da ardente juventude,
Trescalante de amôr, no viço da saúde.

A inconstância da vida em que sempre enjaulada
A minha alma viveu, ansiosa, inquiéta,
Presa como a do gênio agrilhado em Gôa.

Neste velho solar de fidalgos antigos,
Calmo pouco feliz de gente sossegada,
Vendo os dias, assim, remançosos, amigos,
A minha alma, a vagar, contemplando a paisagem,
Ampla e meiga, a florir na beleza selvagem,
Sente que se renova, e mil doces lembranças,
No silencio da sêsta, á sombra da varanda,
Passam, como em desfile. Almas boas e mansas,
Uma a uma, á seguir, em serena romagem.

* * *

Muito cedo desperto,
E depois do café que me servem na cama,
E de um bando bem frio,

Na manhã clara e bôa, ⁵⁴
Tão limpida e floral, sorridente e singéla,
A minha alma se expande.

(Já bem distante estou. Muitos passos distante)
Um olhar para traz e contemplo a aquaréla
Que é, visto através dos ramos baloiçantes,
Da colorida flóra e verde ramaria,
O branco, alvo palôr lunar da Casa Grande,
Cuja parede clara é da paisagem téla.

* * *

Como rosa que á luz desabotóa,
Rosa vermélha e bela,
Rubra rosa de amôr,
Dentro na luz festiva
Do dia que amanhece,
Ao rórido fulgor
A minha alma se libra e do meu peito vôa.

E na linda manhã de cabêlos de oiro,
Derramados, em cachos, nas espigas
Do milho que se alinha e se estende e se amplía,
Como uma ave, a cantar, a minha alma os quei-
(xumes
Trasmuda em musical gorjeio, sinfonia
De líricos perfumes,
E trinados febris e suaves cantigas.

Canôa branca, canôa
De véla branca, da côr
Daquele pombo que vôa,
Batendo as azas á flor
Dagua doce, clara e bôa
O **Ribeira** sonhador.

Roceira, linda roceira
De rodilha na cabeça,
De olhar de rôla brava
Ou de arisco passarinho,

Gosto da tua maneira
De cantar. Quase adivinho !
A tua voz, feiticeira,
E' como luz no caminho.

E cantas de tal maneira
Tão alto e já tão baixinho,
Que, às vezes, linda roceira
Eu quero ser passarinho.
Passarinho, pelo espaço
Vôar e cantar, também,
Mil voltas dar ao compasso
Da canção que de ti vem

Mil voltas dar pelo espaço
E pousar junto de alguém.

* * *

O' **Ribeira**, as tuas aguas
Correm, correm sem parar.
Talvez carreando maguas
Que se desfazem no mar .

Nos teus saltos tú desatas
Teus cabelos a cantar.
Assim se fazem cascatas
De sorrisos ao luar.

Canôa, leve canôa,
Canôa que o rio desce,
Bordejando, ao léo do lóa,
Volúvel, que o vento tece,

O vento que sopra e vóa
É por ser vento te esquece.

* * *

Tudo é calma em redor da **Casa Grande**, e, néla,
Agora, a doce paz bucólica floresce.
No silêncio em que vive, agora, tão singela,
Na atitude de quem já nem viver parece,
A **Casa Grande**, assim, é como a sentinela
Que adormeceu e ficou esquecida no êrmo.

Um lindo quadro antigo ! Uma formosa téla !
.....
Desce a tarde e se vai numa luz fugidia.
Doce e mortíça luz, flor de melancolia,
Que se some e se vai como a luz do Sol-pôr.
É a Casa Grande, assim, toda branca, suspensa,
Dentro no varandim,
Que circula, acompanha os seus lanços, relêvos,
Tendo em tórno o verdor da paisagem silente...

A Casa Grande, assim,
Ao pôr do Sol, quando a noite se espalma,
É se espalha por tudo a luz crepuscular...

A Casa Grande, assim, toda branca, suspensa,
No meio do verdor das arvores, imensa
Orla que já se ensombra indecisa na côr...

Na hora da Ave Maria em que tudo se acalma,
Em que tudo emudece,
Em cada flor — uma alma,

E em cada alma — uma flor
Parece despertar,
Embalsamando o campo, olhos postos na altura..

* * *

Na sanguínea do Sol que ao morrer se revêla
Aureo, rôxo, escarlata, azul e multicôr;
Na rosácea do Ocaso em que fulge e se estrêla
Como um bardo imortal um divino cantor...

A Casa grande, assim, através da espessura
Das desfolhadas arvores, sumidas
Ao clarão do Sol-pôr,
Lembra um painél antigo ou uma iluminura
De exóticas figuras coloridas
Por um pintor moderno e repentista
E d'artes avançadas e atrevidas.

Não. Não é tal. Nada disso traduz.
O que lembra não é maravilha de luz,
A rica luz do Sol que na tarde se vêla

No dia que se vai, na tarde mansa e fria,
Quando da noite o véo de veludo já desce,
E se espalha por tudo uma doce agonia,
Quando anoitece,
Quando a róta do Sol chega ao seu término,
No silêncio em que vive, agora, tão singela,
Na atitude de quem já nem viver parece,
A Casa Grande, assim, é como a sentinêla
Que adormeceu e ficou esquecida no êrmo...

* * *

Como mudada está! Noutros tempos, outróra,
Cayacan era aqui na **Ribeira** uma festa.
E não era o que hoje é — tão simples, tão modesta!

Em plácido repouso ou em doce abandono
Tudo parece agora.
E' bem pouco o que resta.

Do que outróra foi ... Ontróra, nela havia;
Alem desta paisagem, a festiva alegria
Do trabalho que anima. Um **engenho de cana**
Todo um ano a botar,
Um cheiro de melado
Vadiando por tudo, adocicando o ar.

Era cana, era arroz, era milho, era gado.
Tambem era o café. Tudo aqui se fazia
Com a agua que ali corre, a cantar, noite e dia,
Engrossando o **Ribeira**, através do valado.

* * *

Torcicolando vai o **Ribeira** em requebros
Dengosos de mulher, em mil voltas cortando
A terra que se espráia, óra em verdes campinas,
Ora como um corcél a sacudir as crinas
Ou como cobra imensa o dórso levantando.

Cabriolando vai a correr. Vem de cima.
Cabriolando vem a correr, a cantar.
Pedras pulando ali ao descer em cascata,
E já manso a correr no silencio da mata,
Cantando á luz do Sol ou á luz do luar.

Assim muda de voz. A mudança é constante,
Ora canta em surdina a fazer serenata,
Ora bem alto canta a sua voz desata
E casquilha e seu rir são mil lírios de espuma.

Alvorozado, assim, num espasmo se esfuma.

Na gênese do amor, na febre de quem ama,
Assim, como quem sonha e procura um olhar,
Para acalmar a sede ou acender a chama,
O **Ribeira** também corre em busca do mar.

* * *

Em calma e doce paz bucólica — a fazenda
Começa a adormecer sob a luz do luar.
Reses soltas, à vista; agora, pela senda,
Ei-las, uma após uma, outras a tresmalhar.
Já por tudo se espalha um perfume de lenda.
Em calma e doce paz bucólica — a fazenda
Começa a adormecer sob a luz do luar.
E' luar. O luar, alva e macia renda,
Estende-se, a cobrir os campos, o curral...
A paz, na solidão, angélica, desvenda,
Como uma doce irmã, a nossa alma floral.

Longe, longe do mundo esquisito e disforme,
No tumulto febril da agitada cidade,
Sempre, sempre a correr, dentro na luta enorme
Das paixões pueris e da louca vaidade,

Como é feliz viver ! Como é puro e suave
O perfume que vem da vida que se espalma.
A vida já não tem a face austera, grave,
E em beleza se faz perfumando a nossa alma.

Em calma e doce paz bucólica — a fazenda
Já adormecida está sob a luz do luar.
Ha, por tudo, suave, um perfume de lenda
E longe ouve-se alguém seus amores cantar.

NOTA :

Este poema, foi escrito por J. Pires Wyne, no mês de março de 1941, na fazenda **Cayacan**, no Estado de S. Paulo, por ocasião de umas férias, quando o poeta e es-

critor sergipano, interrompendo os seus labores profissionais de advogado e homem de imprensa, buscou repouso, passando uns dias no interior de S. Paulo. O poema que ora publicamos em primeira mão, é uma nota do lirismo sergipano se confundindo com a beleza da terra brasileira, e retratando, através das rimas, um quadro da vida da Zona da Ribeira, trecho esquecido e rico, no sul do Estado bandeirante.

Os Riachos de Miaba

Cada riacho toma nascimento no sopé de uma serra, vertendo geralmente de um pequeno charco onde medram apenas rasteiras plantas silvestres ou nos vincos que se formam no baixo despenho dos morros.

Tão humilde nascido não mais pára de fluir e de correr, ora mais forte, ora mais fraco, conforme a estação mais intenso, menos intenso, variando com a pressão do tempo, todavia continuo e perene, alimentado em todo o seu curso até o fim, pelas aguas advindas das grotas e dos pendores do que se poderia chamar a sua bacia hidrografica. Viaja, dai por diante, sobre rochas maciças, compactas, os quartizitos da série de itabaiana, assim classificados pelo geologo Ralph H. Sopper, quando aqui esteve em missão de estudos. Data de milénios a sua origem: logo se estabeleceu o facies actual da serra, como se poderá supôr dos sulcos e dos yalos por ele rasgados.

Murmuhante, esca choante, cantante, sempre por cima de fraguédos, e em declives apenas interrompidos por plainos curtos ou ligeiros, vai semeando de corredeiras, cascatas, cachoeiras, quedas, saltos, bacias, poços e lagos, indistintamente, e cada qual mais interessante e pitoresco, o esteiro do caminho por onde transita.

Tudo o que na plena liberdade das leis da natureza a agua é capaz de tallar, desagregar e pulverizar a rocha. materia prima que ella não só desgasta e borila: quanto reduz a meros cascalhos e fragmentos, com os quais tenta amaciar o duro leito sobre o qual se move.

E assim cavando, lixando, triturando, sem cessar, o riacho, todos por igual — e são 26 — secciona a montanha em retalhos de varios tamanhos, desvendando vales, gar-

gantas, boqueirões, desfiladeiros com relêvos e perspectivas novas, recebendo novos nomes.

De cada um desses grandes destroços da primitiva montanha, um riacho o separa do outro, ora entre massas possantes de serras, ora angusturado entre talúdes e paredões, ora se perdendo ou sumindo entre calhas apertadas de rebentões dilacerados e agúdos, para em seguida, reaparecer de novo.

Mas, sempre e sempre assinalado por uma faixa verde virente da floresta, que o não abandona, serpeante e fugitiva, dentro no painel acinzentado do vale.

E' a cinta protetora das frondes e dos troncos, muita vês espessa, sombria, flagrante, preservando os dramas da vida que no seu recêso palpita, na intimidade da agua e do mato, o gavião atrevido e vorás, a juriti solerte e despachada, o jacú desavisado e turbulento, a paca, a raposa, o gato todos até ali atraídos em busca da prêsa incanta ou do natural amor ou quando menos do frescor suave da torrente, oasis delicioso no clima ardente do nordeste.

E' a fita reluzente das copas e dos caules da murta, da maçaranduba, da sucupira, da tapiroróca, da aricurana, da almecega, do mangue doce, do páu pombo, do páu sangue, e outros, entre misturados, cerrados, unidos seguiosos da unidade, a que se agarram e sobraçam lianas inextricaveis de cipós, renques de gravatás e arbustos compondo a trama inconfundivel da flóra que no lugar se plantou por si mesma.

Mais coberta, menos coberta, ou simplesmente rala, mais estreita, mais larga, obedecendo á topografia e ás peculiaridades do sólo, a matinha vai-se estirando no sentido do viajero regato, adensando-se, aqui, em Bosque a circuitar um lago, desdobrando-se, ali, em alas, para deixar passar as aguas a cada trecho infletindo para um lado ou para o outro, em curvas e desvios para se livrar de obstaculos na passagem, avançando, esgueirando-se, descendo, sem mais apartar-se um do outro, a matinha e o riacho

juntos, confundidos, e sem se confundirem os matos da matinha com os outros matos da serra.

Serra abaixo e assim como por ela desaguam os seus 26 riachos, a jornada prossegue sobre declives, que podem ser mais acentuados ou menos, pois que o regime dominante é o dos pendores inevitáveis.

Razão de correrem as águas rumorejantes e não silenciosas.

E quando se fazem sentir em grande as diferenças de nível, ou se acusam em ângulos maiores, já de longe os ruídos chegam das pequenas cascatas e cachoeirinhas estralando jorrantes no perturbado silêncio da natureza serrana.

Não ha lamas, nem podridão nas águas. Sim, em certos pontos a presença de folhas, troncos e ramadas das arvores que elas carregam e levam, na mecânica de suas forças cegas, alimpando e sancando por destino e deixando vêr até o fundo o cristalino da torrente. Desta movimentação incontida e sem tregua, cheia de ruídos, célere, festiva, despenhando-se mais do que deslizando, de salto em salto, de atrito em atrito, palpitante, rolaute, trepidante, o flóco, já de si sancado pelas radiações do sol e pelos ventos sadios da montanha, ainda mais se afina e depura, se filtra e purifica, na sua passagem através dos cascalhos e das alvas granulações da rocha.

E' a limpida água que faz o renome conhecido do riacho, ou melhor, da miaba que outra não guarda e contém se não a que sangra de suas veias abertas no quartizito fissurado, por onde ela se infiltra e penetra, caída das nuvens, e de onde sai clara, fina, sem defeito e sem jaca, como linfa do céu, lavando e regando a montanha, que ela mesma dilacera e descarna, num esforço sem fim, trazendo ao nosso espirito motivos de contemplação e recolhimento, de serena inspiração na beleza natural do mundo em que vivemos.

GERVASIO PRATA

QUADRO ACADÊMICO (*)

CADEIRA N. 1. — Tobias Barreto (T. B. de Menezes). Nasceu na cidade do seu nome a 7 de junho de 1839 e faleceu no Recife, a 26 de junho de 1889.

CADEIRA N. 2. — Silvio Romero. Nasceu na cidade do Lagarto, a 21 de abril de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro, a 18 de julho de 1914.

CADEIRA N. 3. — Fausto Cardoso. (F. de Aguiar C.) Nasceu no engenho S. Felix, município de Divina Pastora, a 22 de dezembro de 1864 e faleceu em Aracaju, a 28 de agosto de 1906.

CADEIRA N. 4. — Bittencourt Sampaio. (Francisco Leite de B. S.) Nasceu em Laranjeiras a 1º de fevereiro de 1834 e faleceu no Rio de Janeiro, a 10 de outubro de 1895.

CADEIRA N. 5. — Ivo do Prado. (I. do P. Montes Pires da França.) Nasceu em S. Cristóvão, a 20 de maio de 1860 e faleceu no Rio de Janeiro a 24 de abril de 1925.

CADEIRA N. 6. — Gumerindo Bessa. (G. de Araujo B.) Nasceu na Estância, a 2 de janeiro de 1859 e faleceu em Aracaju a 24 de agosto de 1913.

Garcia Rosa (Antonio G. R.) Nasceu no engenho Riacho Preto, município de Japaratinga, a 8 de dezembro de 1877.

Felto Bezerra. Nasceu em Aracaju, a 25 de dezembro de 1908.

Cleómenes Campos (C. C. de Oliveira) Nasceu em Maruim, a 10 de agosto de 1895.

José Augusto (J. A. da Rocha Lima.) Nasceu no povoado Escorial, município de Gararú, a 22 de julho de 1897.

Dom Antônio Cabral (A. dos Santos C.) Nasceu em Propriá, a 8 de outubro de 1884.

Gilberto Amado. Nasceu na Estância a 7 de maio de 1887.

CADEIRA N. 7. — Curvelo de Mendonça. (Manuel C. de M.) Nasceu no engenho Quintas, município de Riachuelo, a 29 de julho de 1870 e faleceu em Laranjeiras, a 17 de setembro de 1914.

CADEIRA N. 8. — Felisbello Freire (F. Firmo de Oliveira F.) Nasceu em Itaporanga a 30 de janeiro de 1858 e faleceu no Rio de Janeiro, a 7 de maio de 1916.

CADEIRA N. 9. — Maximino Maciel (M. de Araújo M.) Nasceu no Rosário do Catete, a 20 de abril de 1866 e faleceu no Rio de Janeiro, a 2 de maio de 1923.

CADEIRA N. 10. — Lapa Pinto. (Elzeário Prudência da L. P.) Nasceu em S. Cristóvão, a 28 de abril de 1839 e faleceu no Rio de Janeiro, a 22 de novembro de 1897.

CADEIRA N. 11. — Lima Junior. (Francisco Antônio de Carvalho L. J.) Nasceu em Itabaiana, a 4 de junho de 1856 e faleceu no Rio de Janeiro, a 1º de fevereiro de 1929.

CADEIRA N. 12. — Severino Cardoso. (S. Maurício C.) Nasceu na Estância, a 14 de março de 1840 e faleceu em Aracaju, a 2 de outubro de 1907.

Luiz Melo (L. Pereira de M.) Nasceu em Aracaju, a 15 de maio de 1905.

Manuelito Campos. (Manuel C. de Oliveira). Nasceu em Maroim, a 8 de janeiro de 1899.

Rubens Figueiredo. (R. de F. Martins). Nasceu em Aracaju, a 10 de julho de 1896.

Severino Uchôa. (S. Pessoa U.) Nasceu em Camutanga, També, Pernambuco, a 13 de abril de 1909.

Silva Ribeiro Filho. (José da S. R. F.) Nasceu em Aracaju, a 15 de janeiro de 1907.

Carlos Costa. (C. Camélio C.) Nasceu em Laranjeiras, a 27 de outubro de 1900.

CADEIRA N. 13. — Santa Cecília. (José de S. C.) Nasceu em S. Cristóvão no ano de 1809 e ali faleceu a 6 de setembro de 1859.

CADEIRA N. 14. — Horácio Hora. Nasceu em Laranjeiras, a 17 de setembro de 1853 e faleceu em Paris, a 1º de março de 1890.

CADEIRA N. 15. — Armin-do Guaraná. (Manuel A. Cordeiro G.) Nasceu em S. Cristóvão a 4 de agosto de 1848 e faleceu em Aracaju, a 10 de maio de 1924.

CADEIRA N. 16. — Pedro de Calasans (P. Luziense de Bittencourt C.) Nasceu no engenho Castelo, município de Santa Luzia, a 29 de janeiro de 1837 e faleceu a bordo do vapor em que viajava para a Europa, a 24 de fevereiro de 1874.

CADEIRA N. 17. — Ascendino Reis (A. Angelo dos R.) Nasceu em S. Cristóvão, a 20 de abril de 1852 e faleceu em S. Paulo, a 16 de setembro de 1926.

CADEIRA N. 18. — Vigário Barroso (J. Gonçalves B.) Nasceu em Laranjeiras, a 21 de março de 1821 e faleceu em São Cristóvão, a 17 de setembro de 1882.

Freire Ribeiro. (João F. R.) Nasceu em Aracaju, a 4 de setembro de 1911.

João Cajueiro. (J. Evangelista C.) Nasceu em Penêdo, Alagoas, a 6 de outubro de 1906.

Garcia Moreno. (João Batista Perez G. M.) Nasceu em Laranjeiras, a 12 de dezembro de 1910.

Exuperio Monteiro (E. Santana M.) Nasceu em Itabaianinha, a 8 de fevereiro de 1900.

Mário Cabral (M. de Araujo C.) Nasceu em Aracaju, a 26 de março de 1914.

Dom Mário Vilas-Bôas. (M. de Miranda V. B.) Nasceu na cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, a 4 de agosto de 1903.

CADEIRA N. 19. — Pereira Barreto. (João Antônio P. B.) Nasceu na Estância a 13 de janeiro de 1876 e faleceu em Aracaju, a 7 de agosto de 1926.

CADEIRA N. 20. — Coelho e Campos. (José Lutz C. e C.) Nasceu no engenho Mata Verde, município da Capela, a 4 de fevereiro de 1843, e faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de outubro de 1919.

CADEIRA N. 21. — Caldas Junior (Francisco Antônio Vieira C. J.) Nasceu no sítio Porteitas, município de Neópolis, a 13 de dezembro de 1868 e faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 9 de abril de 1913.

CADEIRA N. 22. — Martinho Garcez. (M. Cesar da Silveira G.) Nasceu no engenho Comendaroba, município de Laranjeiras, a 30 de novembro de 1850 e faleceu no Rio de Janeiro a 11 de agosto de 1925.

CADEIRA N. 23. — Ciro de Azevedo. (C. Franklin de A.) Nasceu em Aracaju a 16 de outubro de 1858 e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de janeiro de 1927.

Pires Wynne. (João P. W.) Nasceu em Riachuelo a 5 de setembro de 1906

Alfeu Rosas. (A. R. Martins.) Nasceu em João Pessoa, Paraíba, a 2 de março de 1888.

Maurício Cardoso. (Joaquim M. C.) Nasceu na Estância a 12 de fevereiro de 1876.

Foi eleito a 5 de janeiro de 1951 Alberto Bragança. (A. B. de Azevedo). Não tomou posse ainda, tendo obtido dilação de prazo para a mesma.

Leite Néto. (Francisco L. N.) Nasceu em Riachuelo a 14 de Março de 1907.

CADEIRA N. 24. — Pedro Moreira. (P. Ribeiro M.) Nasceu a 3 de setembro de 1848, em Laranjeiras e faleceu em Manaus, Amazonas, a 30 de janeiro de 1914.

CADEIRA N. 25. — Dias de Barros. (Antônio D. de B.) Nasceu em Aracajú a 19 de dezembro de 1817 e faleceu no Rio de Janeiro a 2 de fevereiro de 1928.

CADEIRA N. 26. — Monseñor Fernandes da Silveira. (Antônio F. da S.) Nasceu na Estância no ano de 1795 e faleceu no Itapicurú, Bahia, a 30 de janeiro de 1882.

CADEIRA N. 27. — Manuel Luiz. (M.L. Azevedo de Araujo). Nasceu na Estância a 24 de novembro de 1834 e faleceu em Aracajú a 21 de outubro de 1883.

CADEIRA N. 28. — Conselheiro Orlando. (Salustiano O. de Araujo Costa). Nasceu em S. Cristóvão a 8 de junho de 1834 e faleceu no Rio de Janeiro a 23 de agosto de 1908.

CADEIRA N. 29. — Jackson de Figueirêdo. Nasceu em Aracajú a 9 de outubro de 1891 e faleceu no Rio de Janeiro a 4 de novembro de 1928.

Júlio de Albuquerque. (J. Ferreira de A.) Nasceu em Macaó a 26 de setembro de 1878.

Carvalho Neto. (Antônio Manuel de C.N.) Nasceu em Simão Dias a 14 de fevereiro de 1889.

Florentino Menezes. (F. Teles de M.) Nasceu em Aracajú a 7 de novembro de 1886.

Benedito Cardoso. (B. da Silva C.) Nasceu em Aracajú a 28 de novembro de 1903.

Gervásio Prata. (G. de Carvalho P.) Nasceu em Simão Dias a 18 de julho de 1886.

Domingos Fonseca. (D.F. de Almeida). Nasceu no Campo do Brito a 6 de julho de 1898.

- CADEIRA N. 30. — José Jorge. (J. J. de Siqueira). Nasceu em Laranjeiras a 1.º de fevereiro de 1845 e faleceu em Itabaiana a 4 de janeiro de 1870.
- Enoch Santiago. (E. Matusalem S.) Nasceu no Lagarto a 19 de novembro de 1892.
- CADEIRA N. 31. Gomes de Souza. (José Maria G. de S.) Nasceu na Estância a 15 de março de 1839 e faleceu em Ressaquinha, município de Barbacena, Minas, a 29 de novembro de 1894.
- Filadelfo Oliveira. (F. Jonata de O.) Nasceu em Laranjeiras a 15 de janeiro de 1897.
- CADEIRA N. 32. — Oliveira Ribeiro. (Pedro Antônio de O. R.) Nasceu em Laranjeiras a 8 de setembro de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro a 29 de junho de 1917.
- Edison Ribeiro. (E. de Oliveira R.) Nasceu em Laranjeiras a 21 de agosto de 1897.
- CADEIRA N. 33. — Oliveira Campos. (Manuel Joaquim de O. C.) Nasceu em Campos, hoje Tobias Barreto, a 16 de junho de 1818 e faleceu na fazenda Taboca, município de Boquim, a 12 de abril de 1891.
- Humberto Dantas. (H. Olegário D.) Nasceu em Marum a 13 de dezembro de 1896.
- CADEIRA N. 34. — Aranha Dantas. (Manuel Ladisláu A. D.) Nasceu em S. Cristóvão a 27 junho de 1810 e faleceu na Bahia a 4 de novembro de 1875.
- Olegário Silva. (O. Ananias S.) Nasceu no Riachão do Dantas a 6 de julho de 1883.
- CADEIRA N. 35. — José Lourenço. (J. L. de Magalhães). Nasceu na Estância a 11 de setembro de 1831 e faleceu em S. Paulo a 23 de novembro de 1905.
- Augusto Leite. (A. Cesar L.) Nasceu no engenho Espírito Santo, município de Riachuelo, a 30 de julho de 1886.

CADEIRA N. 36. — Bricio Cardoso. (B. Mauricio de Azevedo C.) Nasceu na Estância a 9 de julho de 1884 e faleceu em Aracajú a 11 de novembro de 1924.

CADEIRA N. 37. — Joaquim de Oliveira. (J. José de O.) Nasceu em S. Cristóvão a 2 de novembro de 1820 e faleceu no Rio do Janeiro a 16 de setembro de 1872.

CADEIRA N. 38. — Guilherme Rabelo (G. Pereira R.) Nasceu em Aracajú a 5 de junho de 1858 e faleceu em Niterói a 19 de março de 1928.

CADEIRA N. 39 — Joaquim Fontes. (J. Martins F. da Silveira). Nasceu no engenho Salobro, município do Socorro hoje Cotinguiba, a 22 de agosto de 1866 e faleceu em Bananal, Estado de S. Paulo, a 9 de novembro de 1918.

CADEIRA N. 40. — Baltazar Góis. (B. de Araujo G.) Nasceu no sítio N. S. dos Prazeres, município de Itaporanga, a 30 de outubro de 1853 e faleceu em Aracaju a 13 de janeiro de 1914.

Hunald Cardoso. (H. Santafior C.) Nasceu em Aracajú, a 2 de setembro de 1894.

Luiz Garcia. (Nasceu no Rosário do Catete a 14 de outubro de 1910.

Marcos Ferreira. (M. F. de Jesus). Nasceu em Simão Dias a 24 de março de 1893.

Zózimo Luna. Nasceu na Capela a 5 de abril de 1889.

Epifânio Dória. (E. da Fonseca D. e Menezes.) Nasceu na Fazenda Barro Caído, termo de Campos, hoje Tobias Barreto, a 7 de abril de 1884.